



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Jacqueline de Albuquerque Varella

**Instruir e Civilizar: Medeiros e Albuquerque entre práticas e redes de  
sociabilidade na primeira república**

Rio de Janeiro

2018

Jacqueline de Albuquerque Varella

**Instruir e Civilizar: Medeiros e Albuquerque entre práticas e redes de sociabilidade na primeira república**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientador (a): Prof.a Dra. Alexandra Lima da Silva

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

V293 Varella, Jacqueline de Albuquerque.  
Instruir e Civilizar: Medeiros e Albuquerque entre práticas e redes de sociabilidade na primeira república / Jacqueline de Albuquerque Varella. – 2018. 113 f.

Orientadora: Alexandra Lima da Silva  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Albuquerque, Medeiros e, 1867-1934 – Teses. 3. Intelectuais – Teses. I. Silva, Alexandra Lima da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es CDU 37(091)(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Jacqueline de Albuquerque Varella

**Instruir e Civilizar: Medeiros e Albuquerque entre práticas e redes de sociabilidade na primeira república**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 18 de julho de 2018.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alexandra Lima da Silva  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Chrystina Venancio Mignot  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Evelyn de Almeida Orlando  
Escola de Educação e Humanidades PUCPR

Rio de Janeiro

2018

## DEDICATÓRIA

A minha amada mãe Janaina de Albuquerque, em memória de meu amado pai Jayme Varella Filho e em memória à minha querida e amada avó Neusa da Silva.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus. A minha mãe Janaina de Albuquerque, que com seu amor e cuidado me conduziu e auxiliou, desde os primeiros momentos de vida, me amparando e instruindo dentro do lar e junto à escola. Agradeço a meu querido pai Jayme Varella Filho, que hoje não se encontra mais entre nós agradeço todo o seu esforço, luta, preocupação, amor incondicional, desde o meu nascimento até os últimos dias de sua vida. Aos meus demais familiares – em especial minhas queridas irmãs, Jéssica de Albuquerque Varella e Solange Lourenço Varella, por todo o apoio e minha querida prima, Michele Varella, pelo carinho e amizade –, meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço a minha querida orientadora, Alexandra Lima da Silva, por toda a estrutura necessária para escrever estas páginas. Por sua generosidade sem igual comigo e meus colegas, nos apoiando, compartilhando todo o seu conhecimento e, nos incentivando a escrever e publicar trabalhos em eventos e periódicos. Agradeço a minha querida amiga, professora, orientadora de monografia e de Iniciação Científica Ana Chrystina Mignot, que acreditou na minha capacidade e deu a minha primeira oportunidade de trabalho como pesquisadora na área de História da Educação; ensinando-me, junto ao seu grupo de pesquisa, a dar os primeiros passos que me fizeram trilhar os caminhos que me trouxeram até aqui. Agradeço aos meus colegas do grupo de mestrado – Ricardo Elia, Nayana Lopes e Amanda Santos – pelo companheirismo nesta trajetória.

Agradeço aos meus queridos amigos: Isaak Saldanha; Janaína Caetano; André Ricardo Barbosa e Dayany Nascimento, que me deram força, incentivo e torceram por mim todo o momento. Aos colegas da UERJ: Shayene Silva; Heloisa dos Santos e Dayane Tavares, que me auxiliaram, desde a época do concurso para o mestrado, com o empréstimo de livros e orientações.

Agradeço a todos os funcionários da UERJ, aos professores do ProPEd que ministraram as minhas disciplinas por toda generosidade, ao longo desses anos de vínculo com a instituição e, por todo o aprendizado e compartilhamento de saberes.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), pelo financiamento deste estudo, pois sem ele, seria inviável seguir no curso do mestrado. E espero que no futuro, apesar do governo atual, essa oportunidade seja um direito de todos os estudantes matriculados nos cursos de pós-graduação das universidades de todo o país.

Sem dúvida, é demasiado afirmar que o historiador tem ‘o tempo’ como ‘material de análise’ ou como ‘objeto específico’. Trabalha, de acordo com os seus métodos, os objetos físicos (papéis, pedras, imagens, sons, etc.) que distinguem, no continuum do percebido, a organização de uma sociedade e o sistema de pertinências próprias de uma ‘ciência’. Trabalha sobre um material para transformá-lo em história.

*Michel Certeau*

## RESUMO

VARELLA, Jacqueline de Albuquerque. *Instruir e Civilizar: Medeiros e Albuquerque entre práticas e redes de sociabilidade na primeira república*. 2018. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Interpretar a Educação do início da república, nas práticas realizadas por José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, através das múltiplas facetas deste sujeito – político, escritor, Imortal da Academia Brasileira de Letras, diretor da Instrução Pública do Distrito Federal (1897- 1906) e intelectual viajante – é o objetivo deste estudo. Enquanto intelectual, legitimou-se entre a geração de homens de letras conhecida como “Boêmia”, no final do século XIX e início do século XX. Atuou, fazendo uso da prática do discurso na política, a favor da abolição e frequentando o grupo de republicanos liderados por Silva Jardim. Deixou à posteridade uma vasta produção literária, com destaque à escrita de memórias, sendo elas: “Minha vida” ( em dois volumes), “Quando era vivo” e “Por Alheias Terras”; obras que ajudam a interpretar suas práticas educativas e levam luz aos conflitos políticos da época. Na Instrução Pública, reformou todo o ensino municipal, ampliou a educação primária, pois fim às escolas de segundo grau e trabalhou em prol do magistério feminino. Para esta interpretação, utilizo dos documentos encontrados em arquivos que, inter cruzados, contribuem para compor os traços da trajetória deste sujeito na educação. Estas fontes foram localizadas através da pesquisa no Acervo da Fundação Biblioteca Nacional (FBN); no Arquivo da Academia Brasileira de Letras (ABL); no Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) e no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ). Dialogo junto aos trabalhos de Nagle (1974) e Carvalho (1990), que abarcam a república no Brasil; Nora (1993) e Pollak (1992), com seus estudos sobre memória e identidade; sobre intelectuais e suas práticas, destaco Sirinelli (1996), Gomes (2016) e El Far (1998) (2006); as questões relacionadas às práticas reformadoras à frente da Instrução Pública, Mignot (2013), Gondra (2004), Almeida (1998) e sobre sua atuação como intelectual viajante, verso junto à produção de Silva (2012) (2017) e Mignot e Gondra (2007). A trajetória de Medeiros e Albuquerque, com foco em suas práticas, permite compreender mais a respeito da educação republicana no campo dos estudos da História da Educação.

Palavras-chave: Intelectuais. Medeiros e Albuquerque. Instrução Pública. Primeira República.



## ABSTRACT

VARELLA, Jacqueline de Albuquerque. *Instruct and Civilize: Medeiros e Albuquerque between practices and networks of sociability in the first republic*. 2018. 113 f. Dissertation (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Interpreting Education of the beginning of republic, in practices carried out by José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, through multiple facets of this person - politician, writer, Immortal of Brazilian Academy of Letters, director of the Public Instruction of Federal District (1897 - 1906) and intellectual traveler - is the purpose of this study. As intellectual, he legitimized himself among the generation of men of letters known as "Boêmia", at the end of 19th century and beginning of 20th century. He acted, using the practice of political speech, in favor of abolition and attending the group of republicans led by Silva Jardim. He left to posterity a vast literary production, with emphasis on writing memories, as: "My life" (in two volumes), "When I was alive" and "By Other Lands"; works that help to interpret his educational practices and bring light to political conflicts of the time. In Public Education, he reformed all municipal education, expanded primary education, ending high school and worked for women's magisterium. For this interpretation, I use the documents found in archives that, cross-linked, contribute to compose the traces of this person in education. These sources were located through the research in the National Library Foundation (FBN); in the Archives of Brazilian Academy of Letters (ABL); in the Collection of Rui Barbosa's House Foundation (FCRB) and in the General Archive of the City of Rio de Janeiro (AGCRJ). I dialogue with the works of Nagle (1974) and Carvalho (1990), that embrace republic in Brazil; Nora (1993) and Pollak (1992), with their studies on memory and identity; about intellectuals and their practices, I emphasize Sirinelli (1996), Gomes (2016) and El Far (1998) (2006); the questions related to the reform practices ahead Public Instruction, Mignot (2013), Gondra (2004), Almeida (1998) and his work as an intellectual traveler, together with the production of Silva (2012) (2017) and Mignot and Gondra (2007). The trajectory of Medeiros and Albuquerque, focusing on his practices, allows understanding more about republican education in the field of studies of History Education.

Keywords: Intellectuals. Medeiros and Albuquerque. Public Instruction. First Republic.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Contra capa do livro de memórias <i>Minha vida</i> .....	22
Figura 2 -	Capa do livro <i>Quando era vivo</i> , edição de 1981.....	23
Figura 3 -	Carta de Medeiros e Albuquerque destinada a Calvino, dono da Editora, 1933.....	24
Figura 4 -	Imagem da celebração do Dia da Bandeira na prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, em 19 de novembro de 1925. Na primeira foto está o grupo de políticos, da direita para esquerda, vê-se Medeiros e Albuquerque. Na segunda foto vê-se o asteiamento da bandeira, com o recinto repleto de observadores que lotavam até mesmo as escadarias da prefeitura .....	26
Figura 5 -	Foto de Medeiros e Albuquerque, fundador da cadeira 22, vestido com o traje de imortal da ABL.....	38
Figura 6 -	Página final da revista literária <i>Kósmos</i> , sem número, com os agradecimentos aos colaboradores.....	43
Figura 7 -	Propaganda da Livraria do Povo no jornal <i>A Gazeta de Notícias</i> de 27 de agosto de 1889, com a chamada: “Livros Baratíssimos”.....	44
Figura 8 -	Anuncio do lançamento do livro de Contos de Medeiros e Albuquerque no Jornal <i>O País</i> de 3 de abril 1900 .....	45
Figura 9 -	Exemplar do bilhete enviado por Machado de Assis à Medeiros e Albuquerque, com resposta do intelectual. ....	49
Figura 10 -	Foto da carta enviada para José Veríssimo que trata da crítica feita por Medeiros e Albuquerque ao livro <i>Educação Nacional</i> , enviado junto a outros livros do autor em 27/07/1894. ....	53
Figura 11 -	Exemplar da carta de Medeiros e Albuquerque à José Veríssimo, cobrando-o uma resposta sobre sua saída do Conselho da Instrução Pública.....	54
Figura 12 -	Telegrama de condolências à morte de Medeiros e Albuquerque enviado pelo Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas. ....	57
Figura 13 -	Telegrama enviado pela Sociedade Brasileira de Atores Teatrais, em 12 de junho de 1934.....	57
Figura 14 -	Carta enviada pelo Grêmio literário do Colégio Paula Freitas.....	58
Figura 15 -	Fotografia do velório de Medeiros e Albuquerque no necrológico do Jornal <i>À noite</i> , de 11/06/1934 .....	60

Figura 16 - Na fotografia, vê-se Medeiros e Albuquerque ao lado direito de Pereira Passos, juntamente com Nascimento e Silva, com Coronel Souza Aguiar e a professora Joana Palhares, em ocasião da inauguração da Escola Rodrigues Alves, situada ao lado do Palácio do Catete.....	65
Figura 17 - Inauguração da Escola Tiradentes em 25 de novembro de 1905. No centro estão, respectivamente, Medeiros e Albuquerque e Pereira Passos. ....	66
Figura 18 - Fotografia retirada em um evento realizado no Instituto profissional feminino durante o ano de 1902.....	83
Figura- 19 - Contra capa do livro de viagens por Alheias Terras .....	88
Figura 20 - Cartão de apresentação do Intelectual Medeiros e Albuquerque na época em que viveu em Paris. No cartão, escrito em francês, apresenta-se como membro da Academia Brasileira de Letras e correspondente dos jornais brasileiros : “ <i>O Estado de São Paulo, A Noite e A Notícia</i> .....	93
Figura 21 - Imagem do embarque de Medeiros e Albuquerque em 1910.....	94
Figura 22 - Página do Jornal a Notícia edição especial sobre a deflagração da primeira guerra mundial. 16/08/1914. ....	95
Figura 22 - Primeira edição de <i>Tests</i> ( Introdução ao estudo dos meios científicos de julgar a intelligencia e a aplicação dos alunos).....	100

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Conferências realizadas por Medeiros e Albuquerque no Instituto Nacional de Música.....	41
Quadro 2 - Livros escritos por Medeiro e Albuquerque.....	46
Quadro 3 - Correspondências estabelecidas entre Medeiros e Albuquerque e seus pares ....	50
Quadro 4 - do Orçamento da Diretoria Geral da Instrução Pública, no ano de 1902.....	65
Quadro 5 - Reforma da Instrução Pública do Distrito Federal em 1897 .....	68
Quadro 6 - Membros do Conselho da Instrução Pública de 1897 a 1906 .....	79
Quadro 7 - Cursos do Instituto Profissional Masculino .....	85
Quadro 8 - Cursos do Instituto Profissional Feminino .....	85

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABL	Academia Brasileira de Letras
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FBN	Fundação Biblioteca Nacional
AGCRJ	Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro
FCRB	Fundação Casa de Rui Barbosa
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## SÚMARIO

“SE EU FOSSE SCHERLOCK HOLMES ” .....	13
1 MEMÓRIAS E ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAÇÃO.....	21
1.1 Em voz alta.....	26
1.2 Consagrando-se imortal.....	38
1.3 Estreitando laços: As redes de sociabilidade .....	47
2 A REFORMA DA INSTRUÇÃO COMO PROJETO POLÍTICO.....	62
2.1 Práticas reformadoras, conflitos e disputas .....	67
2.2 A municipalização do <i>Pedagogium</i> .....	72
2.3 O Magistério Feminino .....	75
3 UM INTELLECTUAL VIAJANTE.....	87
3.1 Escritas de Viagem .....	88
3.2 Exílio Político .....	89
3.3 A comissão à europa e o laboratório de psicologia do <i>Pedagogium</i> .....	97
3.4 Breves impressões sobre a Educação nos Estados Unidos.....	102
CONSIDERAÇÕES ANTES DE SEGUIR POR NOVOS INDÍCIOS.....	102
REFERÊNCIAS .....	106

## “SE EU FOSSE SCHERLOCK HOLMES ”

Os romances de Conan Doyle me deram o desejo de empreender alguma façanha dos gêneros da de Sherlock Holmes. Pareceu-me que deles se concluía que tudo estava em prestar atenção aos fatos mínimos.

*Albuquerque, 1993, p. 30*

Conhecido na literatura por ser um dos principais precursores do gênero policial no Brasil, em um dos seus contos *Se eu Fosse Sherlock Holmes*, que possui notória analogia ao detetive criado por Conan Doyle, Medeiros e Albuquerque narra seu trabalho indiciário na busca por um anel roubado. O método indiciário nas obras de Edgar Allan Poe, de certa forma, o intrigava. Sendo assim, caro leitor, inspirada por Medeiros e Albuquerque e atenta aos “fatos mínimos”, lancei-me em arquivos e intuições de guarda, tal qual Sherlock Holmes, na minha jornada em busca de pistas e documentos.

Na historiografia, o paradigma indiciário de que abarca (GINZBURG 1986, p. 157), consiste em um exercício comparativo dos fatos, onde o “historiador é comparável a um médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como o médico, o conhecimento histórico é indireto, indiciário e conjectural”. A respeito deste processo, também, salienta (CERTÉAU, 2006, p. 81): “Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira”. A partir desses conceitos, busquei ao longo desta jornada organizar periódicos, fotos, livros, ofícios, cartas e notas avulsas que estavam dispersos. Transitei em diversos arquivos, dentre eles: o Arquivo Geral da Cidade, a Biblioteca Nacional, a Biblioteca da ABL, o arquivo pessoal de Medeiros e Albuquerque também na ABL e o Arquivo da Casa de Ruy Barbosa. Tracei estratégias de pesquisa, manuseando as fontes de forma a entrecruzá-las e assim, interpretar as diferentes nuances da trajetória deste sujeito.

Medeiros e Albuquerque se dedicou à vida pública e assumiu cargos expressivos no início da república atuando como professor, imortal fundador da cadeira 22 da ABL, político, escritor e jornalista. Abarco nestas páginas os diferentes traços de sua trajetória, focalizando as questões referentes à educação no início da república, principalmente, no período que assume o cargo de Diretor da Instrução Pública do Distrito federal – 1897 a 1898 e 1901 a 1906. Investigo os indícios que me ajudam a interpretar as práticas e as redes de sociabilidade

na trajetória deste sujeito, de forma a compreender suas estratégias de legitimação na cena republicana, entre o final do século XIX e o início do século XX.

Esta trajetória de pesquisa, que lhes apresento, teve seu início na minha graduação em Pedagogia, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ainda nos primeiros anos, tornei-me bolsista de Iniciação Científica do CNPq e fiz parte do projeto de pesquisa da professora Ana Chrystina Mignot *O Pedagogium, símbolo da Educação Republicana*. É através dos documentos do *Pedagogium* que tenho meu primeiro encontro com Medeiros e Albuquerque, o qual já no primeiro momento me arrebatou, aguçou minha curiosidade, me fazendo pesquisar mais ao seu respeito – na época, ainda com foco na instituição criada por Benjamim Constant.

Venho amadurecendo, pouco a pouco, minha caminhada como pesquisadora no campo da História da Educação. Percebia este sujeito como uns dos principais articuladores para o funcionamento deste espaço educacional, junto ao então diretor do *Pedagogium* Manoel Bomfim, que assumiu o cargo por um longo período, até o fechamento, em 1919 (MIGNOT, 2013). A partir de um recorte desta pesquisa, escrevo minha monografia entregue em 2012 e intitulada *Instrução Pública e instituições educacionais na trajetória intelectual de Medeiros e Albuquerque*. Outro fruto deste estudo é o capítulo em (co) autoria com Mignot *Entre (auto) biografias: Medeiros e Albuquerque na construção da educação republicana*, para o livro *Pedagogium símbolo da modernidade republicana*.

Formulo questões que me levam a avançar a respeito das múltiplas faces deste intelectual: Em quais lugares circulou? Quais foram suas práticas no campo da Educação? Como sua imagem foi construída? Identifica-lo enquanto um intelectual atuante, entre o final do século XIX e início do século XX, foi um dos principais processos nesta caminhada. Para (GOMES, 2016, p.10) “os intelectuais seriam uma categoria socioprofissional marcada quer pela vocação científica, no dizer weberiano, ou pela especialização que lhes confere ‘capital cultural’ e poder simbólico, nos termos de Bourdieu, quer pelo gosto da polêmica, inclusive a política”. Através do conceito de intelectual estabelecido pelos estudos da história social, interpreto suas práticas.

Busco problematizar, ao longo de toda dissertação, a construção da sua rede de sociabilidades de forma a compreender os caminhos que levaram este sujeito ao cargo de diretor da Instrução Pública do Distrito Federal. No início da república os conflitos políticos e ideológicos, por trás de seu afastamento do cargo, durante 1899 a 1901, as articulações políticas e os sujeitos que viabilizaram ou dificultaram suas práticas reformadoras – com destaque ao prefeito Francisco Pereira Passos, Manoel Bomfim e José Veríssimo.



Compreendendo que “as estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos de intelectuais estudados” (SIRINELLI, 1996, p. 249). Neste sentido, lanço questões: Como se estabelecia sua rede de sociabilidade? Quais eram as relações entre seus pares? Quais foram os laços estabelecidos na ABL e nos cargos políticos? Os elementos que compõem estas articulações são intrinsecamente necessários para interpreta-lo enquanto republicano e reformador da Instrução Pública.

O cenário que abarca meu recorte temporal é o Brasil do final do século XIX, com os conflitos e as transformações da cena política e educacional, durante a transição do império para República. Assim como, a Belle Époque carioca nos primeiros anos do século XX. A Belle Époque da cidade do Rio de Janeiro, na época Distrito Federal do Brasil, foi um momento de muitas mudanças que reformularam o espaço urbano e os costumes sociais dos moradores desta cidade, reverberando por todo o país – com seu ápice no governo de Pereira Passos, de 1902 a 1906. “O Rio Civiliza-se”, com este slogan de campanha o prefeito botava abaixo os cortiços, abria largas avenidas e subia prédios arquitetônicos inspirados em Paris. Neste contexto, a educação aparece como grande propulsora deste programa político. Medeiros e Albuquerque compartilhava, junto aos seus pares, destas mesmas ideias em voga, todavia, se preocupavam com o avanço moral e intelectual da sociedade que na época contava com uma população formada, em sua maioria, por analfabetos. Por seu turno, a frente da Instrução Pública, destaca: “É impossível que não salte à vista de todos a necessidade de fazer com que por essas avenidas não passem tantos analfabetos e que si é justo gastar rios de dinheiro para bem calçar as ruas, mais justo é ainda despender o cêntuplo para construir escolas, para lhes dar todos os meios de desenvolvimento”<sup>1</sup>.

O intelectual expressava um comprometimento com a república impresso, fortemente, em seus trabalhos como literato, jornalista e político. Autor da letra do Hino da República fez parte do grupo de propagandistas republicanos. Frequentava as reuniões secretas no Café Londres, reduto “célebre”, situado à Rua do Ouvidor, no mesmo prédio do Jornal *A notícia*, como descreve o literato Luís Edmundo em suas memórias, lançadas em 1900. Entre as diversas correntes republicanas, seguia a Jacobina de Silva Jardim e Floriano Peixoto. Esta corrente, inspirada na Revolução Francesa, acreditava em uma tomada de poder “pelo povo lutando nas ruas e nas barricadas” (CARVALHO, 2007, p. 1).

Embora admitisse certa frustração com os caminhos tomados pela república em Quando era Vivo, assim como, no livro Parlamentarismo e Presidencialismo no Brasil, depois de proclamada a república foi nomeado a diversos cargos públicos. Indicado por Benjamim

---

<sup>1</sup> Discurso às normalistas, 1904. Acervo da ABL

Constant, em 1890, a secretário do Ministério do Interior, assumiu a direção da pasta logo em seguida. Ainda que dialogasse com os projetos positivistas de Benjamin Constant, manteve-se fiel aos seus objetivos iniciais republicanos, enfrentando ao longo de sua vida no funcionalismo público diversas retaliações. Uma delas feita por Cesário Alvim, que abriu inquérito sobre seu trabalho no Ministério do Interior, não encontrando provas, reformulou o Ministério, dispensando-o logo em seguida. No mesmo ano, Benjamin Constant o nomeou temporariamente a Diretor do Ginásio Nacional e, posteriormente, a membro do Conservatório Dramático; Vice Reitor do Ginásio, professor das Escolas do 2º grau e professor da Escola Dramática<sup>2</sup>. Para Medeiros e Albuquerque, o positivista mostrou-se um grande amigo ajudando-o a alavancar-se na vida pública. O intelectual, por seu turno, tornou-se umas das principais pessoas de confiança no projeto republicano liderado por Benjamin Constant.

As memórias de Medeiros e Albuquerque se tornaram um recurso importante em meu processo de investigação e escrita. Nos últimos anos de sua vida, já com a saúde fragilizada, volta-se para a vida privada e usava de seu tempo para tecer suas memórias. Deixa assim, publicados: *Minha vida da Infância á mocidade* (1933); *Minha vida da mocidade á Velhice* (1934), em dois volumes; e suas memórias póstumas *Quando era vivo* (1942). Saliento que, para este estudo, utilizarei como fonte suas memórias póstumas. Faço está opção, pois feita a leitura de ambas percebo poucas diferenças no que tange a narrativa e nenhuma a mais sobre os assuntos da Instrução Pública ou qualquer outro em sua trajetória. No entanto, não deixarei de problematizar o volume expressivo de memórias produzidas por este sujeito, ao interpretar suas estratégias de legitimação e de construção de sua imagem à posteridade. Em *Quando era vivo*, narra fatos de sua vida pública, pondo o foco em suas redes de sociabilidade, deixando escapar certos momentos em que viveu no cargo de diretor da Instrução Pública, trabalhando junto aos prefeitos da cidade e do corpo de funcionários da Instrução Pública. Nomeou professoras/ professores e angariou recursos para o laboratório de psicologia do *Pedagogium*, junto a Manoel Bonfim. Mesmo sendo fontes importantes, às memórias possuem certo limite (NORA, 1993). Levando em consideração este limite, diferentes olhares além do deste sujeito – assim como, outras fontes e materialidades – são de suma necessidade para fugir à linearidade. Se a “escrita memorialista desvela a necessidade de testemunhar” (MIGNOT, 2002, p.47), nela há a necessidade de suprir, ocultar, silenciar, pois se trata também de uma forma de documentar a imagem para posteridade.

---

<sup>2</sup> ALBUQUERQUE (1981)

Em *As Aventuras de Sherlock Holmes*, encontro uma frase interessante em um dos diálogos do detetive com seu famoso companheiro, Sr. Watson: “É um erro capital teorizar antes de ter dados”. Por mais que pareça um exercício primordial para a escrita da história, lidar com os dados e teoriza-los são tarefas complexas. Sigo as pistas, investigo os nomes citados por Medeiros e Albuquerque, comparo-os aos documentos da Instrução Pública – quadros de funcionários, relatórios de inspetores, nomeações e contas das instituições que pertenciam à municipalidade. Vou tecendo as redes dos sujeitos e das práticas que circulavam nas folhas oficiais do município, mas ainda não é o bastante, uma vez que os documentos oficiais expressam a política vigente, possuindo também limites.

Em um dos trechos iniciais de seu livro de memórias, pontua: “o que havia de interessante, eu escrevia em artigos para jornais. Era essa a minha ocupação profissional, de que nas páginas destas memórias procurei descansar”<sup>3</sup>. Sendo assim, lanço-me aos jornais neles encontro um espaço de circulação de ideias, de disputas e discursos Sodré (1966). Tendo como profissão o jornalismo, mapeio os periódicos em que colaborou – *A notícia*, *O Malho* e a *Gazeta de Notícias* – em busca de compreender melhor o que estava por trás dos documentos da Instrução Pública e de sua escrita memorialista. Assim, tive acesso às críticas, tanto positivas como contrárias à reforma empreendida por este sujeito, além de ampliar meu olhar a respeito da relação que mantinha com seus pares.

A colaboração em jornais e revistas era uma característica comum entre os intelectuais e os imortais da ABL, que transitavam entre o espaço acadêmico e o político. A respeito destes acadêmicos, problematiza (EL FAR, 1998, p. 57): “esses críticos literários, romancistas, poetas, jornalistas publicavam seus textos nos principais jornais e revistas da época, e eram, com isso, conhecidos pela população letrada do país”. Escrever em periódicos era uma estratégia, tão somente, para popularização de obras literárias, como destaca o trecho acima, mas também se tornava um recurso financeiro para aqueles que viviam da pena, como destaca Silva (2012).

Na historiografia da educação este sujeito segue ainda (in) visibilizado, embora tenha sido autor da reforma da Instrução Pública Municipal, no de 1897, suas práticas no campo da Educação continuam pouco exploradas. A partir de uma revisão bibliográfica, encontrei trabalhos como o artigo de (PINHEIRO e VALENTE, 2014) que traz uma análise do campo dos estudos matemáticos, a partir da aritmética nas escolas primárias. No campo da Psicologia, sobre o livro *Tests*, de Medeiros e Albuquerque, o artigo de Salvador (2012) que interpreta, com foco no campo das letras, a estética simbolista nas crônicas jornalísticas do

---

<sup>3</sup> (ALBUQUERQUE, 1981, p. 14-15)

intelectual, na coluna literária do jornal *A Notícia*. No campo da história da Educação, recentemente, Marques (2015) em sua tese de doutoramento, focaliza a escolarização primária do Distrito Federal nas gestões de Ramiz Galvão e Medeiros e Albuquerque. Há trabalhos onde este sujeito emerge, ainda que não seja o foco central, como na dissertação de Santos (2011) sobre a Congregação da Escola Normal, que sinaliza a relação deste sujeito enquanto diretor da Instrução Pública, com a Escola Normal e os congregados. Assim como, na tese também escrita por Santos (2014) sobre a educadora Esther Pedreira de Mello, primeira mulher inspetora da Instrução pública, nomeada durante a gestão de Medeiros e Albuquerque.

No primeiro capítulo, intitulado *Memórias e estratégias de legitimação*, busco apresentar suas memórias e suas estratégias de legitimação junto aos seus pares (companheiros e opositores), nos espaços em que transitou. Em quais espaços circulou? Como construiu sua carreira pública ao longo dos anos? Quem eram seus pares? Quais eram os ideais que legitimaram suas práticas? Como descrito em seu livro de memórias, ainda jovem, lança-se a vida política, fazendo frente ao movimento republicano jacobino e, de forma simultânea, como muito de seus pares, torna-se um influente literato e jornalista. Fazendo parte, portanto, do grupo de Intelectuais Imortais da Academia Brasileira de Letras, em um período onde os livreiros aumentavam seu prestígio na sociedade e eram expandidas as livrarias. Conceituo este primeiro capítulo com os estudos de Carvalho (1989), Nagle (1974), Mattos (1989) e Abreu (1998), em que os três primeiros tratam sobre a política republicana e o último me ajuda a compreender como Medeiros e Albuquerque projeta sua imagem pública; assim como Nora (1993) e Pollak (1992), com seus estudos sobre memórias. A respeito da trajetória dos intelectuais fundadores da ABL e suas práticas entre a imprensa e os livreiros, utilizo o estudos de Gomes (1993), que abarca as sociabilidades dos intelectuais da *Belle Époque* carioca e o estudo sobre a história do livro no Brasil de Hallewell (2005).

A escrita epistolar também é aqui focalizada, de forma a responder lacunas em suas redes de sociabilidade. Busco, em toda a dissertação, evidenciar as relações estabelecidas pelo intelectual. No primeiro capítulo, problematizo a importância das epístolas no estudo da trajetória deste sujeito. As cartas, aqui selecionadas, se tratam de uma coletânea de correspondências que consegui reunir na pesquisa realizada nos acervos. Pela troca expressiva de correspondências, destaco a relação do intelectual com José Veríssimo que se integrou ao grupo fundador da ABL e, também fez parte do Conselho da Instrução Pública, durante 1902 e 1903. Para esta leitura, tomo como principais bibliografias os estudos de Castillo (2015), Venâncio (2001) e Mignot (2005), que abarcam a escrita epistolar na história da Educação. As

correspondências relacionadas às viagens serão abordadas no terceiro capítulo, destinado ao estudo deste sujeito enquanto viajante.

Início o segundo capítulo, de título *A Educação Como projeto republicano de Nação*, focalizando em seu projeto para a educação, através do estudo da Reforma da Instrução Pública do Distrito Federal, durante o período que ocupa o cargo de Diretor desta pasta. Interpreto esta reforma como um projeto político de educação republicana, aliado à construção de uma nação instruída e civilizada. Busco trazer outros olhares, como o relatório de 1909, escrito pelo, então, diretor da Instrução Pública Leôncio Corrêa, que problematiza a reforma realizada por Medeiros e Albuquerque, em 1897. As páginas do relatório revelam que a reforma colaborou para a promoção e expansão da educação primária e a educação das mulheres na cidade do Rio de Janeiro. Dialogando junto aos seus biógrafos, Carlos Sussekind de Mendonça e Mauricio de Medeiros, faço questões que me ajudam a avançar e tecer os fios representados por esses diferentes olhares, interpretando, assim, suas práticas educadoras. Como Medeiros e Albuquerque conseguiu mudar a imagem do ensino público municipal? O crescente número de alunos inscritos lotavam as salas ao decorrer dos anos, após a reforma de 1897, mas a estrutura das escolas parecia não acompanhar este crescimento. Sendo assim, como Medeiros e Albuquerque consegue financiar e organizar este projeto de expansão do ensino público? Como lidava com as demandas dos alunos e professores? Os dilemas e conflitos, sobretudo, a escassa verba destinada à instrução, aparece, constantemente, como um fator que supria as suas condições de trabalho.

O intelectual fica conhecido também por sua atuação junto às mulheres. Um dos seus biógrafos, seu irmão e intelectual Mauricio de Medeiros, tece em seu livro *Homens Notáveis* (1964), uma biografia sobre Medeiros e Albuquerque. Nela ele destaca o trabalho realizado por seu irmão em prol do magistério feminino, chegando a chama-lo de Feminista. Com desconfiança, indago: será que Medeiros e Albuquerque era um feminista? Na falta de encontrar esta afirmativa nas memórias de Medeiros e Albuquerque, busco, nos periódicos, algo sobre sua atuação como feminista. Em *O Malho*, o intitulavam de “O paladino das Saias”, por sua atuação à frente da Instrução Pública em favor das mulheres. Na reforma da Instrução Pública do Distrito Federal, restringe a matrícula da escola normal apenas para as mulheres; cria o Instituto Profissional Feminino e nomeia um número expressivo de educadoras para fazer parte do Conselho da Instrução Pública, que contava com a participação de figuras conhecidas do campo da Educação, como José Veríssimo, Manoel Bomfim e Olavo Bilac, por exemplo. Abarco os estudos de Perrot (2007) e Almeida (1998) para pensar o papel

da mulher na sociedade e de Santos (2014), que tece a trajetória da educadora Esther Pedreira de Mello.

No capítulo três, *Um Intelectual Viajante*, aprofundo sua atuação enquanto um sujeito em trânsito. O que seria um intelectual viajante? Quais as motivações para suas viagens? Por quais lugares transitou? Ao longo desses anos de pesquisa sobre Medeiros e Albuquerque, me permito interpretar, de forma até poética, este sujeito enquanto um viajante ao seu tempo. Além de empreender viagens de longas e curtas distâncias, vejo sua incursão nos diferentes espaços sociais, tal como, um viajante que transita deixando suas vivências e levando na bagagem as experiências do convívio com seus pares. Deixou o registro de suas viagens ao redor do mundo em *Por Alheias Terras* (1931), esteve em exílio em Paris, de 1910 a 1916, onde escreveu suas crônicas de viagens na coluna “De Lonje”, no jornal *A notícia*. Através destas crônicas de viagens, pude encontrar suas críticas à instrução no Brasil e em outros lugares por onde circulou. Para esta interpretação utilizo os estudos sobre viajantes de Alexandra Silva (2015) e Mignot e Gondra (1997), que tecem sobre viagens Pedagógicas.

Sendo assim, como se eu fosse Sherlock Holmes, inspirada pelo espírito curioso de Medeiros e Albuquerque, segui as pistas em busca de visibilizar suas estratégias de legitimação e as práticas no campo da Educação. Elas revelam, um pouco mais, sobre o Brasil na primeira república e como os intelectuais pensavam a educação neste período de nossa história. Engajado no projeto republicano de construir uma nação instruída e civilizada, este sujeito dedicou-se à Instrução Pública, à causa das mulheres no magistério, à literatura, à política e a desbravar “alheias terras” em busca de diferentes olhares. Convido-o agora, leitor, a conhecer as múltiplas facetas de Medeiros e Albuquerque.

## 1 MEMÓRIAS E ESTRATÉGIAS DE LEGITIMAÇÃO

Memórias, quem as escreve precisa dizer por que o faz. Há sempre a desconfiança de que o escritor desse gênero literário se julga um personagem importante, que achou útil explicar à posteridade o que foi, para que a lembrança dos seus altos feitos se perpetuasse. É, portanto, um gênero até certo ponto suspeito.

*Albuquerque, 1981, p. 11*

José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque nasceu em 04 de setembro, de 1867, em Recife, estado de Pernambuco. Veio ainda criança viver no Rio de Janeiro por conta da vida política de seu pai Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque, que foi conselheiro do Império. Sobre sua mãe, pouco tive acesso; o próprio cita pouco sobre ela em memórias. Teve uma educação voltada para as letras, formando-se advogado, no entanto, segue mesmo a carreira de jornalista, de político e de escritor. Ao longo de sua trajetória, atuou como – literato, imortal e fundador da Academia Brasileira de Letras, jornalista, político – participou da instauração da república e foi deputado estadual por Pernambuco; dedicou-se a escrita de romances policiais, escrevendo junto a Afrânio Peixoto<sup>4</sup>, Coelho Neto<sup>5</sup> e Viriato Correia<sup>6</sup> o primeiro romance policial brasileiro *Mysterio* (1921).

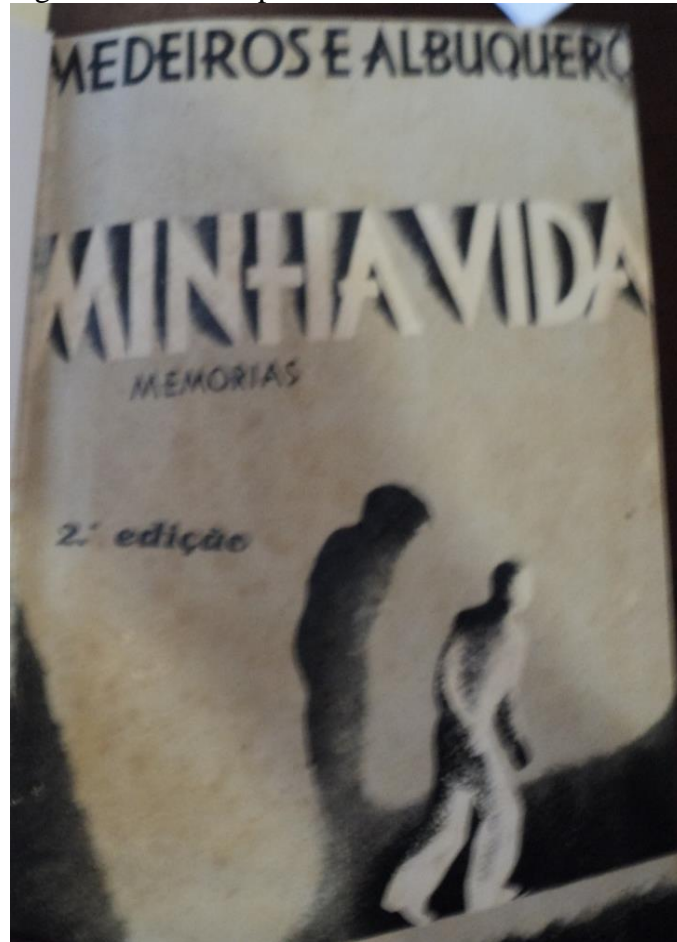
<sup>4</sup> Terceiro ocupante da Cadeira 7, eleito em 7 de maio de 1910, na sucessão de Euclides da Cunha e recebido em 14 de agosto de 1911 pelo Acadêmico Araripe Júnior. Recebeu os Acadêmicos Osvaldo Cruz em 26 de junho de 1913, Aloísio de Castro em 15 de abril de 1919 e Alcântara Machado em 4 de outubro de 1933. Foi sucedido por Afonso Pena Júnior. Afrânio Peixoto (Júlio A. P.), médico legista, político, professor, crítico, ensaísta, romancista, historiador literário, nasceu em Lençóis, nas Lavras Diamantinas, BA, em 17 de dezembro de 1876, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 12 de janeiro de 1947. Foram seus pais o capitão Francisco Afrânio Peixoto e Virgínia de Moraes Peixoto. O pai, comerciante e homem de boa cultura, transmitiu ao filho os conhecimentos que auferiu ao longo de sua vida de autodidata. Criado no interior da Bahia, cujos cenários constituem a situação de muitos dos seus romances, sua formação intelectual se fez em Salvador, onde se diplomou em Medicina, em 1897, como aluno laureado.... Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/biografia>

<sup>5</sup> Coelho Neto (Henrique Maximiano Coelho Neto), romancista, crítico e teatrólogo, nasceu em Caxias, MA, em 21 de fevereiro de 1864, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de novembro de 1934. Foram seus pais Antônio da Fonseca Coelho, português, e Ana Silvestre Coelho, índia. Tinha seis anos quando seus pais se transferiram para o Rio. Estudou os preparatórios no Externato do Colégio Pedro II. Depois tentou os estudos de Medicina, mas logo desistiu do curso. Em 1883 matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo. Seu espírito revoltado encontrou ali ambiente para expansões, e ele se viu envolvido num movimento dos estudantes contra um professor. Prevendo represálias, transferiu-se para Recife, onde fez o 1º. ano de Direito, tendo Tobias Barreto como o principal mestre. Regressando a São Paulo, entregou-se às ideias abolicionistas e republicanas, numa atitude que o incompatibilizou com certos mestres conservadores. Não concluiu o curso jurídico em 1885, e transferiu-se para o Rio. Fez parte do grupo de Olavo Bilac, Luís Murat, Guimarães Passos e Paula Ney e a história dessa geração apareceria no seu romance *A conquista* (1899). Tornou-se companheiro assíduo de José do Patrocínio, na campanha abolicionista[...] Ver em: [www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia](http://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia)

<sup>6</sup> Terceiro ocupante da Cadeira 32, eleito em 14 de julho de 1938, na sucessão de Ramiz Galvão e recebido pelo Acadêmico Múcio Leão em 29 de outubro de 1938. Recebeu nos Acadêmicos Josué Montello, Luís Edmundo e Raimundo Magalhães Júnior. Viriato Correia (Manuel Viriato Correia Baima do Lago Filho), jornalista, contista, romancista, teatrólogo e autor de crônicas históricas e livros infanto-juvenis, nasceu em 23 de janeiro de 1884, em Pirapemas, MA, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 10 de abril de 1967. Filho de Manuel Viriato Correia Baima e de Raimunda Silva Baima, ainda criança deixou a cidade natal para fazer cursos primário e secundário em São Luís do Maranhão. Começou a escrever aos 16 anos os seus primeiros contos e poesias. Concluídos os preparatórios, mudou-se para Recife, cuja Faculdade de Direito

Também ficou conhecido por ser um dos precursores da estética simbolista. Como memorialista, deixa escrito o livro de memórias, *Minha Vida*, em dois volumes: *Minha vida da Infância a mocidade* e *Minha Vida da Mocidade a Velhice*; o de memórias de viagens *Por Alheias Terras* – este último, será aqui tratado no terceiro capítulo – e, seu livro de memórias póstumas, *Quando era Vivo*, lançado em 1942, oito anos após sua morte.

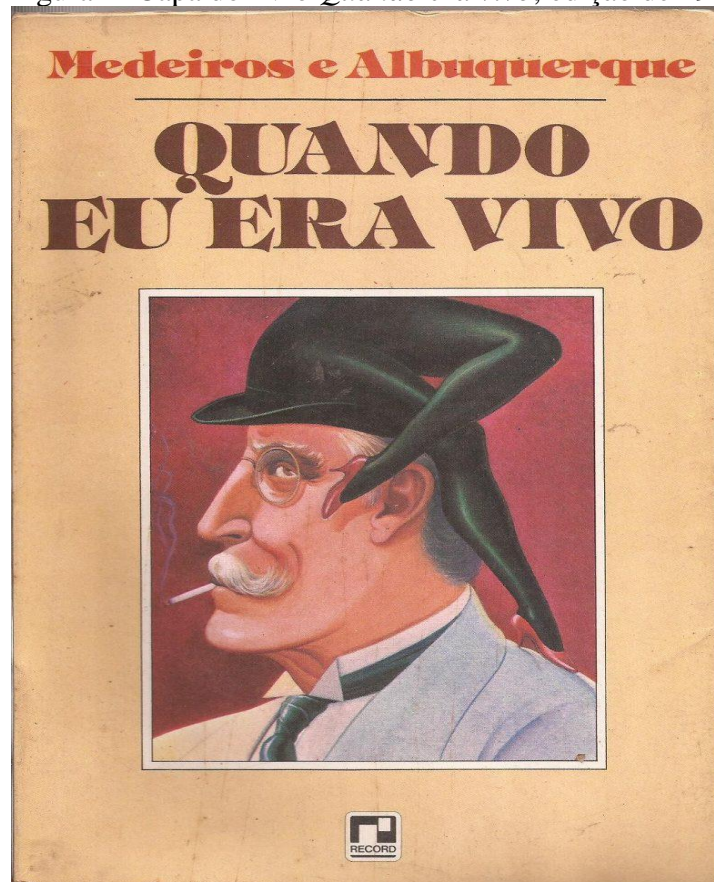
Figura 1- Contra capa do livro de memórias *Minha vida*



Exemplar da Biblioteca Lucio de Mendonça- ABL



Figura 2- Capa do livro *Quando era vivo*, edição de 1981.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Estas produções tornaram-se fontes importantes para compreender sua trajetória, dando-me algumas pistas de suas práticas educativas na Instrução Pública e como viajante. Assim, identifico este sujeito tal como um intelectual de seu tempo. O termo *intelectual* aqui empregado é com base nos estudos de Sirinelli (1996) e Gomes (2016), que interpretam os intelectuais a partir do campo da história e da sociologia ou como define (SILVA, 2012, p. 165):

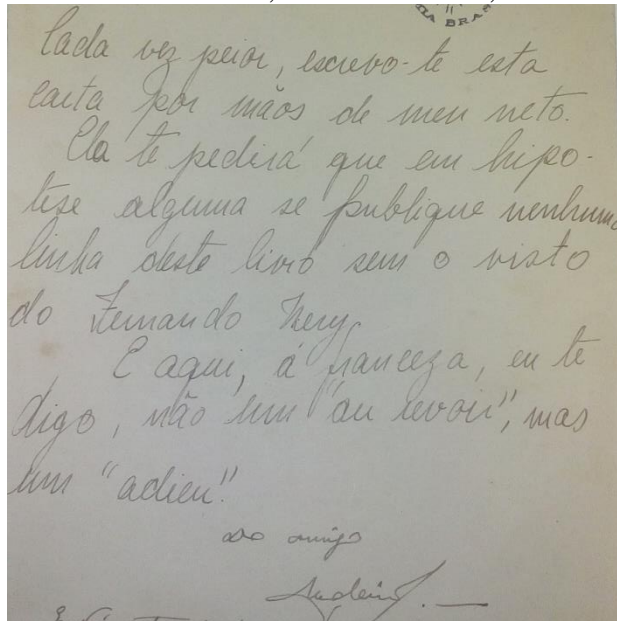
no campo aberto pela chamada História Intelectual, situada no cruzamento das Histórias Política, Social e Cultural, a categoria intelectual é definida aqui como produtores de bens simbólicos, mediadores culturais e atores do político, relativamente engajados na vida da cidade e/ou nos locais de produção e divulgação de conhecimento e promoção de debates.<sup>7</sup>

*A priori*, nos primeiros momentos em que iniciei a pesquisa sobre este sujeito, ainda na Iniciação Científica, a quantidade significativa de sua escrita memorialística me chamou atenção, pois revela sua preocupação em deixar uma imagem construída para posteridade. Uma preocupação, tão evidente, que ao ler todos estes livros, o leitor é capaz de perceber que

<sup>7</sup> Em sua tese de doutoramento Alexandra Lima da Silva faz um estudo sobre a viagem do intelectual Rocha Pombo ao norte do Brasil.

tais obras se complementam. Esta pista é deixada pelo próprio autor que faz citação de suas memórias de viagem na introdução dos outros livros, por exemplo. No rastro de sua trajetória, também encontro este outro documento, que demonstra a preocupação com o futuro lançamento do livro *Quando era vivo*:

Figura 3- Carta de Medeiros e Albuquerque destinada a Calvino, dono da Editora, 1933.



Fonte: Arquivo da Academia Brasileira de Letras

A carta foi enviada por Medeiros e Albuquerque ao dono da Editora Calvino<sup>8</sup>, na qual o livro foi publicado. O conteúdo da carta, assim como, as próprias condições em que foi escrita, definem bem a preocupação de um homem público com sua imagem e também com a sua própria versão do tempo histórico em que viveu junto de seus pares. A carta escrita por seu neto mostra um Medeiros e Albuquerque já idoso, frágil de saúde, porém lúcido, que se despede como o mesmo diz: não com um “Au revoir”, mas com um “Adieu”, ciente de seu pouco tempo de vida. Nela deixa recomendações a Calvino, confiando a leitura e os cuidados do livro ao amigo Fernando Nery.

A respeito da escrita memorialística, certa vez, em colaboração com *O Malho*, deixa suas impressões através de um texto que escreve homenageando o aniversário da revista. Faz uma discussão sobre este tipo de escrita, sobre quem as escreve, o que suprem ou pretendem

<sup>8</sup> A Editora Calvino começou seus trabalhos no ano de 1931 sob o nome de Editora Calvino Filho. Fica conhecida a partir dos anos 40, por suas publicações de cunho Marxista e por sua atuação contra a censura no Estado Novo. Em *Política Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política*, Rodrigo Pato de Sá Motta, traz no capítulo *O diabo das bibliotecas comunista: Repressão e Censura no Brasil dos anos 30*, um estudo sobre os livros que eram censurados no período, dando destaque as produções editadas pela Editora Calvino, pondo em relevo sua atuação política de resistência.

revelar. No que tange sua própria produção, em *Quando era vivo*, diz que escreveu suas memórias, pois queria deixar o registro sobre as pessoas ilustres com quem conviveu, mas esta matéria escrita para *O malho* pode dizer mais sobre o que ele silenciou:

O romancista inventa, faz nascer personagens, que não tem realidade. O memorialista pode deformar um pouco essa realidade, sobretudo escondendo as partes más de sua vida e procurando por em relevo as boas. Não há, porém, que nenhum que empreendendo contar essa vida, não acabe por deixar trair-se. Em todo caso ele trabalha sobre realidades.<sup>9</sup>

A partir das próprias palavras de Medeiros e Albuquerque, questiono sobre a produção deixada por ele: Será que o intelectual deixou trair-se? Quais seriam essas lacunas ou excessos? Compreender os limites da memória é o ponto de partida. Alude (NORA, 1993, p.9): “a memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento”. Tomando consciência de que nossa memória é imperfeita, com esquecimentos e distorções, como adverte Nora, o olhar para a memória enquanto fonte modifica-se. Portanto, quem se dedica ao estudo de memórias precisa ser vigilante, não ultrapassando o limite que a caracteriza.

Ao lado da memória dos indivíduos, há que se pensar na memória de certas instituições. Dir-se-á que nesse caso não se deve falar de memórias e sim de história. Mas em muitos casos é talvez melhor usar aquela expressão. Uma revista e um jornal são frequentemente verdadeiras personagens.

Nesse trecho, o intelectual, fala sobre a importância da escrita das memórias de sujeitos e instituições, pondo o foco neste tipo de material e nas possíveis contribuições para o campo da história, que podem ser produzidas através de suas interpretações. Sendo o texto escrito para homenagear a revista, Medeiros e Albuquerque destaca os jornais e revistas como verdadeiras personagens – ou como define Pierre Nora, “lugares de memórias”. Depois de sua reflexão, fala também sobre a trajetória da revista *O Malho* e de sua tarefa irreverente de atacar os poderosos com suas sátiras.

Documentos registram versões do tempo pretérito. Não podem funcionar como prova. Não são testemunhos incontestes. São pistas de formas de ver o mundo (MIGNOT, 2002, p. 51). Portanto, ao interpretar as passagens de seu livro de memórias é possível perceber a sua atuação enquanto intelectual, intervindo na sociedade através de suas diferentes atribuições. Fatos sobre sua vida política são narrados, questões sobre a instrução silenciadas, aspectos da infância são lembrados e ajudam há compreender um pouco mais este sujeito, contudo, jamais ter a total exatidão dos elementos que compõem, por completo, sua trajetória. Sendo assim,

---

<sup>9</sup> Revista *O malho* edição de Janeiro de 1957

caro leitor, cruzo sua escrita memorialística com os documentos da pesquisa em arquivos, de forma a interpretar suas práticas legitimadoras no campo intelectual e educacional. Como ele constrói sua imagem pública? Como tece suas relações? Quais eram os sujeitos que fizeram parte de suas redes de sociabilidade? Quais as práticas que legitimaram seu projeto de instruir e civilizar? Essas são algumas das questões que me levam a escrever estas páginas e que serão problematizadas a seguir.

### 1.1 Em voz alta

A revista *O Malho*<sup>10</sup>, de 28 de novembro de 1925, põe na íntegra uma reportagem sobre a solenidade do Dia da Bandeira, realizada em 19 de novembro daquele ano. Com título “Festa da Bandeira na Prefeitura”, traz imagens e destaques do discurso de Medeiros e Albuquerque à bandeira, proferido no palácio da prefeitura, junto a figuras políticas da cena carioca do período. Celebrar os símbolos e vultos da República era uma estratégia entre os republicanos de construir a memória coletiva de maneira grandiosa, com o objetivo de criar e unificar uma nação. (CARVALHO, 2003, p.9), define as estratégias republicanas no que tange a escolha da bandeira e do hino:

A luta pelo mito da origem, pela figura do herói, pela alegoria feminina, era parte importante na legitimação e talvez mais reveladora por não se tratar de exigência legal. Mas era luta de resultado menos conclusivo, pois não decidia a representação simbólica oficial da República. Não foi assim com a bandeira e o hino. De adoção de uso obrigatório, esses dois símbolos tinham de ser estabelecidos por legislação, com data certa. Era batalha decisiva.

Por ter sido, portanto, uma celebração com objetivo de reverenciar essa memória coletiva, a festa envolveu pessoas que representavam diversas realidades sociais. Contando com a presença do intelectual, que participava da cerimônia, assim como das figuras remanescentes do movimento republicano, além da participação de alunos das escolas cariocas, que carregaram o pavilhão e ali escutaram o acalourado discurso à pátria. Direcionando o olhar para a perspectiva da materialidade da revista, enquanto documento, é possível perceber que a reportagem de página inteira, com ilustrações, não exalta, apenas, a festividade republicana, mas, o prestígio da própria revista, já que Medeiros e Albuquerque fazia parte dos colaboradores de *O Malho*, escrevendo textos literários.

Figura 4- Imagem da celebração do Dia da Bandeira na prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, em 19 de novembro de 1925. Na primeira foto está o

<sup>10</sup> Revista ilustrada criada em 1902, voltada a crítica da vida política e cultural do país. Ver em: <http://omalho.casaruibarbosa.gov.br/>



grupo de políticos, da direita para esquerda, vê-se Medeiros e Albuquerque. Na segunda foto vê-se o hasteamento da bandeira, com o recinto repleto de observadores que lotavam até mesmo as escadarias da prefeitura



Fonte *o Malho* 28/11/1925- arquivo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Ao lado das imagens estão as descrições do evento: “Altas autoridades da República no pátio da prefeitura, por ocasião da oração de Medeiros e Albuquerque” e “Medeiros e Albuquerque pronunciando o patriótico discurso, perante as crianças do distrito federal alunas das escolas municipais”. Nas duas legendas a revista exalta a cerimônia, pondo o intelectual em grande destaque junto aos demais que ali estavam, incluindo o, então, prefeito da cidade Alair Prata<sup>11</sup>. A presença das crianças, alunas das escolas municipais, evidencia outra marca

<sup>11</sup> Graduado em engenharia civil pela Escola Politécnica de São Paulo, foi prefeito de Uberaba, uma das mais proeminentes cidades do Triângulo Mineiro, e deputado federal pelo estado de Minas Gerais de 1909 a 1922. Convidado pelo presidente Artur Bernardes (1922-1926) para ser prefeito do Distrito Federal, assumiu o cargo em 16 de novembro de 1922, sucedendo a Carlos Sampaio, e nele permaneceu durante todo o quadriênio. Enfrentaria ferrenha crítica da imprensa à sua

característica da Primeira República - o valor dado à educação como único meio de “civilizar” o povo e a figura da criança, que simbolizava o futuro da nação. A Educação na primeira República tinha o objetivo de cumprir o papel crucial de iniciar um novo momento da história do Brasil, que para os republicanos, só poderia ocorrer deixando para trás as marcas do império<sup>12</sup>. Nas bases desse projeto estavam a ideia de civilizar por meio do combate ao analfabetismo e pela higienização. *O Malho*, também disponibilizou aos seus leitores “A oração à Bandeira”, declamada por Medeiros e Albuquerque:

Bendita sejas tu na paz ou na guerra. Na paz, onde quer que tremules, na aldeia ou na cidade, na usina, na escola ou no quartel; em terra firme. Nos mastros que te arvoram, orgulhosos, ou sobre o mar sem fim, nos navios em que te desfraldas. Na aldeia, quando a festa dos humildes te levam entre andores de santos, entre musicas rústicas, bendita sejas tu, que lhes acompanha as alegrias simples. Na cidade, quando passam os grandes cortejos e tu palpitas diante as casas cheias de gente, engalanadas e festivas, bendita sejas tu que lhes lembras toda a vastidão da pátria. E si o que vae pelas ruas é a cadencia alegre dos batalhões, cujo passo tem a rythmo dos corações tranquilos e confiantes, que batem cheios de esperança no futuro, bendita sejas tu, que, esvoaçando sobre el'es nos dás a certeza de que velam por nós os que tomaram a si o encargo de nos defender. Quando na escola em festa, no alvoroçado chilrear das crianças, chega o dia em que galardoam com prêmios os mais laboriosos, tu ahí estás também, nos pequenos escudos que enfeitam as salas de aulas e tu lhes dizes que é preciso que se façam dignos de te servir e de te agradecer [...]O Malho 25/11/ 1926

No trecho é possível ver o papel importante da bandeira, enquanto símbolo na construção do ideal republicano perante os jovens estudantes do país. Nas primeiras décadas da República, diversos movimentos surgem em combate ao analfabetismo, a favor do ensino primário e em prol da higiene, como destaca (NAGLE, 1974). Um dos mais conhecidos foi *A Liga em Combate ao Analfabetismo*<sup>13</sup>, que contou com o apoio de diversos intelectuais e outros representantes da elite do país, que uniram-se em um grande movimento contra o analfabetismo e a favor do ensino público primário. Em *A defesa Nacional*, Olavo Bilac<sup>14</sup>

---

administração, provavelmente como reflexo dos movimentos revolucionários que eclodiram antes e durante o mandato do presidente Artur Bernardes... Ver em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PRATA,%20Alaor.pdf>

<sup>12</sup> Em Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. Schueler e Magaldi (2008) problematizam o projeto educacional republicano com foco na escolarização primária.

<sup>13</sup> A Liga de Combate ao Analfabetismo foi criada em 1915, no Rio de Janeiro, com o objetivo de combater o Analfabetismo no Brasil. De teor cívico e patriótico, era composta por médicos, militares e homens de letras. Ver em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/>

<sup>14</sup> Olavo Bilac (Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac), jornalista, poeta, inspetor de ensino, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de dezembro de 1865, e faleceu, na mesma cidade, em 28 de dezembro de 1918. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras criou a cadeira nº. 15, que tem como patrono Gonçalves Dias. Eram seus pais o Dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac e D. Delfina Belmira dos Guimarães Bilac. Após os estudos primários e secundários, matriculou-se na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, mas desistiu no 4º. ano. Tentou, a seguir, o curso de Direito em São Paulo, mas não passou do primeiro ano. Dedicou-se desde cedo ao jornalismo e à literatura. Teve intensa participação na política e em campanhas cívicas, das quais a mais famosa foi em favor do serviço militar obrigatório. Fundou vários jornais, de vida mais ou menos efêmera, como *A Cigarra*, *O Meio*, *A Rua*. Na seção “A Semana” da *Gazeta de Notícias*, substituiu Machado de Assis, trabalhando ali durante anos. É o autor da letra do Hino à Bandeira.(...) Bilac foi, no seu tempo, um dos poetas brasileiros mais populares e mais lidos do país, tendo sido eleito o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, no concurso que a revista *Fon-Fon* lançou em 1º. de março de 1913. Alguns anos mais tarde, os poetas parnasianos seriam o principal alvo do

discursa na Biblioteca Nacional sobre a Liga de Combate ao Analfabetismo, expressando este sentimento nacionalista:

O país já sabe, pela rama, o que esta Liga pretende fazer: estimular o patriotismo consciente e coesivo; propagar a instrução primária, profissional, militar e cívica; e de fender: com a disciplina, o trabalho; com a força, a paz; com a consciência, a liberdade; e, com o culto do heroísmo, a dignificação da nossa história, e a preparação do nosso porvir. (BILAC, 1916, p.37)

O discurso cívico surge enquanto prática legitimadora de um projeto em construção, comum à elite republicana e aos homens de letras, como o próprio Olavo Bilac, Medeiros e Albuquerque e Coelho Netto<sup>15</sup>. Salieta (ABREU, 1996, p.66) que “O homem público encontra-se-ia identificado com um ‘bem maior’, a pátria [...] A pátria tem sentido não apenas de terra natal, mas, fundamentalmente, de uma grande obra em permanente construção. O homem público, na ideologia individualista moderna, assemelha-se ao artista, ao criador. A pátria/nação é a sua criatura”.

A oração à bandeira não foi o único momento em que Medeiros e Albuquerque dedica a escrever versos sobre a República. Enquanto poeta, o intelectual usa da pena para expressar o seu apoio e, também o seu repúdio, no caso, ao Império. Por ocasião da partida de Dom Pedro II, escreve o poema com título *17 de novembro de 1889*<sup>16</sup>. Seu apoio, ademais, fica marcado na letra do Hino da República, de sua autoria. A poesia de Medeiros e Albuquerque está cheia de referências e expressa o seu sentimento e de seus pares para com o futuro da nação, como se nota abaixo:

Seja um pálio de luz desdobrado.  
Sob a larga amplidão destes céus  
Este canto rebelde que o passado  
Vem remir dos mais torpes labéus!  
Seja um hino de glória que fale  
De esperança, de um novo porvir!  
Com visões de triunfos embale  
Quem por ele lutando surgir!  
[refrão]  
Liberdade! Liberdade!  
Abre as asas sobre nós!  
Das lutas na tempestade  
Dá que ouçamos tua voz!  
Nós nem cremos que escravos outrora  
Tenha havido em tão nobre País...

---

Modernismo. Apesar da reação modernista contra a sua poesia, Olavo Bilac tem lugar de destaque na literatura brasileira, como dos mais típicos e perfeitos dentro do Parnasianismo brasileiro. Foi notável conferencista, numa época de moda das conferências no Rio de Janeiro, e produziu também contos e crônicas... Ver em: <http://www.academia.org.br/academicos/olavo-bilac/biografia>

<sup>15</sup> A recente dissertação de Shayenne Silva, defendida em 2017 *Mestre das Palavras: missão educativa de Coelho Netto na política, na imprensa e nas escolas*, contempla o trabalho realizado no campo da educação por Coelho Netto. Revela que assim como seus pares, o imortal usa do discurso para promover os seus ideais de civismo e moralidade.

<sup>16</sup> *Últimos versos em Poesia* (1904).

Hoje o rubro lampejo da aurora  
 Acha irmãos, não tiranos hostis.  
 Somos todos iguais! Ao futuro  
 Saberemos, unidos, levar  
 Nosso augusto estandarte que, puro,  
 Brilha, avante, da Pátria no altar![refrão]  
 Se é mister que de peitos valentes  
 Haja sangue em nosso pendão,  
 Sangue vivo do herói Tiradentes  
 Batizou este audaz pavilhão!  
 Mensageiros de paz, paz queremos,  
 É de amor nossa força e poder  
 Mas da guerra nos transes supremos  
 Hás de ver-nos lutar e vencer![refrão]  
 Do Ipiranga é preciso que o brado  
 Seja um grito soberbo de fé!  
 O Brasil já surgiu libertado,  
 Sobre as púrpuras régias de pé.  
 Eia, pois, brasileiros avante!  
 Verdes louros colhamos louçãos!  
 Seja o nosso País triunfante,  
 Livre terra de livres irmãos!<sup>17</sup>

Nessas linhas, os símbolos e mitos republicanos representados na figura de Tiradentes<sup>18</sup>, marcam o refrão e a segunda estrofe. Nota-se também menção aos horrores da escravidão, ocorridos no passado do Brasil imperial: “Nós nem cremos que escravos outrora tenha havido em tão nobre País[...]”. E, a partir da ideia da igualdade fraternidade e liberdade, ele segue dizendo: “Somos todos iguais! Ao futuro saberemos, unidos, levar, nosso augusto estandarte que, puro, brilha, avante, da Pátria no altar”. É interessante aqui ressaltar, para compreensão do pensamento deste sujeito, o seu posicionamento sobre o movimento abolicionista:

É bom lembrar que em 1888 algumas províncias já tinham feito a emancipação completa no seu território. Tinham ido mesmo mais longe e declarado que o escravo, mesmo fugido, que nele entrasse ficava ipso facto livre. Por outro lado o exército declarava que não se prestava mais a pegar escravos que escapassem de fazendas. Era uma situação francamente revolucionária. Desde, porém, que se tinha publicado não haver mais força militar alguma disposta a prender os cativos que saíssem do poder dos donos, a abolição estava virtualmente feita. Já começavam a forma-se grandes bandos foragidos de ex-escravos. Foi cedendo a pressão dos acontecimentos que o parlamento eleito para combater a Abolição imediata, votou-a quase por unanimidade; a princesa nem acelerou nem deteve essa onda irresistível. (ALBUQUERQUE, 1981, p. 92)

A favor da abolição, ao feito, atribuía à luta dos negros e dos grupos abolicionistas espalhados por todo país, embora sua colaboração tenha sido mais marcante junto ao

<sup>17</sup> O refrão popularizou-se no carnaval de 1989, através do samba enredo da Imperatriz Leopoldinense, em homenagem ao centenário da república. Ver em: <http://www.brasil.gov.br/educacao/2016/11/hino-retrata-momento-decisivo-na-politica-do-brasil>

<sup>18</sup> Em *A formação das Almas* (Carvalho, 1990) tece a respeito da escolha de Tiradentes como mártir e símbolo para o grupo republicano. O uso da imagem de Tiradentes, surge a partir da dificuldade de criar um herói, já que Deodoro, Benjamin Constant e Floriano Peixoto candidatos a representantes, não possuíam força e expressividade popular para tal posição.



movimento republicano. Era, portanto, abolicionista e republicano. Ainda jovem, arrebatado pelos ideais republicanos, circulava nas reuniões, conferências e eventos organizados em clubes republicanos, desde que voltara ao Brasil – após a conclusão de seus estudos na Escola Acadêmica de Lisboa. Desses tempos, além das páginas de suas memórias, talvez seja na letra do Hino que sua passagem nos *Meetings*<sup>19</sup> republicanos tenha ficado marcada na história.

O jovem republicano estreita seus laços com os políticos e propagandistas do movimento e, embora seu pai tenha figurado como um dos Conselheiros do Império, sua participação se consolida entre os propagandistas da República. A letra do hino, escrita por ele antes mesmo do dia 15 de novembro, foi aceita por Silva Jardim para ser um símbolo do grupo. A respeito dessa situação, Medeiros e Albuquerque narra: “Vendo que em geral que os republicanos cantavam a marselhesa ao sair dos seus meetings, pensei em compor uma poesia que fosse adaptável á música do velho cântico frances e que service de hino ao partido”(ALBQUERQUE, 1981, p. 90).

“A Marsellesa inspirava os republicanos no Brasil e sob o signo da Revolução Francesa, a República apresentava-se como a possibilidade de afirmação da nacionalidade, a partir de uma regeneração” (MATTOS, 1989, p. 170). A letra do hino nasce da necessidade em criar uma identidade própria, alargando mais adeptos ao movimento, mas sempre norteada e inspirada pela Revolução Francesa. “O sentido laudatório da memória coletiva, ao longo do tempo, concretizou-se em monumentos aos heróis e martires, comemorações de datas, selos, túmulos e festas” (MIGNOT, 2002, p. 42). Sobre as práticas e rotinas que eram realizadas nesses espaços reunidos pelo país, Silva Jardim<sup>20</sup> descreve no seu livro *Memórias e viagens de um propagandista*, de 1891, uma espécie de ritual e calendário comemorativo, em que cantavam nas reuniões a Marselhesa e comemoravam o 14 de julho, além do dia 21 de abril com festejos e homenagens a Tiradentes.

Silva Jardim narra, ainda, os fatos vividos enquanto propagandista da República, visitando cidades por todo o Brasil e focalizando as principais atividades promovidas pelos republicanos. A respeito de Medeiros e Albuquerque, emerge alguns fatos: “por intermédio de Medeiros e Albuquerque, um jovem ardente e um poeta revolucionário, o *Novidades* publicava todos os boatos correntes”. *Novidades* foi o jornal carioca em que Alcínio

<sup>19</sup> Termo em Inglês que significa reunião. Muito utilizado pelo intelectual, ao se referir-se às reuniões nos redutos onde ocorriam atividades de propaganda a favor do regime republicano.

<sup>20</sup> Antônio da Silva Jardim foi jornalista e político. Fez parte do grupo de intelectuais abolicionistas e republicanos. Destaca-se como um dos líderes no movimento republicano, principalmente por seus ideais e por sua oratória. Ver em seu livro *Memórias e viagens de um propagandista* de 1891 e no dicionário da elite republicana disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/JARDIM,%20Silva.pdf>

Guanabara<sup>21</sup> trabalhou como chefe redator, nele o intelectual conseguiu seu primeiro trabalho de jornalista. Ainda, sobre sua participação entre os bateadores do grupo narra um episódio que havia se passado no *Café Londres*, localizado na Rua do Ouvidor, onde ocorreu uma intervenção da Guarda Negra<sup>22</sup> com muita confusão e tumulto. Durante o ocorrido, manifestou-se da plateia em defesa de Jardim.

Naquele tempo a Rua do Ouvidor já tinha uma característica diferenciada das demais ruas da cidade. O Acadêmico Luiz Edmundo<sup>23</sup>, lança em 1900, seu livro de memórias *O Rio de Janeiro de meu tempo* e, sobre a Rua do Ouvidor, narra já distintos aspectos desse espaço: “A Rua, que a municipalidade de então chama Moreira César e o povo, como sempre, Rua do Ouvidor, é apenas um pobre corredor entretantos corredores da cidade, embora menos rústico que os outros, embora mais festivo, e, sobre tudo, muito mais freqüentado”. Descreve, ainda, o *Café Londres* como um “Célebre” local situado no mesmo prédio do Jornal *A Notícia* – jornal o qual Medeiros e Albuquerque também colaborava como jornalista a partir de 1894.

As linhas tecidas por Silva Jardim podem ser interpretadas como indícios da confiança que o jovem republicano vinha estabelecendo entre seus pares, tornando possível, posteriormente, a aceitação da letra do Hino:

Entre os Repúblicanos históricos, havia os que se ligavam á corrente liberal spenceriana e federalista, á moda de Alberto Sales e dos paulistas em geral, e os que

<sup>21</sup> “Alcindo Guanabara nasceu em Magé, província do Rio de Janeiro, no dia 19 de julho de 1865, filho de Manuel José da Silva Guanabara e de Júlia de Almeida da Silva. Em 1880 ingressou no Colégio José Ferreira da Paixão, em Petrópolis, e em 1883 concluiu os estudos secundários. No ano seguinte matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, então capital do Império, onde permaneceu até o terceiro ano. Nesse período, para custear os estudos, trabalhou como inspetor no Asilo de Meninos Desvalidos. Em 1886 fundou o jornal acadêmico Fanfarras. Trabalhou também na Gazeta da Tarde, ao lado de José do Patrocínio e Raul Pompeia, escrevendo crônicas políticas sob o pseudônimo Aranha Menor. A experiência então adquirida lhe abriu portas em diversas revistas e jornais do Rio e de São Paulo, onde passou a escrever textos literários e a debater as grandes questões colocadas na agenda política do momento, como a Abolição e a República. Considerado um dos maiores jornalistas brasileiros da Primeira República, entre 1887 e 1914 colaborou e trabalhou como redator nos jornais Cidade do Rio, Novidades, Correio do Povo, Jornal do Comércio, a Tribuna, a Nação e o País. Em 1897 foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde passou a ocupar a cadeira nº 19. Criou ainda o jornal a República e dirigiu a Imprensa – adquirido em 1906 e do qual esteve à frente até 1914”... Biografia disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/GUANABARA,%20Alcindo.pdf>

<sup>22</sup> “A Guarda Negra” ou “Guarda Negra da Redentora” foi um movimento em prol da abolição dos negros escravizados e da continuação do regime monárquico no Brasil. Se opunham aos republicanos, pois acreditavam na versão histórica de que a princesa Isabel era a redentora e que deviam a ela gratidão por ter assinado a lei Áurea. O movimento criado por negros tinha como um de seus principais idealizadores José do Patrocínio. Ver em: PENNA (2008)

<sup>23</sup> “Terceiro ocupante da Cadeira 33, eleito em 18 de maio de 1944, na sucessão de Fernando Magalhães e recebido pelo Acadêmico Viriato Correia em 2 de agosto de 1944. Luís Edmundo (Luís Edmundo de Melo Pereira da Costa), jornalista, poeta, cronista, memorialista, teatrólogo, historiador e orador, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 26 de junho de 1878, e faleceu na mesma cidade em 8 de dezembro de 1961... era um carioca apaixonado de sua cidade. Sentindo que o estro poético se lhe esgotara, transferiu o lirismo e o amor ao ritmo para um prosador que se transformaria no grande cronista da cidade. O boêmio e o poeta foram substituídos pelo bibliófilo e pesquisador do passado, buscando temas para as peças de teatro que viria a escrever. Voltou seu interesse para o século XVIII e imaginou um vasto painel do Rio de Janeiro no tempo dos Vice-reis. Foi a Portugal, pesquisou em arquivos, bibliotecas e conventos de província, depois à Espanha, reunindo material, inclusive iconográfico, para as obras que iria escrever. Encetou a crônica do passado, em *O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-reis* e *A corte de D. João no Rio de Janeiro*, e também a da vida de sua cidade no tempo em que viveu, em *O Rio de Janeiro do meu tempo*, sua obra-prima, e nos cinco volumes de suas memórias”. Biografia disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/luis-edmundo/biografia>

se inspiravam antes na tradição da revolução Francesa, que favorecia uma visão mais rousseuniana do pacto social, mais popular e centralista, ao estilo de Silva Jardim, Lopes Trovão, Joaquim Serra. E havia ainda os positivistas, que exultaram com o advento do novo regime. (CARVALHO, 1987, p. 24)

Embora tenha sido nomeado por Benjamin Constant<sup>24</sup> para o cargo de vice diretor do Ginásio Nacional<sup>25</sup>, Medeiros e Albuquerque deixa claro em suas memórias, seu apoio à candidatura de Floriano Peixoto e sua admiração ao engajamento de Silva Jardim na propaganda republicana. Seus escritos sobre este período permitem interpretar que eram esses os sujeitos e ideias a respeito da República, que mais o inspirava:

Afinal, feita a abolição, a propaganda republicana tornou incremento extraordinário graças a Silva Jardim. A maneira pela qual a República procedeu com esse grande, com esse estupendo propagandista, é uma página infame nos seus anais. A Constituição Federal chama Benjamin Constant o “fundador da República” É, de fato, provável que, sem ele, no dia 15 de novembro, a República não tivesse sido feita. Só provável. Mas é certo para todos os que viveram no Rio de Janeiro de em 1888 e 1889 que, sem Silva Jardim, ninguém pensaria sequer nessa solução. (ALBUQUERQUE, 1981, p. 85)

Nestas linhas, ele narra sua opinião acerca do que viveu, uma interpretação particular dos fatos ocorridos nesse período de transição, mostrando sua insatisfação à memória que foi construída a partir da instauração da República. No prefácio deste livro, procura conduzir o olhar do leitor, afirmando deixar as memórias, apenas, como um registro do que viveu com figuras públicas ao longo de sua trajetória. Mas, há ali alguma estratégia de seguir fazendo o que sempre fez como intelectual: intervir, lançar ideias e pensamentos que seguem registrados, até hoje, nessas páginas. Páginas que, à primeira vista, parecem ser apenas narrativas de um passado, mas olhadas com suspeita tornam-se uma escrita com intuito pedagógico de (re) construir os mitos republicanos, legitimando seus pares.

Sobre a construção da memória, nos diz (POLLAK, 1992, p. 204): “Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua

<sup>24</sup> Benjamin Constant Botelho de Magalhães nasceu em Niterói, então capital da província do Rio de Janeiro, em 10 de fevereiro de 1837, filho de Leopoldo Henrique Botelho de Magalhães, português, e de Bernardina Joaquina da Silva Botelho de Magalhães, gaúcha. Seu pai era praça da marinha portuguesa no Brasil quando das lutas pela independência, as quais apoiou, optando em seguida por fixar-se na nova nação, onde trabalharia também como professor de primeiras letras[...]Na Escola Militar, envolveu-se no ambiente cientificista que predominava na instituição, cujo curso apresentava forte base matemática, em torno da qual o positivismo começou a tornar-se um elemento norteador do ensino. Professores e alunos começavam a ser atraídos pela ênfase no método científico em geral, e nas matemáticas em particular, dada pela doutrina de Auguste Comte (1798-1857). As relações de Benjamin Constant com essa escola de pensamento, cujo estudo iniciou quando estava na metade do curso da Escola Militar, são importantes para que se compreendam as posições que assumiria em face dos mais variados assuntos: vida familiar e profissional, guerra, atividade política, sistema educacional etc... Biografia disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CONSTANT,%20Benjamin.pdf>

<sup>25</sup> Ver em Dicionário da elite política republicana: <http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica>

reconstrução de si”. Sendo assim, ao criar sua “reconstrução si”, o sentimento de identidade e pertencimento a esse determinado grupo político – dos republicanos jacobinos – é tão determinante que ele destina grande parte de seu livro de memórias à legítimar as práticas de seus pares, em detrimento a dos outros grupos.

Salienta ainda, (POLLAK, 1992, p.6): “Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”. Suas memórias evidenciam, portanto, um campo de disputas políticas. Desta forma, seja pela letra do Hino da República ou pelos discursos proferidos ao longo da sua vida de funcionalismo público, “Em voz alta”, buscou estratégias de consagração de si e de seus pares.

### 1.1.1 Feita a república

Após proclamada a República, a insatisfação com os caminhos tomados surge, ainda, nos primeiros anos. O que aconteceu com muitas figuras republicanas, pois embora estivessem reunidos pela premissa de “libertar” o Brasil do império, as tensões e contradições eram diversas entre esses sujeitos. (CARVALHO, 1990, p. 24) reentera “substituir um governo e construir uma nação era essa a tarefa que os republicanos tinham de enfrentar, eles enfrentavam de maneira diversificada de acordo com a visão de que cada grupo tinha da solução”. Sendo comum, em muitos, o descontentamento e a insegurança sobre o destino do recente regime. No livro *Parlamentarismo e presidencialismo no Brasil*, Medeiros e Albuquerque fala a respeito disso:

A propaganda republicana se tinha feito sobre uma base, que se pode chamar “negativa”. O que se queria era destruir o regime monarquista. Essa é aliás a regra em todas as propagandas revolucionárias; o acordo se faz apenas acerca de um ponto: a necessidade de suprimir o que há. Quanto ao que convém pôr no lugar, as opiniões divergem. O caso é corrente mesmo em medicina, em que é muito mais fácil que todos se entendem sobre a natureza da moléstia do que sobre os processos de cura. (ALBUQUERQUE, 1932, p. 15-16)

As frustrações do intelectual, tecidas em *Quando era vivo*, são mais elucidadas em seu outro livro *Parlamentarismo e presidencialismo no Brasil*. Este último possui um caráter mais aprofundado ao debate de questões históricas que se passaram no início da República. Nele, fica claro que o grande dilema para o intelectual, após a instauração do regime, era a decisão por um governo presidencialista, de cunho ditatorial, defendido pelos militares positivistas. Embora tenha feito parte deste governo, assumindo diversos cargos, ele demonstra sua

insatisfação. No decorrer das páginas pontuou esta discordância, alegando que tudo foi decidido com pouca discussão e aprofundamento por parte dos políticos, a respeito das distintas formas de governo. Assim como, fazia críticas ao governo de Deodoro da Fonseca que, a seu ver, abusava do poder. Sobre a Constituinte de 1890-1891<sup>26</sup> declara:

A Constituinte foi uma assembléia de calouros. A maioria dos seus membros entrava por aí na vida pública. Um grande número deles vinha dos quartéis: eram oficiais moços, que quase todos se consideravam solidários com Benjamin Constant. Só havia nessa assembléia um grupo realmente ativo, coerente, sabendo mais ou menos o que queria: o grupo positivista. Embora pequeno, pesou muito — e nefastamente — sobre a Constituinte. A ele aderiam em regra todos os militares, que se julgavam obrigados a concordar com o positivismo, porque era a doutrina de Benjamin Constant. A ignorância de quase todos sobre as questões políticas mais elementares chegava a limites estupendos!(...) em ao menos a falta de discussão na Constituinte podia ser suprida pela discussão na imprensa, porque, durante o tempo em que aquela assembleia esteve reunida, o Governo Provisório continuava a legislar. Quanto mais sentia que o seu poder ia acabar, mais usava dele. Instrução, justiça, organização militar, tudo se reformava; códigos variados se sucediam. Ainda depois da Constituição promulgada, decretos do Governo Provisório antedatados apareceram! (ALBUQUERQUE, 1932, p 22-23)

Além da oposição ao governo provisório de Marechal Deodoro da Fonseca, outro fato que marca sua vida política é o seu posicionamento contrário à eleição do liberal Prudente de Morais. Posicionando-se, no campo das disputas ideológicas e econômicas ao lado de Floriano Peixoto - representante dos jacobinos.<sup>27</sup> E mesmo com a chegada do liberal ao poder, os jacobinos seguiam em oposição. Sobre este momento, narra Medeiros e Albuquerque: “Minha oposição a Prudente de Morais fez que, por ocasião da tentativa de assassinato contra ele realizada, Prudente quisesse prender-me e desterrar-me para Fernando de Noronha. Avisado disso a tempo, pedi ao Ministro do Chile. Então Don Isidoro Errázuris, asilo na sua legação”<sup>28</sup>. A tentativa de assassinato de que se referiu o intelectual, ocorreu em 05 de novembro de 1897, organizada por um grupo de *florianistas* armados que tentaram matar Prudente de Morais.

Em um panorama nacional e econômico, a eleição de Prudente de Morais – primeiro civil eleito, após dois mandatos militaristas – representa a influência da oligarquia cafeeira do Estado de São Paulo. A economia brasileira, desde o final do século XIX, têm na produção do café, a liderança dos estados de São Paulo e Minas Gerais. O café torna-se, então, a principal fonte de riqueza para país. Salienta (NAGLE, 1974, p. 13) que “ do ponto-de-vista da economia, a história da primeira república compõe-se de uma série de acontecimentos ligados

<sup>26</sup> Convocadas as primeiras eleições para a formação do Congresso Constituinte, que tinha como objetivo criar a primeira constituição república. Instalado em 1890, o Congresso Nacional Constituinte funcionou até 26 de fevereiro de 1891, redigindo neste período a primeira Constituição Brasileira. Ver em: <http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/historia/a1republica.html>

<sup>27</sup> <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/MORAIS,%20Prudente%20de.pdf>

<sup>28</sup> Ver em ( ALBUQUERQUE, 1942, p. 207)

aos processos de produção e comercialização do café, o principal produto, não apenas quanto a economia brasileira, mas em termos mais amplos, quanto á sociedade brasileira como um todo”.

Medeiros e Albuquerque sentia-se perseguido no funcionalismo público pela oposição que fazia à Prudente de Moraes. Na busca de outros olhares contemporaneos ao intelectual, sobre este período de disputa de poder entre os Jacobinos representados por Floriano Peixoto e os liberais na figura de Prudente de Moraes, encontro o livro *Minhas memórias dos outros*, do imortal da ABL, Rodrigo Octavio<sup>29</sup>; que ao contrário de Medeiros e Albuquerque, interpretava a situação de outra maneira:

Nos últimos tempos do Governo do Marechal Floriano o jacobinismo exultava. Dominando todas as posições políticas, ocupando todos os cargos superiores da administração, introduziu-se e conquistou também o funcionalismo. As repartições foram transformadas. Do antigo pessoal, foi posta á margem aquela parte que não comungava dos delírios extremados dos vencedores do dia. E a intransigência política na escola do exclusivismo, se apurou ainda, numa dinamização. A república não era mais dos republicanos; mesmo no campo deles era mistér uma seleção; a república era dos florianistas. (MENESES, 1934, p. 149)

Do ponto de vista dos liberais, Rodrigo Octavio alegava que os Florianistas, por ora, abusavam do poder, tomando por completo o funcionalismo público. Conceituando estes diferentes olhares é visível como era conflituoso e contraditório este campo de disputas políticas e como os intelectuais, naquele dado momento, estavam inseridos na vida política da sociedade, intervindo de forma direta, através de suas práticas. Dentre estas estavam: o discurso, a escrita e as alianças tecidas por suas redes de sociabilidade.

Nesse período, Medeiros e Albuquerque também exercia seu mandato de deputado federal, por Pernambuco – Estado onde nasceu e viveu com sua família antes de mudar-se para o Rio de Janeiro, ainda criança – sendo eleito em 1894<sup>30</sup>. Com o fim do governo de

<sup>29</sup> Rodrigo Octavio (Rodrigo Octavio de Langgaard Meneses), advogado, professor, magistrado, contista, cronista, poeta e memorialista, nasceu em Campinas, SP, em 11 de outubro de 1866, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 28 de fevereiro de 1944. Participou, desde o início, do grupo de escritores que fundaram a Academia. É o fundador da cadeira n. 35, que tem como patrono Tavares Bastos. Na sessão inaugural da Academia, em 20 de julho de 1897, como primeiro-secretário, leu a “Memória histórica dos atos preparatórios”[...] Foi, desde 1896, professor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade do Brasil. Fez conferências nas universidades de Paris, Roma, Varsóvia e Montevidéu, e um curso sobre os selvagens americanos perante o Direito, na Academia de Direito Internacional de Haia. Doutor *Honoris Causa* das universidades do México, La Plata, Buenos Aires, Lima, Arequipa e Havana. Foi consultor-geral da República (1911-1929); delegado plenipotenciário do Brasil em diversas conferências Internacionais, como as de Haia, para o Direito relativo à Letra de Câmbio (1910 e 1912); de Bruxelas, para o Direito Marítimo (1909, 1910 e 1912); a Conferência Científica Pan-Americana de Washington (1916); da Paz, de Paris (1919), tendo assinado o Tratado de Versalhes; foi vice-presidente na I Assembléia da Liga das Nações (1920); membro da Comissão Internacional de Jurisconsultos Americanos, reunida no Rio de Janeiro (1927); presidente da Seção de Direito Internacional Privado; membro da Comissão Permanente para a Codificação do Direito Internacional e da Comissão Brasileira de Cooperação Intelectual. Foi subsecretário de Estado das Relações Exteriores no governo Eptácio Pessoa (1920-1921). Biografia disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/rodrigo-octavio/biografia>

<sup>30</sup> Durante sua vida, exerceu por diversas vezes o mandato de deputado federal, sendo o primeiro em 1894 por Pernambuco, ficou no mandato até o fim em 1896, no ano de 1897 é nomeado Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal. Voltou à câmara dos deputados em 1901 para ocupar a vaga aberta de Herculano Bandeira, com o término deste mandato volta a legislar em 1904 assumindo a vaga de Hermídio Coutinho e, por fim, foi eleito novamente deputado por Pernambuco de 1906-1908 e de 1909-1911. Ver em sua biografia disponível no site da Academia Brasileira de Letras: <http://www.academia.org.br/academicos/medeiros-e-albuquerque>; no Dicionário da elite política da primeira República

Prudente de Moraes, em 1896, o, então, deputado termina seu mandato, sendo nomeado no ano de 1897 para o cargo de Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal. A frente do cargo, segue sendo perseguido por desavenças políticas com Cesário Alvim<sup>31</sup>, o qual já havia se desentendido enquanto secretário do ministério do interior, quando foi nomeado por Aristides Lobo, em 1892.

Sobre seu trabalho como deputado, destacam-se a lei nº 496, de 1 de agosto de 1898, conhecida na história dos direitos autorais como a “Lei Medeiros e Albuquerque”<sup>32</sup>. Há na área de Direito, diversos autores que miram seus olhares e tecem estudos a respeito desta lei – tida como “a primeira lei de direitos autorais” (MIZUKAMI, 2007, p. 289). Mizukami discorre em sua dissertação que, comparado ao cenário exterior, o Brasil havia adotado essas medidas de forma tardia. Segue, abaixo, alguns artigos da lei de direitos autorais, promovida pelo deputado Medeiros e Albuquerque:

Art. 1º Os direitos de autor de qualquer obra litteraria, scientifica ou artistica consistem na faculdade, que só elle tem, de reproduzir ou autorizar a reproducção do seu trabalho pela publicação, traducção, representação, execução ou de qualquer outro modo. A lei garante estes direitos aos nacionaes e aos estrangeiros residentes no Brazil, nos termos do art. 72 da Constituição, si os autores preencherem as condições do art. 13. Art. 2º A expressão « obra litteraria, scientifica ou artistica » comprehende: livros, brochuras e em geral escriptos de qualquer natureza; obras dramaticas, musicaes ou dramatico-musicaes, composições de musica com ou sem palavras; obras de pintura, esculptura, architectura, gravura, lithographia, photographia, illustrações de qualquer especie, cartas, planos e esboços; qualquer producção, em summa, do dominio litterario, scientifico ou artistico. Art. 3º O prazo da garantia legal para os direitos enumerados no art. 1º é: 1º. para a faculdade exclusiva de fazer ou autorisar a reproducção por qualquer fórma, de 50 annos, a partir do dia 1 de janeiro do anno em que se fizer a publicação; 2º, para a faculdade exclusiva de fazer ou autorisar traducções, representações ou execuções, de 10 annos, a contar, para as traducções da mesma data acima prescripta, para as representações e execuções, da primeira que se tiver affectuado com autorisação do autor. Art. 4º Os direitos de autor são moveis, cessiveis e transmissiveis no todo ou em parte e passam aos herdeiros, segundo as regras de direito.<sup>33</sup>

---

disponível na página do CPDOC: <http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica> e também em seu livro de Memórias póstumas *Quando era vivo* de 1942

<sup>31</sup> José Cesário de Faria Alvim nasceu em Arraial do Pinheiro, município de Mariana, atual Pinheiros Altos, distrito de Piranga (MG), em 7 de junho de 1839, filho de José Cesário de Faria Alvim e de Teresa Januária Carneiro. Seu pai foi coronel de milícias [...] Foi eleito deputado à Assembleia Provincial mineira nos biênios 1864-1865 e 1866-1867. Eleito em seguida deputado à Câmara Geral do Império para a legislatura 1867-1868, voltou à Câmara Geral em 1877 e, reeleito, nela permaneceu até 1880. Em agosto de 1884 foi nomeado presidente da província do Rio de Janeiro pelo senador Manuel Pinto de Sousa Dantas, que recebera a chefia do Conselho de Ministros diretamente do imperador Dom Pedro II para buscar ações mais efetivas em relação à escravidão. Permaneceu no cargo até agosto de 1886, quando do estabelecimento do governo conservador pelo visconde de Cotegipe. Elegeu-se novamente deputado provincial para a legislatura 1886-1889. Nos momentos finais do Império, apresentou-se como republicano na exposição do gabinete do visconde de Ouro Preto, justificando as insatisfações com o regime até então em vigor. Ver em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALVIM,%20Cesário.pdf>

<sup>32</sup> Foi a primeira lei de direitos autorais brasileira. É conhecida como “lei Medeiros e Albuquerque” por ser o intelectual o criador e formulador da lei.

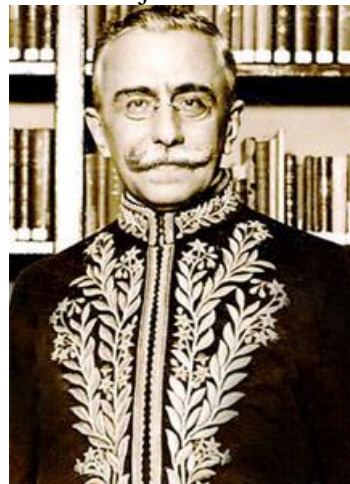
<sup>33</sup> O trecho original encontra-se na íntegra no arquivo da câmara dos deputados <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-496-1-agosto-1898-540039-publicacaooriginal-39820-pl.html>

Embora o código criminal de 1830 advertisse sobre o crime de violação de direitos autorais, ainda não havia paramentos muito bem definidos, sendo comum o plágio de muitas obras, principalmente estrangeiras. Esses parâmetros se tornam mais claros, como se observa no Art. 2, onde o autor definiu que tipo de material e texto estava sendo considerado, evitando, assim, possíveis interpretações ou lacunas que possibilitariam qualquer tipo de plágio. Com a “Lei Medeiros e Albuquerque”, considerações mais rígidas, que defendem o direito do autor sobre a obra, foram estabelecidas.

Ainda que seja notória certa frustração de Medeiros e Albuquerque ao ver o positivismo (representado pelos militares) e, posteriormente, o liberalismo (na figura de Prudente de Moraes liderando o campo político nos primeiros anos da república), o intelectual segue legitimando-se no fim século XIX e início do século XX, fazendo oposição a estas correntes e buscando o apoio de seus pares, que conservavam o ideal jacobino. Imortal e fundador da Academia Brasileira nota-se, em sua atuação como deputado, uma ação em defesa e representatividade de seus pares literatos e daqueles que viviam da pena ao lançar este projeto importante para a construção da pátria.

## 1.2 Consagrando-se imortal

Figura 5- Foto de Medeiros e Albuquerque, fundador da cadeira 22, vestido com o traje de imortal da ABL



Fonte: Arquivo da Academia Brasileira de letras

A imagem de homem de Letras que constrói a partir das práticas junto aos seus pares literários, entre final do século XIX e início do século XX, também influência em sua legitimação enquanto intelectual. Alude (GOMES, 1993, p. 63): “O Rio de Janeiro convivia, desde fins do século XX, com duas presenças fundamentais em termos de referências para o



mundo intelectual: a Academia Brasileira de Letras e o “grupo boêmio” da rua do ouvidor”. A partir do discurso de abertura de Machado de Assis<sup>34</sup>, proferido na sessão inaugural realizada no salão do *Pedagogium*<sup>35</sup>, em 20 de julho de 1897, nota-se que o advento da república influenciou essa geração de homens de Letras a unirem-se em prol de uma unidade literária.

Senhores, Investindo-me no cargo de presidente, quizestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Si não sou o mais velho dos nossos collegas, estou entre os mais velhos. E’ symbolico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funcções que mais de espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder á vossa confiança. Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, e naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige, não só comprehensão publica, mas ainda e principalmente a vossa Constancia. A academia Franceza, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, ás escolas literárias e ás transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o baptismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lyrica, da critica e da eloquência nacionaes é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que elle perdure. Passai aos vossos successores o pensamento e a vontade iniciaes, para que elles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contata entre as solidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão. Revista Brasileira; Tomo IX. 1897

O discurso de Machado de Assis revela as práticas de consagração dos imortais. Os ritos conferem o valor simbólico que estrutura este espaço, ao longo dos anos. Isto fica claro quando Machado de Assis refere-se à “tradição” através da escolha dos patronos, pelos fundadores de cada cadeira. A academia Brasileira de Letras surge, portanto, como um espaço de memória. Acerca dos espaços de memória, define (NORA, 1993, p.21): “São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material. Como um depósito de arquivos, só é um lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica”. A ideia, também, de criar uma unidade literária, que representasse o país, na capital federal, diz muito sobre a busca em modernizar o país, que vinha tomando força com a instauração da

<sup>34</sup> “Machado de Assis (Joaquim Maria Machado de Assis), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira n.º 23 da Academia Brasileira de Letras. Velho amigo e admirador de José de Alencar, que morreria cerca de vinte anos antes da fundação da ABL, era natural que Machado escolhesse o nome do autor de *O Guarani* para seu patrono. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis”. Biografia disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>

<sup>35</sup> A *Revista Brasileira*, Tomo XI de Julho á setembro, traz na integra os discursos da inauguração da Academia Brasileira de Letras. O salão do *Pedagogium*, situado á rua do passeio 66, é usado para abrigar a sessão inaugural da Academia Brasileira de Letras no dia 20 de julho de 1897. A sessão inaugural contou com o discurso de abertura do presidente Machado de Assis, seguido do discurso de Joaquim Nabuco- secretário geral e do relatório de trabalhos iniciais de Rodrigo Octavio.

república. Além disso, é possível interpretar que a escolha do *Pedagogium*<sup>36</sup> – um dos símbolos republicanos – para abrigar esta cerimônia, faça parte desta construção simbólica.

A falta de um prédio próprio e a dificuldade de manter as reuniões nas “salinhas escuras” da sede da *Revista Brasileira* levou Machado de Assis, a tarefa de escolher o salão do *Pedagogium* para realizar as primeiras reuniões, assim como a inauguração solene da ABL.

A 20 de julho do ano seguinte, quando a Academia se instala no aparato de uma sessão solene, com o discurso de Machado de Assis, seu presidente, e outro de Joaquim Nabuco, seu secretário-geral, evidentemente as duas salinhas escuras da *Revista Brasileira* constituíram moldura demasiadamente pobre para o relevo da cerimônia. Buscou-se outra mais adequada. E esta Machado de Assis encontrou no salão do *Pedagogium*, instituição de fins educativos que funcionava em um casarão antigo em frente ao passeio público e que pusera a disposição da Academia, generosamente, para cerimônia, uma das salas de sua sede. A amabilidade da acolhida fez com que o Obséquio: depois da sessão solene, passou a realizar ali mesmo as suas sessões ordinárias. Com esta novidade, as sessões tinham de ser noturnas, pois só à noite, ficar á disposição da Academia.<sup>37</sup>

Vale ressaltar que, por seu turno, além de membro fundador da ABL, Medeiros e Albuquerque também era diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, diretoria da qual fazia parte *O Pedagogium* – recentemente municipalizado<sup>38</sup>. Entre seus pares imortais, fica conhecido pela popularização das Conferências Literárias. Dentro da ABL é Medeiros e Albuquerque que populariza a prática das conferências literárias em um grande acontecimento, que arrebatou a cena cultural da Belle Époque carioca. Dentre seus pares, Coelho Neto e Olavo Bilac também ficaram muito conhecidos por suas conferências. O próprio Medeiros e Albuquerque<sup>39</sup> definiu-se como criador dessa prática em *Quando era vivo* e, a respeito disso, no campo da história literária, também, elucida (SALGADO, 2006, p.150):

Se as conferências já gozavam de reputação educativa desde o Império, foi graças ao empenho de Medeiros e Albuquerque que chegaram ao status de acontecimentos mundanos durante a belle époque. Em 1905, ao retornar da Europa, pôs o escritor em moda as conferências literárias, num ciclo de eventos no Instituto Nacional de Música, na Capital Federal, tendo como primeiros conferencistas Coelho Netto e Bilac. Medeiros e Albuquerque, além de responsável pela persistência desses eventos em que se cruzavam os meios literários e mundanos (os graves e os frívolos), foi também o introdutor das conferências com recursos visuais: sua dissertação sobre “Beijos” (1905) foi acompanhada pela projeção de quadros e esculturas.

<sup>36</sup> Criado em 1890, por Benjamin Constant, o *Pedagogium* surge como um grande centro promovedor da educação republicana, abrigando um museu escolar, cursos e a produção da *Revista Pedagógica*.

<sup>37</sup> Livro comemorativo dos 100 anos da Academia Brasileira de Letras, produzido pela ABL.

<sup>38</sup> No capítulo 2 abordarei sobre a Instrução Pública e reforma de Medeiros e Albuquerque, assim como a municipalização do *Pedagogium*.

<sup>39</sup> Em *Quando era Vivo* fala sobre as práticas das conferências.

Em constante trânsito entre o Brasil e a Europa, o intelectual buscava inserir, no campo cultural, o que via circular nesses espaços, principalmente, Paris – que era a cidade inspiradora naquele período. A prática das Conferências literárias no Instituto Nacional de Música tornou-se mais um evento que dava à cidade os ares de modernidade e civilidade tão fortemente aclamados pela elite carioca. Era uma época em que a vida noturna e cultural vivia seu esplendor, tendo como palco as ruas, os teatros e os salões. Descreve (ZANON, 2009, p. 226): “Os salões da Belle Époque caracterizavam-se como um teatro de variedades cuja programação consistia na declamação de poesias, na execução de peças musicais e de canções, entremeada de contatos, conversas e formas requintadas de consumo, onde eram apreciadas as novidades parisienses”.

Assim como os outros respectivos organizadores, do que se pode interpretar como um ciclo de conferências no Instituto Nacional de Música, Medeiros e Albuquerque, posteriormente, lança um livro com a compilação destas conferências chamado *Em Voz Alta*. Abaixo, segue um quadro explicativo dessas conferências:

Quadro 1 - Conferências realizadas por Medeiros e Albuquerque no Instituto Nacional de Música.

Tipo de Documento	Título	Assunto	Data e local
Conferência	O Pé e a Mão	A partir do estudo científico sobre o corpo humano, Medeiros e Albuquerque tece a respeito da evolução do homem, confrontando a religião católica e o mito de Adão e Eva às pesquisas científicas de cunho evolucionista.	Conferência realizada no Instituto Nacional de Música, em 19 de agosto de 1905.
Conferência	O Beijo	O intelectual aborda o beijo dentro de uma perspectiva histórica, filosófica, cultural e artística. No impresso, pode ser encontrada uma imagem de um quadro do pintor Frances Fragonard e uma imagem de uma escultura de L. Elliot, dentre outras imagens.	Conferência realizada no Instituto Nacional de Música, em 14 de outubro de 1905.
Conferência	Os Mortos	Dedica-se ao estudo sobre a morte.	Conferência realizada no Instituto Nacional de música, em 4 de novembro de 1905.
Conferência	Como se Sonda o Futuro	Aborda sobre a curiosidade que o ser humano possui em tentar descobrir o futuro.	Conferência feita no Instituto Nacional de Música, em 23 de Junho de 1906.

Este ciclo de conferências foi, também, criticado por parte da sociedade. O próprio intelectual reclama disto, ao discursar na sua última conferência “Como se Sonda o Futuro”,

com seu jeito irônico e certa altivez, ele destinou as primeiras palavras da conferência para falar sobre o ocorrido:

A estas conferências se tem feito a accusação de frivolidade. A accusação não surpreende nem irrita a nenhum dos seus três organizadores, que sempre pensaram em fazer destes encontros uma simples hora de palestra, sem nada de estupefaciente e prodigioso. Não surpreende, porque si dois delles sempre acharam que podiam guardar assumptos que demandem mais aturada attenção para os seus livros ou os seus artigos de revista, o terceiro — que sou eu — sabia bem desde o principio que só poderia dizer cousas de evidente frivolidade. (Albuquerque, 1909, p. 131)

Talvez, essas pessoas se agarrassem ao título, como no caso da segunda conferência de Medeiros e Albuquerque, “O Beijo”. À primeira vista, considerando, até mesmo, a sociedade em questão, e a época em que a conferência foi realizada, tal tema, poderia ter sugerido algo frívolo ou fútil. Porém, de uma maneira geral, todas essas quatro conferências feitas pelo intelectual mostravam toda a erudição deste sujeito, que fazia uma análise do ato de beijar, por exemplo, dentro de uma perspectiva histórica, filosófica, artística, religiosa, literária e cultural. Tratava-se, como eu mesma pude perceber ao lê-las, que era, de fato, uma conferência científica, contando com uma vasta bibliografia que pode ser lida no final do livro.

Medeiros e Albuquerque, junto a outros homens de Letras, construíram tão somente uma Academia de letras, mas transformam, de forma única, os espaços culturais da capital e inspiram, também, outras cidades brasileiras, como São Paulo e Manaus, que, do mesmo modo, estavam em expansão pela produção cafeeira e pelo primeiro ciclo da exploração da borracha no norte do Brasil<sup>40</sup>, respectivamente. Em particular, o intelectual contribui para que a produção literária, abrigada na ABL, começasse a se popularizar fora da instituição.

### 1.2.1 Entre a Imprensa e os Livreiros

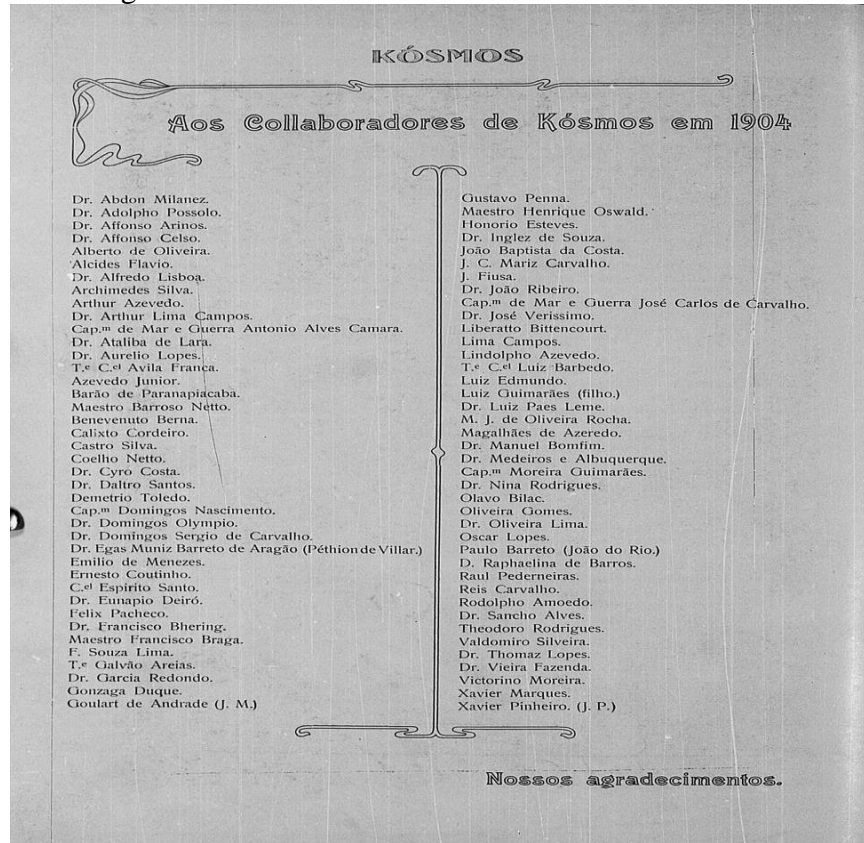
Além das ruas, salões e teatros, a imprensa, similarmente, se tornava um lugar de circulação dos acadêmicos – muitos se dedicaram na colaboração a jornais e a revistas. Nos impressos que circulavam na capital federal era possível encontrar anúncios do lançamento de livros de literatura. Portanto, estes sujeitos “Podendo usufruir da Imprensa Nacional, responsável pelas publicações oficiais, aqueles que fariam parte da futura academia ver-se-

---

<sup>40</sup> Vale ressaltar, que não foi apenas o Rio de Janeiro que viveu o período conhecido como Belle Époque. Ana Maria Daou em a “Belle Epoque Amazonica” descobre sobre o período de riqueza que o estado viveu, com o auge da exploração da borracha. Referente ao período de riqueza, fruto, da produção cafeeira em São Paulo, destaca NAGLE (1974).

iam livres do domínio exclusivo das poucas casas editoriais divulgando, assim, mais largamente seus romances, poesias, contos e estudos”.<sup>41</sup>

Figura 6- Página final da revista literária *Kósmos*, sem número, com os agradecimentos aos colaboradores.



Fonte: Biblioteca Brasileira

A revista *kósmos*<sup>42</sup>, voltada aos assuntos literários e científicos, possuía em seu corpo de colaboradores diversos homens de Letras da ABL, como Arthur Azevedo, Coelho Neto, Olavo Bilac e José Veríssimo. Estes intelectuais intervinham – através de estudos, poemas, crônicas e contos – na sociedade carioca e no Brasil, como um todo. A respeito disso, tece (SIRINELLI, 1996, p.248-249):

O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um pequeno mundo estreito, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A Linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas. Elas são mais difíceis de perceber do que parece.

<sup>41</sup>( EL FAR, 1998, p. 55)

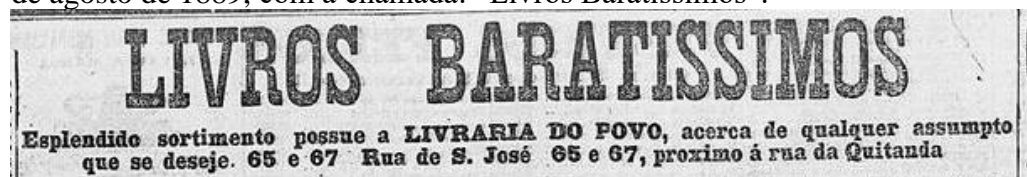
<sup>42</sup> Em *A história da imprensa no Brasil*, Sodré Werneck fala da *Kósmos*: “Em janeiro de 1904, as artes gráficas no Brasil têm já condições para permitir uma revista como a *kosmos*, de excelente apresentação, separando o desenho da fotografia; a crônica de abertura era de Olavo Bilac, que assinava apenas com as iniciais O.B; de teatro ocupava-se Artur Azevedo, depois substituído por Paulo Barreto; a crítica literária cabia a José Veríssimo; Gonzaga Dutra escrevia sobre artes e deixava memórias; eram outros colaboradores João Ribeiro, Vieira Fazenda, Lima Campos, Raul Pederneiras, Félix Pacheco, Coelho Neto, Cpistrano de Abreu, Medeiros e Albuquerque, Euclides da Cunha Mário Behring era o diretor, e a *Kosmos* circulou de 1904 a 1906”. (SODRÉ, 1966, p. 298)

Entre as estruturas mais elementares, suas, de natureza diferente parecem essenciais. As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão- pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem- e de exclusão -pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens estudada nessa dupla dimensão.

Além de colaborar para a *Kósmos* e para próprio *O Paíz*, Medeiros e Albuquerque escreveu colunas para *O Malho*, *A notícia*, *O Tempo*, *A República*, *Revista da Semana*, *Gazeta de Notícias*, *A Ilustração*, *A Noite e Gazeta de São Paulo*<sup>43</sup>, além de criar seu próprio jornal: *O Fígaro*. Sendo assim, através do trânsito nesses espaços, como a redação de uma revista, os intelectuais ampliavam suas redes de sociabilidade, intervinham culturalmente e politicamente por meio da discussão e do debate de ideais que aproximavam estes sujeitos ou criavam cisões.

Além dos jornais os livros, juntamente, começavam a ganhar mais espaço na cena cultural brasileira. Ainda que as casas editoriais fossem poucas no país, no início do século XX, a produção de livros vinha, timidamente, crescendo e o livro, que no passado, era visto como um artigo de luxo, se popularizava, tornando-se menos caro e mais acessível. Laurence Hallewell (2005) em *O livro e sua História* faz um estudo aprofundado da história dos livros e livrarias no país. El Far (2006) lança *O livro e a leitura no Brasil*, onde destaca a chegada dos primeiros livros no país, as primeiras tipografias e a popularização deste tipo de impresso. Sobre este último tema, destaca uma série de discussões entre os intelectuais, por exemplo, os debates entre o cronista João do Rio e Olavo Bilac, que viam a situação por duas óticas distintas: João do Rio relatava, em seus textos, o crescente número de livrarias que tomavam as ruas da cidade, enquanto Bilac denunciava a baixa venda de livros, pelo fato da maioria da população ser analfabeta.

Figura 7- Propaganda da Livraria do Povo no jornal *A Gazeta de Notícias* de 27 de agosto de 1889, com a chamada: “Livros Baratissimos”.



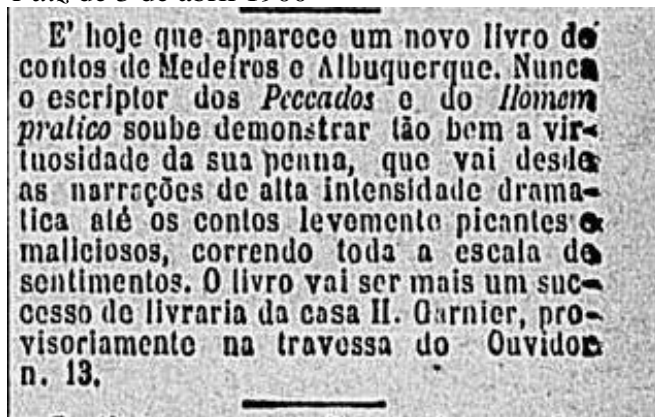
Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

<sup>43</sup> Estas informações podem ser encontradas em seu livro de memórias, onde ele fala de sua atuação enquanto jornalista e da criação do jornal *O Fígaro*, além de também estarem disponíveis na sua biografia no site da ABL: <http://www.academia.org.br/academicos/medeiros-e-albuquerque/biografia> e no dicionário da elite republicana: <http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/1>

É no Rio de Janeiro que o mercado editorial brasileiro começa a ser desenvolvido por ser a sede da corte e, posteriormente, capital federal com a chegada da república. A vinda da Família Real para Brasil, em 1808, foi o fator principal para a entrada de livros e livreiros no país. Além de sua corte, D. João VI também transfere para o Brasil a Biblioteca Real. Assim, a vida cultural da corte começa a ser incentivada e a ser desenvolvida. Destaca-se, nesse período, a criação de tipografias e da Imprensa Régia, como descreve Afrânio Peixoto, em *A história do Brasil*, de 1940.

Era uma prática comum aos literatos, com destaque aos imortais da Academia Brasileira de Letras, terem seus livros em lançamento sendo anunciados nas páginas de jornal. Os jornais colocavam os anúncios dos principais lançamentos das editoras fixadas na capital, o que também colaborou muito para o crescimento do mercado editorial e, conseqüentemente, da leitura, além de contribuir para a legitimação intelectual desses sujeitos – livreiros e escritores. A gravura abaixo mostra um exemplo deste tipo de anúncio, que destaca o lançamento de mais uma obra de Medeiros e Albuquerque:

Figura 8- Anuncio do lançamento do livro de Contos de Medeiros e Albuquerque no Jornal *O Paiz* de 3 de abril 1900



Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional

Há no campo das Letras estudos sobre a influência de suas obras, como os trabalhos de Corrêa (2017), sobre o decadentismo na obra literária de Medeiros e Albuquerque; a dissertação de Salvador (2012), sobre a crítica literária de Medeiros e Albuquerque. Ao longo de sua carreira literária, Medeiros e Albuquerque destacou-se entre seus pares através da escrita de contos, poesias e livros que abarcavam a estética simbolista e os romances policiais. No quadro abaixo é possível ver a vasta produção bibliográfica deste sujeito:

Quadro 2 - Livros escritos por Medeiro e Albuquerque

Livro	Ano	
Canções da decadência	1889	Tipografia America (1ª edição)
Pecados	1889	Carlos Pinto e Comp.
Um Homem Prático	1898	Imprensa Nacional
Mãe Tapuia	1900	Garnier
Poesias 1893-1901	1904	Garnier
Em Voz Alta (Conferências literárias)	1909	Typografia Kósmos
Contos escolhidos	1907	Garnier
O escândalo	1910	A Ilustração Brasileira
O silêncio é de ouro	1912	Francisco Alves
Pontos de Vista	1913	Francisco Alves
Literatura alheia	1914	Francisco Alves
O regime presidencial no Brasil	1914	Francisco Alves
Marta	1920	Francisco Alves
Páginas de crítica	1920	Leite Ribeiro e Maurilho
Mistério	1928	Comp. Editora Nacional
O hipnotismo	1921	Conquista
Graves e fúteis	1922	Editora Leite Ribeiro
Fim	1922	Livraria Francisco Alves
Teatro meu e dos outros	1923	Francisco Alves
Poemas sem versos	1924	Livraria e editora Leite Ribeiro
O assassinato do Geral	1926	Constallat e Miccolins
Por alheias terras	1931	Americana
O umbigo de Adão	1932	Flores e Mano
Seu eu fosse Sherlock Holmes	1932	Editora Guanabara
Parlamentarismo e presidencialismo	1932	Calvino Filho
Quando eu falava de amor	1933	Renascença Editora
Laura	1933	Renascença
Minha vida: da infância á mocidade, 1867-1893	1933	Calvino Filho
Minha: vida da Mocidade á velhice 1893-1934	1934	Calvino Filho
Surpresas	1934	Flores e Mano
Homens e coisas da Academia	1934	Renascença
Quando eu era vivo (edição Póstuma)	1942	Record



O quadro revela que, ainda no século XIX, com o lançamento da sua primeira obra simbolista “canções da decadência”<sup>44</sup> – que recebeu crítica positiva de Lívio de Castro, lançada na página literária do jornal *Novidades*, em 1889 –, o intelectual começa a ser reconhecido por seus pares literatos, estreitando laços com figuras como Paulo Ney e Pardal Mallet. Logo no início de sua carreira no campo das Letras, os próximos lançamentos começaram a ser publicados pelas grandes editoras da capital, como Garnier<sup>45</sup> e Francisco Alves. E, assim como sua carreira política ia sendo construída, o intelectual, do mesmo modo, ia destacando-se na literatura, tornando-se um expoente na cena literária, por meio da estética simbolista e da escrita de romances policiais.

### 1.3 Estreitando laços: As redes de sociabilidade

Ao sábados, nós saímos mais cedo da casa do Tito para passear na Rua do Ouvidor. O que ela era nesses dias, do Largo de São Francisco até a Rua dos Ourives, mal se pode hoje avaliar. Todas as comunicações da cidade para aí se dirigiam. A rede inteira de S. Cristóvão vinha até o largo de S. Francisco. Na rua Uruguaiana, aos cantos da Rua do Ouvidor, paravam de um lado os bondes da Carris Urbanos, do outro lado os da rede de Vila Isabel. Á rua de Gonçalves Dias, canto da Ouvidor, vinham todos os bondes de botafogo. A circulação inteira da cidade convergia assim para aí e daí radiava. Machado de Assis, lembrando a graça que achava outrora e depois deixou de encontrar na noite de Natal, acaba um delicioso soneto, perguntando: “Mudaria o Natal ou mudei eu?” É uma pergunta que, de certa idade e em diante, todos fazemos a propósito de muitas cousas. Mas, dizendo que a Rua do Ouvidor daquele tempo era mais pitoresca que a de hoje, tenho certeza de estar afirmando um fato absolutamente objetivo. E a razão era exatamente que a viação inteira da cidade estava organizada de modo a levar para aí toda gente.

*Albuquerque, 1891, p. 72*

<sup>44</sup> No livro lançado em 1999 “literatura Brasileira: origens e unidade (1500-1960)”, José Abelardo Castello destaca a relevância desta obra na contribuição de Medeiros e Albuquerque á estética simbolista brasileira.

<sup>45</sup> Pelo papel desempenhado no desenvolvimento da atividade editorial no Brasil, a mais importante dessas firmas foi, inquestionavelmente a Garnier Frères, que funcionou no Brasil de 1844 a 1934. Garnier eram originários da península de Contetin na Normandia, a livraria foi fundada em 1828 pelos dois irmãos mais velhos da família. Mas foi Baptiste Louis, que após trabalhar junto com os dois irmãos que decide vir ao Brasil instalar a livraria esperançoso de fazer negócio em um país novo. A Principio instalou-se temporariamente na rua da Quitanda e na Rua Ourives, mas a livraria acabou se fixando na Rua do Ouvidor disputando espaço junto á outra grande livraria a Livraria Universal de E& H Laemmert. Ver em Hallewell (2005) O livro no Brasil de sua História.

Tais como as teias que tecem suas redes de sociabilidade, assim eram as ruas que desembocavam na Rua do Ouvidor. Os bondes da carris e as carroças, que por elas transitavam, levavam os homens de Letras até o coração da cidade do Rio de Janeiro. Ali, unir-se-iam pelo gosto à boêmia, à literatura ou às ideias abolicionistas e republicanas, que arrebatavam a juventude letrada daquele tempo. Ao descrever a Rua do Ouvidor, o intelectual ressalta que nela conheceu quase toda a “Boemia literária dessa época, na qual figuravam Olavo Bilac, José do Patrocínio, Valetim Magalhaes, Paulo Ney, Dario Freira e outros”.<sup>46</sup> Esses sujeitos possuíam características incomuns e, mesmo que discordassem sobre diversos assuntos, ainda assim, faziam parte de um mesmo grupo social. (SIRINELLI, 1996, p. 252) salienta a respeito disso: “As redes secretam, na verdade, microclimas á sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos frequentemente apresentam traços específicos”. Certa vez, em crônica ao *Diário de Notícias*, o próprio Machado de Assis fala a respeito da Rua do Ouvidor, em ocasião da discussão sobre o alargamento da viela, e revela um dos motivos de ser uma rua tão especial para aqueles que nela transitavam:

Vamos á rua do Ouvidor; é um passo. Desta rua ao Diário de Notícias é ainda menos. Ora, foi no Diário de Notícias que eu li em defesa do alargamento da dita rua do Ouvidor, - coisa que eu combateria aqui, se tivesse temo e espaço. Vós que tendes a cargo o aformoseamento da cidade alargai outras ruas, todas as ruas, mas deixai a do Ouvidor assim mesma – uma viela, como lhe chama o Diário, - um canudo, como lhe chama Pedro Luiz. Há nela, assim estreitinha, um aspecto e uma sensação de intimidade. É a rua própria do boato. Vá lá correr um boato por avenidas amplas e lavadas de ar. O boato precisa de aconcheço, da contiguidade, do ouvido á boca para murmurar depressa e baixinho, e saltar de um lado para outro.<sup>47</sup>

Se a noite esses homens de Letras buscavam a boêmia dos bares e das festas, de dia outros motivos, também, os levavam a Rua do Ouvidor. Era nela que se reuniam nos cafés e nela que ficavam as sedes dos principais jornais e livrarias da capital, como a *Garnier*. Ao investigar sua rede de sociabilidades, encontrei um bilhete enviado por Machado de Assis a Medeiros e Albuquerque, avisando-o que poderia encontra-lo na Garnier, na Rua do Ouvidor, pela tarde: “Caro amigo e Collega Medeiros e Albuquerque, Se logo a tarde ao sair daqui, passar ainda pela Rua do Ouvidor, lá me encontrará na Garnier. Caso ainda nos encontremos, falaremos de matéria para a sessão de amanhã”. No próprio papel é possível encontrar a resposta do intelectual – Deixei aqui a carta do Dr. Noemio Silveira acompanhando as obras do Teixeira de Miguel. Responderemos a carta depois”. Abaixo, vê-se o exemplar manuscrito:

<sup>46</sup> (ALBUQUERQUE, 1981, P. 72. O “Tito”, a que refere-se o intelectual é o escritor Tito Lívio de Castro.

<sup>47</sup> MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. A Semana. Rio de Janeiro: A Gazeta de Notícias, Agosto 1893.

Figura 9- Exemplar do bilhete enviado por Machado de Assis à Medeiros e Albuquerque, com resposta do intelectual.

Caro am.<sup>o</sup> e collega Dr. Medeiros, Albuquerque,

Se logo à tarde, ao sair daqui, passar  
ainda pela rua do Ouvidor, lá me acharei  
no Jacuier. Caso ainda nos encontrarmos,  
falaremos de matéria para a sessão de  
amanhã.

Machado de Assis

1 de Maio.

Em tempo:  
Deixei aqui uma carta do Dr. Nereus de  
Silveira acompanhando as obras do Púscio  
de Miguel (?) Responderei à carta depois.

M. de A.

Fonte: Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

A correspondência de Medeiros e Albuquerque revela boa parte de suas redes de sociabilidade. A partir dela, pode compreender melhor a relação estabelecida entre esses sujeitos citados pelo intelectual em suas memórias-póstumas. Na historiografia, o estudo das epístolas possui um espaço notório e importante para compreensão das biografias e da própria história da escrita. Dentre os estudiosos, que ao longo deste capítulo procuro dialogar, e que versam sobre esta temática, destaco: Antonio Castillo Gómez, que lança, em 2015, o livro “Culturas del escrito en el mundo occidental”, onde há uma compilação de textos sobre diversas formas de escrita e suas materialidades, dentre elas, a escrita epistolar. Neste livro, ele problematiza as escritas epistolares no capítulo *De la tipografía al manuscrito Culturas epistolares en la España del siglo XVIII*. Na historiografia da Educação no Brasil, o texto de Mignot (2004) *O carteiro e o Educador: práticas políticas na escrita epistolar* configura-se como um estudo sobre as práticas políticas na escrita de cartas, a partir da carta de um carteiro que pedia um emprego para seu cunhado a Afrânio Peixoto, então Diretor da Instrução

Pública do Distrito Federal (1931 a 1935). Para (VENANCIO, 2001, p. 24), estes documentos são típicos dos arquivos privados e pessoais com características, ao mesmo tempo, íntimas e públicas. Sobre as cartas e diários, salienta Maria Tereza de Santos Cunha:

Cartas e diários pessoais são documentos que carregam traços ritualísticos, consagrando-se tanto como artefatos culturais quanto como documentos que têm, para o historiador, outros estatutos: abrir espaço a partir do qual a história pode ser investigada, isto é, buscada em vestígios e problematizada a partir de diferentes ritmos da vida social de uma época. Materializados em papel e tinta, eles eternizam, em folhas amareladas pela passagem do tempo, ideias, saberes, valores, acontecimentos e dizeres: representações escritas em suporte papel de um outro tempo, produzindo sentidos e construindo significados à ordem do existente ( CUNHA, 2013, p. 116)

Na busca por visibilizar as relações estabelecidas por Medeiros e Albuquerque e seus pares, lanço o olhar para os arquivos da ABL e da Casa de Rui Barbosa. Assim, pude reunir e organizar, em quadros diversos, tipos de escrita epistolar, tais como, cartas, bilhetes e telegramas. As datas variam entre o ano de 1894, às cartas e telegramas emitidos em condolências à sua morte, em 1934. Dentre os sujeitos que surgem como destinatários ou remetentes estão: José Veríssimo, Lúcio de Mendonça e Ruy Barbosa, seleciono algumas destas cartas para este estudo. Abaixo, segue um quadro geral das correspondências em ordem cronológica indicando o tipo de documento, o remetente, o destinatário, a data, o resumo do assunto e a fonte.

Quadro 3- Correspondências estabelecidas entre Medeiros e Albuquerque e seus pares

Documento	Remetente	Destinatário	Data	Assunto	Fonte
Carta	Medeiros e Albuquerque	José Veríssimo	27/07/1894	Medeiros e Albuquerque envia a carta em agradecimento aos livros que José Veríssimo havia lhe enviado. Destaca a leitura do livro Educação Nacional, seguido de sua crítica.	Arquivo da ABL
Carta	Medeiros e Albuquerque	José Veríssimo	06/12/1894	A carta trata sobre o envio de um artigo e de um exemplar de livro pedindo que José Veríssimo leia-os e faça suas críticas.	Arquivo da ABL
Carta	Medeiros e Albuquerque	Lucio de Mendonça	11/02/1897	A carta é longa contem 4 laudas. Nelas o intelectual agradece a indicação de um pintor que Lucio havia feito também revela como havia sido a última reunião do Conselho da Instrução Pública.	Arquivo da Academia Brasileira de Letras

Carta	Medeiros e Albuquerque	Lúcio de Mendonça	Sem data	Na longa carta ele retrata o drama que estava passando com sua família. Assim como seu irmão, Medeiros é levado a julgamento no STF acusado de.. Na carta relata a perseguição por opor-se ao governo de Prudente de Moraes, narra também sua estratégia de pedir áxilo político na embaixada do Chile para fugir da prisão.	Arquivo da ABL
Bilhete	Medeiros e Albuquerque	José Veríssimo	28/11/1898	No breve recardo ele fala que foi a casa de José Veríssimo e não o encontrou por lá.	Arquivo da ABL
Carta	Medeiros e Albuquerque	José Veríssimo	07/03/1903	Medeiros e Albuquerque questiona a ausência de José Veríssimo no Conselho da Instrução Pública. E Pergunta-o se ele ainda gostaria de fazer parte dele.	Arquivo da ABL
Carta	Medeiros e Albuquerque	Graça Aranha	05/01/1907	Na carta ele revela que foi alertado por amigo policial que estava correndo risco de vida por questões políticas contrárias a candidatura de Hermes da Fonseca	Arquivo da ABL
Carta	Medeiros e Albuquerque	Carta ao livreiro Calvino da editora Calvino	03/1934	Na carta escrita a punha pelo neto de Medeiros e Albuquerque ele pede para que Calvino não publique seu livro antes que Fernando Nery leia.	Arquivo da ABL
Carta	Medeiros e Albuquerque	Ruy Barbosa	10/09/1909	Carta em agradecimento a Ruy Barbosa pelo bilhete de felicitações de aniversário	F.C.R.B
Carta	Medeiros e Albuquerque	Ruy Barbosa	11/07/1910	Sobre eleições na ALB. Medeiros e Albuquerque põe Ruy Barbosa a par da última reunião para preenchimento da vaga aberta pelo falecimento de Joaquim Nabuco.	Casa de Ruy Barbosa
Carta	Medeiros e Albuquerque	Ruy Barbosa	02/01/1912	Trata-se de uma carta enviada por Medeiros e Albuquerque durante sua longa estadia em Paris, por conta de seu exílio Voluntário. Nela o intelectual explica as	F.C.R.B

				condições políticas que obrigaram a realizar a viagem e se compromete ao retornar a prestar os serviços necessários a causa civilista	
Telegrama	Centro de Ciências, letras e Artes de Campinas	ABL	10/06/1934	Telegrama oferecendo condolências á ABL oferecendo condolências pela morte de Medeiros e Albuquerque	Arquivo da ABL
Telegrama	Ordem dos Advogados do Paraná	ABL	20/06/1934	Condolências á morte de Medeiros e Albuquerque	Arquivo da ABL
Carta	Sociedade Brasileira de atores teatrais (SBAT)			Condolências á morte de Medeiros e Albuquerque	Arquivo da ABL
Carta	Colégio Paulo Freitas	ABL		Condolências e homenagem á Medeiros e Albuquerque	Arquivo da ABL

Busco problematizar estas epistolas, ao longo de toda a dissertação, já que suas redes de sociabilidade são tratadas aqui de forma constante. Relaciono estes vestígios epistolares com a memória deixada pelo intelectual e com outros impressos, como os jornais. Todavia, a seguir, darei foco a uma parte desta coletânea ao tratar da relação de Medeiros e Albuquerque com José Veríssimo, pois interpreto que este sujeito, marca, de forma peculiar, a trajetória deste intelectual. Saliento, também, que as epistolas sobre viagem serão interpretadas, posteriormente, no capítulo três.

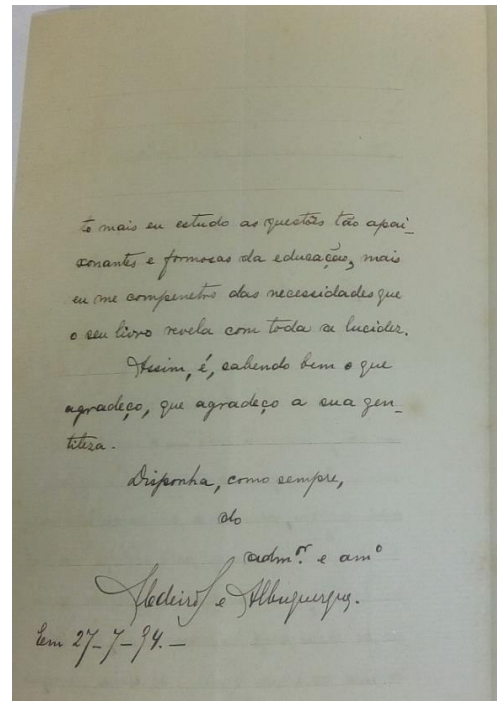
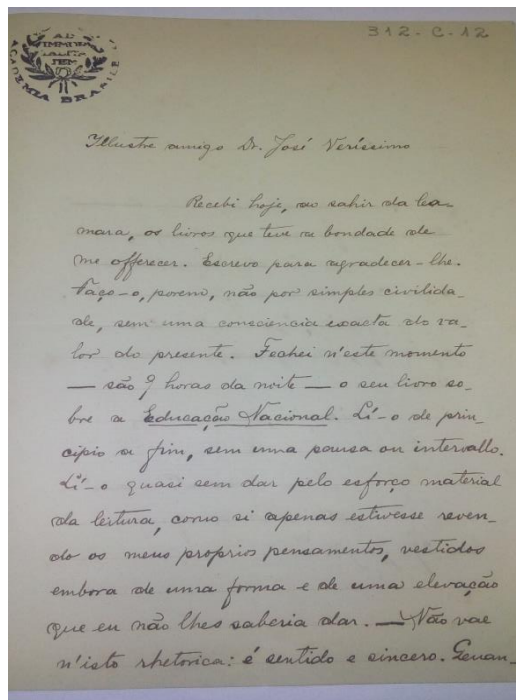
### 1.3.1 José Veríssimo

É Possível interpretar, através das cartas e das memórias de Medeiros e Albuquerque, que, talvez, um dos sujeitos que tenham marcado sua trajetória tenha sido José Veríssimo Dias de Mattos<sup>48</sup> ou José Veríssimo, como é conhecido na historiografia. A relação entre

<sup>48</sup> José Veríssimo (José Veríssimo Dias de Matos), jornalista, professor, educador, crítico e historiador literário, nasceu em Óbidos, PA, em 8 de abril de 1857, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 2 de fevereiro de 1916. Compareceu a todas as reuniões preparatórias da instalação da Academia Brasileira de Letras. Escolheu por patrono João Francisco Lisboa, e é o fundador da cadeira nº 18. Em 1880, viajou pela Europa. Em Lisboa, tomando parte de um Congresso Literário Internacional, defendeu brilhantemente os escritores brasileiros, que vinham sendo severamente censurados, vítimas de injúrias feitas pelos interessados na permanência do livro brasileiro na retaguarda da literatura no Brasil. Voltou à Europa em 1889, indo tomar parte, em Paris, no X Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, quando fez uma comunicação sobre o homem de Marajó e a antiga história da civilização amazônica. Sobre a rica Amazônia são também os ensaios sociológicos que escreveu nessa época, *Cenas da vida amazônica* (1886) e *A Amazônia* (1892). De volta ao Pará, foi nomeado diretor da Instrução Pública (1880-91). Em 1891, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde retornou ao magistério, tendo sido professor na Escola Normal (atual Instituto da Educação) e no Ginásio Nacional (atual Colégio

esses dois sujeitos pode ser percebida, desde as primeiras reuniões realizadas pelos homens de Letras, no intento de se organizar e fundar a primeira Academia de Letras no país. Ambos, junto a Lucio de Mendonça, Machado de Assis e os demais fundadores tinham o habito de se reunirem na sede da *Revista Brasileira*, como foi abordado no capítulo anterior.

Figura 10 - Foto da carta enviada para José Veríssimo que trata da crítica feita por Medeiros e Albuquerque ao livro *Educação Nacional*, enviado junto a outros livros do autor em 27/07/1894.



Fonte: Arquivo da ABL

Na carta acima, Medeiros e Albuquerque responde ao envio de livros, realizado por José Veríssimo. Na resposta, ele estabelece sua crítica à leitura feita, dando ênfase ao livro *Educação Nacional*. A crítica é elogiosa, chegando o intelectual a afirmar que compartilhava do mesmo pensamento do autor a respeito da Educação no Brasil. Porém, não foi apenas de elogios e reciprocidade que a relação destes dois sujeitos se estabeleceu. Com seu jeito irônico e polêmico, narra certa situação que ocorreu entre ele e José Veríssimo na Instrução Pública:

---

Pedro II), dos quais foi também diretor. Interrompera os seus trabalhos de sociologia e de história, ainda no Pará, para fixar-se na crítica e na história literária, atividade a que ele se dedicou mais intensamente no Rio de Janeiro. Criada a pasta da educação pública, logo após a proclamação da República, o seu primeiro ministro, Benjamin Constant, procedeu a reforma do sistema geral de ensino público. José Veríssimo discutiu, no *Jornal do Brasil* do primeiro semestre de 1892, as reformas introduzidas, delas fazendo uma crítica magistral, que depois ele acresceu como Introdução da 2ª edição (1906) de seu livro *A educação nacional*. [...] Biografia disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia>

Em certa ocasião, Veríssimo estava em uma situação de vida embaraçosíssima. Eu o tirei dela, obtendo, como Diretor da Instrução Pública que ele fosse nomeado professor do Pedagogium e membro remunerado do Conselho Superior de Instrução Pública. Ele me agradeceu o fato em um carta que ainda conservo [...] A ideia, porém, de me ficar agradecido lhe pesava e ele procurou demonstrar a “independência do seu coração” de vários modos. Um dia, foi mesmo o primeiro signatário de uma representação contra uma reforma de ensino por mim feita. Era positivamente, nesse caso, a criatura revoltando-se contra o criador. [...] Demais, antes de fazer passar a reforma, eu tive a gentileza de lha mostrar, solicitando sua opinião. Ele não a deu, escusando-se com falta de tempo, mas pediu-me que incluísse uma disposição transitória para facilitar a matrícula da filha na Escola Normal. Eu a fiz. Que depois de mais esse favor ele protestasse contra mim, por causa dessa mesma reforma, que tão diretamente aproveitara á filha, pareceu-me um pouco forte. (ALBUQUERQUE, 1981, p. 291)

O que para Medeiros e Albuquerque foi como uma ingratidão poderia ter sido apenas o compromisso de José Veríssimo com as suas próprias ideias sobre a Educação. Mas, já advirto ao leitor, que não encontrei até o momento da escrita dessas páginas, correspondências ou quaisquer outros documentos escritos por José Veríssimo sobre Medeiros e Albuquerque ou, mais especificamente, sobre esta situação. Deixo, portanto, aqui, caro leitor, o olhar de Medeiros e Albuquerque sobre a relação estabelecida entre ele e José Veríssimo. Com relação ao Conselho da Instrução Pública, talvez, esses conflitos e favores tenham pesado ao ponto de José Veríssimo se ausentar às reuniões, até abandonar de vez o cargo no conselho, como revela a seguinte correspondência enviada por Medeiros e Albuquerque a ele:

Ao construir o Conselho da Instrução, desde 1897, sempre o incluí entre seus membros. Graças a isso, tive muitas vezes ocasião de seguir as suas opiniões e sempre a de ouvi-lo attentamente. Sei, porém, que hpa mais de seis meses abandonou completamente o Conselho. Isso parece indicar que não pretende mais fazer parte delle. É assim? Sem indagar as razões que possa ter para isso , quero apenas perguntar-lhe si deseja ainda continuar nelle. É esta pergunta que lhe fiz. Do colle e amigo Medeiros e Albuquerque

Figura 11- Exemplar da carta de Medeiros e Albuquerque à José Veríssimo, cobrando-o uma resposta sobre sua saída do Conselho da Instrução Pública.



Meu caro Dr. José Veríssimo  
 O Conselho de Instrução, desde  
 1887, sempre o incluí entre os seus membros. Gra-  
 ças a isso, tive muitas vezes occasião de seguir as  
 suas opiniões e sempre as ouvi-lo attentamente.  
 Sei, porém, que, há mais de seis meses, abandonou  
 completamente o Conselho. Isso parece indicar que  
 não deseja mais fazer parte d'elle. É assim? Sem  
 indagar as razões que possa ter para isso, quero ape-  
 nas perguntar-lhe si deseja ainda continuar nelle.  
 É esta pergunta que lhe faz  
 o coll.<sup>o</sup> e am.<sup>o</sup>  
 Medeiros e Albuquerque.  
 em 7. 3. 1903.

Fonte: Arquivo da ABL

Nos documentos administrativos da Instrução Pública do Distrito Federal, desde que Medeiros e Albuquerque assumiu a pasta e o Conselho da Instrução como presidente e organizador das sessões, que ocorriam uma vez ao mês. Encontrei, como parte dos membros fixos, durante os anos de 1902 e 1903<sup>49</sup>, o intelectual José Veríssimo. Nos anos posteriores, não há mais o registro do intelectual entre os membros. Se José Veríssimo respondeu ou não a Medeiros e Albuquerque, não tenho como aqui informar, meu leitor, mas, de fato, o ano de 1903 foi o último ano dele no Conselho da Instrução.

### 1.3.2 À Posteridade

A nossa vida se faz toda inteira na continua previsão da morte ou ella seja, como alguns crêem, uma porta que se abre para novas existências, ou, como eu acredito, o decisivo ponto final em cada uma

<sup>49</sup> Livro do Conselho da Instrução Pública do Distrito Federal.

dellas, o problema se formula a nossos olhos com tanta freqüência que não ha meio de lhe negar ou sequer diminuir a importância.<sup>50</sup>

*Albuquerque, 1909, p. 106*

Ao seguir as pistas da vida deste intelectual, inevitavelmente, deparei-me com os vestígios de sua morte. Como nota-se na epigrafe, a morte para Medeiros e Albuquerque era vista com certa naturalidade, algo simples, mas de elevada importância. Tanto que sobre ela teceu uma longa conferência no Instituto Nacional de Música, em 1905. E como parte da trajetória de qualquer sujeito, seja ele público ou um completo desconhecido, a morte é um fato incontestável. O empenho em que teve para deixar à posteridade suas memórias, já é um indício de que o intelectual estava se preparando para a chegada de sua morte, que ocorreu em 9 de junho de 1934. Algum tempo antes, ele se encontrava enfermo, como transparece a carta do inicio deste estudo ao D.r Calvino. Os jornais em circulação, como *A Noite* e *O Paiz*, já noticiavam o quadro de saúde no qual se encontrava. Por fim, aos 67 anos, acaba sendo vencido pela pneumonia. Sobre o impacto de sua morte, encontro cartas de diferentes instituições do país enviadas à ABL, desejando condolências. Também encontro, nos necrológicos dos jornais, o destaque que sua morte possuiu, assim como comentários de figuras públicas, fotografias deste rito de passagem que moldam de forma laudatória sua imagem aos leitores. A respeito das práticas culturais tece (CHARTIER, 1990, p. 17):

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem á universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

Nesse sentido, as cartas de condolência que pude selecionar ajudam a compreender o impacto da perda do intelectual e sua representatividade diante de seus pares. Obteve o reconhecimento de sua trajetória pelo Centro de Ciências e Letras de Campinas, pela Ordem dos advogados do Paraná, pela Sociedade Brasileira de Atores Teatrais e pelo, na época ilustre, Colégio Paula Freitas, instituição de ensino particular fundada em 1902, que era comparado ao Colégio Pedro II e preparava os alunos para as Escolas Superiores. A saber, Lima Barreto foi aluno de lá, como aparece na cronologia biográfica do escritor em “Contos Completos de Lima Barreto”. Abaixo segue, na integra, as respectivas correspondências:

---

<sup>50</sup> Trecho retirado da Conferência “Os mortos” realizada por Medeiros e Albuquerque em 4 de novembro de 1905 no Instituto Nacional de Música.

Figura 12 - Telegrama de condolências à morte de Medeiros e Albuquerque enviado pelo Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas.

Modelo N. 582 (20)

**BRASIL** DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS  
**TELEGRAMA** 20084

RECEBIDO

DE \_\_\_\_\_

POR \_\_\_\_\_

AS \_\_\_\_\_

DE \_\_\_\_\_

ACADEMIA BRASILEIRA  
LETRAS RIO

10 JUN 34  
CORREIOS E TELEGRAFOS  
CENTRAL

AD  
ALTA  
BRASIL

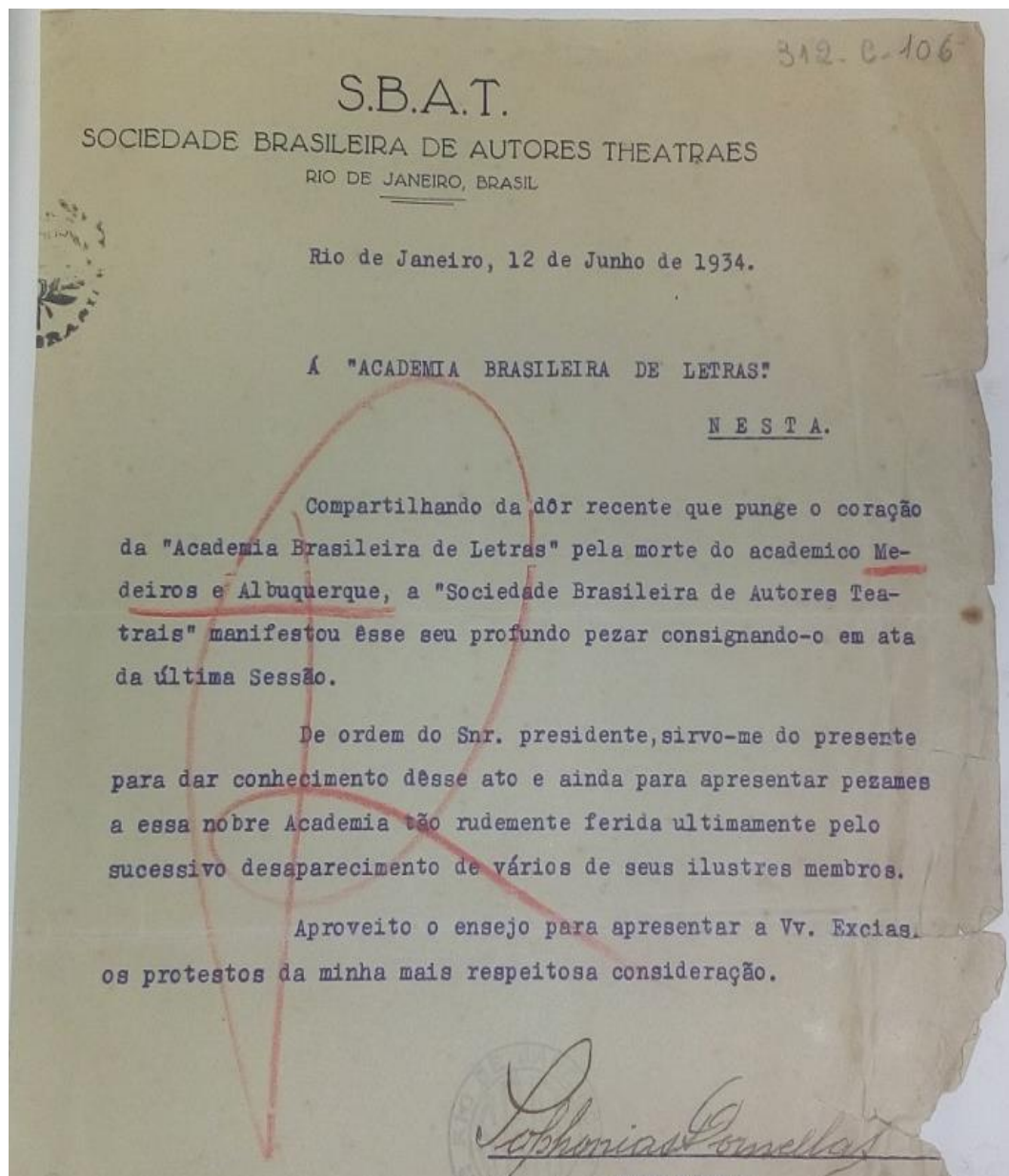
- CAMPINAS SP 338 20 10 18,50 HORA

- CENTRO SCIENCIAS LETRAS ARTES CAMPINAS  
CONDOLENCIAS FALECIMENTO BRILHANTE LITERATO  
MEDEIROS ALBUQUERQUE FRANCISCO ALVES MOURAO  
SECRETARIA GERAL

Ira linha deste telegrama, depois do endereço, contém as seguintes indicações: estação de procedência — número de telegrama — número de palavras — data e hora da apresentação.  
Amal, si houver demora na entrega de vossos telegramas.

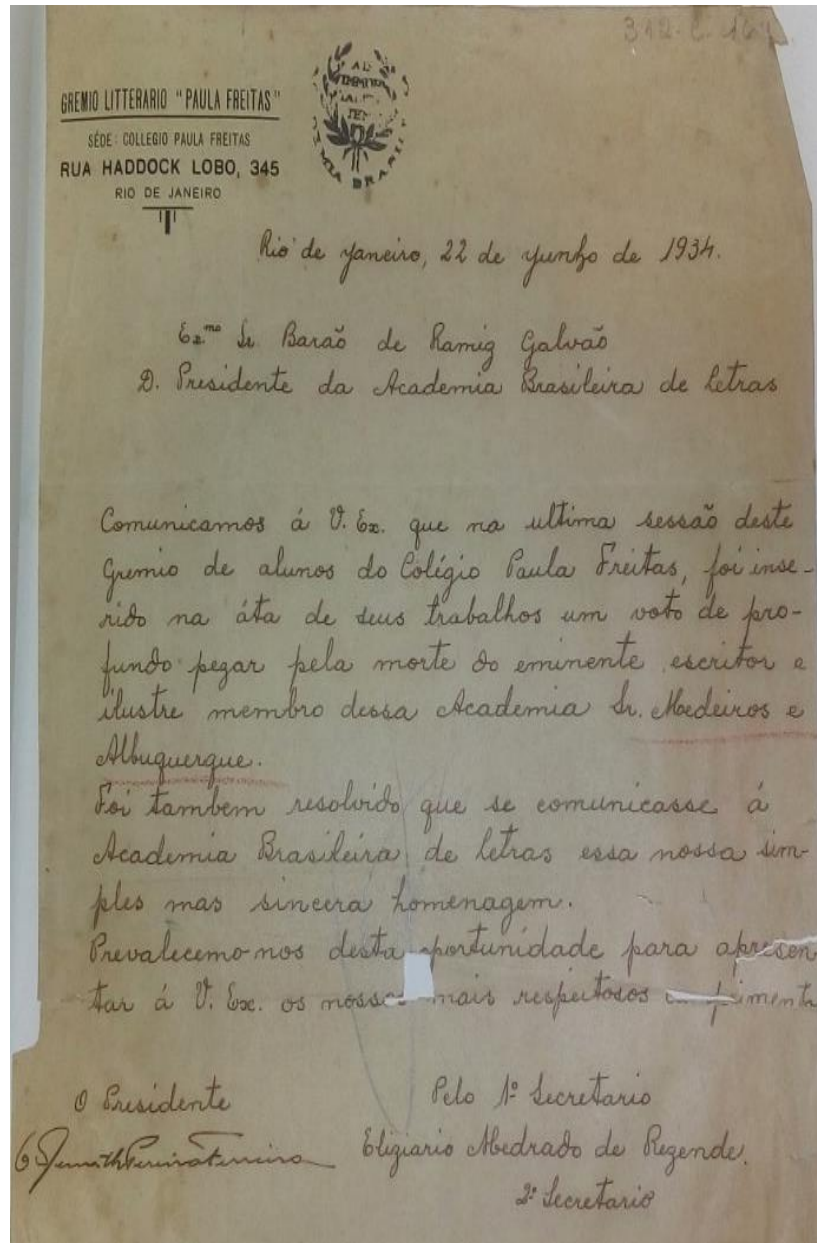
Fonte: Arquivo da Academia Brasileira de Letras

Figura 13 - Telegrama enviado pela Sociedade Brasileira de Atores Teatrais, em 12 de junho de 1934



Fonte: Arquivo da ABL.

Figura 14- Carta enviada pelo Grêmio literário do Colégio Paula Freitas



Fonte: Arquivo da Academia Brasileira de Letras

O Jornal *A Noite* dedica boa parte de sua capa para tratar do falecimento do intelectual. Com a chamada: “Uma brilhante figura do mundo intelectual desaparece. O falecimento de Medeiros e Albuquerque, vigorosa expressão das letras e do jornalismo nacional”. Estas primeiras e impactantes frases registram o principal legado deste sujeito que, indiscutivelmente, assumia sua posição enquanto homem de Letras e Jornalista. Essas duas faces de sua trajetória, até hoje, são as mais lembradas em biografias sobre este sujeito. (SANTOS, 2014, p.38) versa que “O necrológio, como outro modo de lembrar o morto, faz parte do discurso a ele, porque apresenta e enaltece as qualidades que teve o falecido. E, se o morto não teve qualidades a serem ressaltadas, esta escritura procura agregá-las à imagem que se desejou fossem perpetuadas”. Além deste registro, o jornal busca dar também visibilidade a



outras atividades realizadas por Medeiros e Albuquerque, ainda que apareçam com menor relevância, pois ao problematizar a materialidade da notícia, é notório que essas outras informações estejam em letras menores que as definidas na manchete.

Figura 15 - Fotografia do velório de Medeiros e Albuquerque no necrológico do Jornal *À noite*, de 11/06/1934



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional

Medeiros e Albuquerque encontra-se vestido com o traje típico dos Imortais da ABL – ou “Fardão Acadêmico”, como descreve o jornal –, o que transmite à sociedade sua posição privilegiada e de destaque aos demais populares, dando “ar de pompa” a este rito de passagem. Em outra coluna, da mesma manchete, de título “A morte do escritor”, o breve trecho destaca as circunstâncias que ocorreriam o enterro e revela que o intelectual havia

desde que adoecera planejado como aconteceria o seu enterro. Fez aos familiares ordens expressas sobre isso, chegando até mesmo a deixar redigida a notícia de seu próprio funeral:

O estado de saúde de Medeiros e Albuquerque já a longo tempo era precário, Elle mesmo conhecendo a gravidade do seu mau, estava convencido de que não viveria muito e começou a escrever suas memórias sob o título de “minha vida”. Sábado agravou-se seu estado, falecendo o ilustre escritor aos 67 anos de idade. Medeiros e Albuquerque não quis que seu enterramento fosse apparatuso. E deixou a respeito instruções severas, chegando a redigir a própria noticia<sup>51</sup>

Medeiros e Albuquerque, de forma obcecada – permito aqui interpretar –, tenta controlar sua imagem à posteridade de forma que, para um leitor descuidado, possa parecer até mesmo contraditório. Mas, por que tanto cuidado? Para que deixar memórias escritas e pedir para ter um enterro simples, sem luxo algum, como conviria a sua posição de imortal da ABL? Sim! Seria no mínimo incoerente. Mas ao juntar as pistas esparsas de sua trajetória, creio caro leitor, que o grande intento do intelectual era de ser reconhecido como um homem do povo, um homem igual aos seus semelhantes, deixando a frivolidade dos títulos de lado, para torna-se um mito. Assim como Silva Jardim, um líder popular que viajou por todo o Brasil para empreender a campanha republicana ou, até mesmo, como o próprio Tiradentes, da letra do Hino da República, escrito pelo intelectual. Interpreto que Medeiros e Albuquerque gostaria de ser lembrado, após a sua morte, assim como eram lembrados os seus heróis republicanos.

Através das redes de sociabilidade tecidas por este sujeito, dos documentos e memórias ao longo deste capítulo, suas estratégias de legitimação e também consagração como intelectual e político foram desveladas. Compreender seu pensamento como republicano é o caminho para interpretar suas práticas no campo educacional, enquanto diretor da Instrução Pública do Distrito Federal. Qual era o seu projeto de Educação? Como a cena carioca contribuiu ou dificultou seu projeto? Quais os sujeitos que fizeram parte deste processo? A qual público estava destinada estas práticas? A seguir porei luz a estas questões que compõem a trajetória deste intelectual no campo educacional.

---

<sup>51</sup> *A Noite*, 11 de junho de 1934. Fonte Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

## 2 A REFORMA DA INSTRUÇÃO COMO PROJETO POLÍTICO

O maior sonho que a Humanidade póde fazer é o de ver-se extinguir a miséria, de ver uma justiça social melhor distribuída, acabando as grandes iniquidades. E quem nos prova que isso é uma utopia, quem nos faz ver que a pobreza, para os que querem trabalhar não é um mal necessário, quem nos demonstra que a accumulção nas mãos dos que ganham sem esforço é um roubo aos que vegetam na pobreza, embora mourejem continuamente no labor áspero e rude – é essa sciencia dos números, que dizem ser fria, mas que nos permite acalentarmos todas essas generosas aspirações.<sup>52</sup>

*Albuquerque, 1903, p. 20*

No discurso proferido por Medeiros e Albuquerque em ocasião à entrega de diplomas às normalistas, no ano de 1903, compreendo melhor o pensamento deste sujeito referente à educação e a uma política de desenvolvimento social. Representa também as aspirações destes intelectuais atuantes na sociedade no final do século XIX e início do século XX. Como visto no primeiro capítulo, desde o advento da república, a Capital Federal passava por grandes transformações, os políticos e intelectuais buscavam criar uma unidade nacional integrando o espaço urbano através da higiene, educação e cultura (Nagle, 1974). Porém, é no período que marca a candidatura de Francisco Pereira Passos que estas mudanças saem, de fato, do campo das ideias e começam a ser executadas transformando, por completo, a geografia da cidade. A primeira proposta política de reforma urbana no Rio de Janeiro surge antes da instauração da república, por conta da epidemia de febre amarela que ocorreu no ano de 1870. A doença alastrava-se entre a população localizada no centro da cidade. A região das praias da Gamboa, Saco do Alferes e da Saúde eram aonde se encontravam os maiores números dos casos da doença. Por conta desse problema, os representantes do governo imperial discutiam a urgência de realizar na cidade a mudança desta população para os bairros localizados na zona norte do Rio de Janeiro. A esse respeito elucidada:

Começavam, assim, a se delinear a polemica em torno da viabilidade e conveniência de remover a grande massa proletária do centro para as zonas periféricas, exatamente no momento em que as companhias de serviços públicos estendiam suas linhas e canalizações em direção a zona norte e sul da cidade. Continha ela, em

---

<sup>52</sup> “Discursos proferidos na solemnidade de integra e diplomas ás normalistas, no anno escolar de 1903”. Typografia do Instituto Profissional, 1904 .



germe, o projeto que viria a ser executado no início do século XX, já no contexto da primeira república, da difusão da energia elétrica, da consolidação da indústria capitalista associada a expansão do porto e dos subúrbios. (BENCHIMOL, 1992, p. 138)

A ideia sugerida por Pereira Rego tinha suas limitações e problemas, como o próprio político assumiu. Para quais habitações essas pessoas seriam conduzidas? Como garantir que não voltariam novamente para os lugares de foco da doença? Quanto custaria ao governo para indenizar esses moradores que seriam retirados contra vontade própria? Essas foram algumas questões levantadas por este sujeito e que acabaram (in) viabilizando a reforma urbana da cidade do Rio de Janeiro, durante no império. Ao longo das últimas décadas do Brasil Imperial algumas tímidas melhorias foram feitas nas áreas de urbanização e saúde. Sobre a cena política e social dos oitocentos abarca (GONDRA, 2004, p. 20):

Os anos oitocentos foram, portanto, um tempo propositivo. Sobre o que se queria superar, a incidência do discurso negativo, da crítica; e sobre o que se queria constituir, discursos positivos, de projetos. E as iniciativas foram se sucedendo. Afastar-se de Portugal, aproximar-se de um mundo ilustrado e que caminhava a passos largos rumo à industrialização caracterizaram as primeiras medidas. Fim do pacto colonial e aproximação com Inglaterra e França, convertidas, então, em ícones da civilização. A primeira pela força industrial, a ponto de fazer com que o século XIX, sob este ângulo, tivesse sido designado de “o século inglês”. Já o Brasil e, mais particularmente, Sebastianópolis eram posicionados à distância daquele tempo representado, então, sob os signos da indústria e da razão. Neste sentido, o século XIX brasileiro pode ser caracterizado como um tempo de desafios que supõem a realização de alguns deslocamentos. De colônia a Estado nacional independente. De anexo de Portugal a Brasil. No caso do Rio de Janeiro, o grande desafio foi transformar uma cidade colonial, sucessivamente, em sede do governo português, sede do Estado imperial e sede da República.

A busca por civilizar a sociedade não ocorreu apenas com o advento da república. Havia, sobretudo nos oitocentos, um interesse de modernizar a corte e acabar com sua má fama internacional de lugar sem higiene, infestado de doenças e sem desenvolvimento urbano. A pedido do Imperador, uma comissão foi criada para dar conta dessas demandas e modernizar a cidade – “Comissão de Melhoramentos da Cidade do Rio de Janeiro”<sup>53</sup> –, que entre seus integrantes tinha o próprio Francisco Pereira Passos, futuro prefeito da cidade do Rio de Janeiro, que começava a destacar-se como engenheiro – sendo, no mesmo ano, em 1874, nomeado Engenheiro do Ministério do Império, no gabinete do Conselheiro João Alfredo.

Salienta (AZEVEDO, 2015, p.74) que: “Na condição de funcionários públicos, aos engenheiros brasileiros desta época restava trabalhar nos projetos técnicos da Coroa, projetos nos quais a questão material encontrava-se subordinada a um ideal de construção de uma

---

<sup>53</sup> Ver em: BENCHIMOL (1992)

civilização”. Formado engenheiro na Escola Militar da Corte, entre 1853e 1856<sup>54</sup>, o serviço público era a única opção para exercer a profissão na cidade do Rio de Janeiro, já que poucas eram as obras privadas realizadas naquele período, a demanda maior era de cunho público, visto a condição precária das condições dos serviços urbanos. Assim que formado, no mesmo ano, integra a legação brasileira, em Paris, onde pode estudar na *École de Ponts et Chaussées* e passou a acompanhar de perto a reforma urbana realizada naquela cidade por *Eugène Georges Haussmann*. Foi nesta viagem que obteve a inspiração para realizar as obras urbanas na cidade a partir de 1902, quando foi nomeado prefeito pelo presidente da república Rodrigues Alves.

O retorno de Medeiros e Albuquerque a frente da Instrução Pública, em 1902, coincide com o curto mandato do prefeito de Xavier da Silveira<sup>55</sup> e com o início do longo mandato de Pereira Passos. Foi neste ano que conseguiu a última sentença pelo Supremo Tribunal Federal para retomar ao seu cargo, como relata em suas memórias. Do tempo que trabalhou junto de Pereira Passos como diretor da Instrução Pública, dentre os anos de 1902 a 1906, deixa algumas recordações. No começo, ele destaca que se sentia ameaçado pelo prefeito, mas que logo conseguiu se posicionar de forma a receber seu respeito; a dificuldade maior, sem dúvida, era quanto à verba destinada a Instrução Pública:

Passos entrou na prefeitura disposto a travar luta comigo, e provavelmente a demitir-me. Amigos me advertiram que era indispensável não o contrariar. Eu, porém, lhes disse a minha disposição em fazer justamente o oposto. E foi como procedi. Assim que Passos me avistou, logo me foi dizendo: - O senhor é diretor de uma diretoria que gasta muito. E eu ao pé da letra: - O senhor está enganado: minha diretoria não gasta quase nada. – Quase nada?! E Passos debruçou-se sobre o orçamento a procurar a cifra exata: - Não precisa procurar. A diretoria da Instrução dispõe ( era o que ela tinha nessa data) de 4.000 contos: devia ter pelo menos quarenta mil [...] Essa primeira entrevista decidiu parte do nosso acordo. Porque Passos tinha uma boa qualidade: detestava os aduladores. Por isso mesmo os diretores como Julio Furtado, Nascimento e Silva e eu, que lhes faziam frente, quando isso era preciso, mereciam- lhe mais estimas do que outros mais dóceis. (ALBUQUERQUE, 1981, p. 250)

A verba destinada à Instrução Pública do Distrito Federal era uma das principais queixas de Medeiros e Albuquerque com relação às dificuldades que enfrentou em sua gestão. Sob as responsabilidades da municipalidade estavam submetidas às Escolas primárias; a Escola Normal; o *Pedagogium*; o Instituto Profissional Masculino e o Instituto Profissional Feminino – recentemente construído em sua gestão –; o Instituto Comercial e a Casa de São

<sup>54</sup> Ver em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PASSOS,%20Pereira.pdf>

<sup>55</sup> “Joaquim Xavier da Silveira Júnior nasceu em Santos (SP) a 11 de outubro de 1864, filho de Joaquim Xavier da Silveira e de Emília Carneiro Monteiro. Seu pai foi poeta, jornalista, advogado e líder abolicionista. Seu cunhado Alberto Torres foi deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro (1894-1895), ministro da Justiça e Negócios Interiores (1895), presidente do estado do Rio de Janeiro (1897-1900) e ministro do Supremo Tribunal Federal (1901-1907)”. Biografia disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SILVEIRA,%20Xavier%20da.pdf>

José – além das despesas da própria diretoria e do magistério adido. Abaixo, segue um quadro que ilustra o valor total gasto pela Instrução Pública no ano de 1902, sendo um total de 19 milhões de contos de réis, aproximadamente.

Quadro 4 - do Orçamento da Diretoria Geral da Instrução Pública, no ano de 1902

Instrução Pública do Distrito Federal	Orçamento
Diretoria da Instrução Pública	265:200\$000 Contos
Instrução Primária	2.705:800\$00 Contos
Escola Normal	280:333332 Contos
Pedagogium	49:800\$000 Contos
Instituto Profissional do Sexo Masculino	454:880\$000 Contos
Instituto Profissional do Sexo Feminino	127:900\$000 Contos
Instituto Comercial	123:700\$000 Contos
Casa de São José	220:960\$000 Contos
Pessoal do Magistério Adido	170:400\$000 Contos

Ao ter em mãos o orçamento da prefeitura no ano de 1902, por exemplo, os gastos com o Conselho Municipal e com a secretaria do Conselho Municipal – ambos liderados por Pereira Passos e seus aliados – eram maiores do que os gastos da Escola Normal e do *Pedagogium* juntos, por exemplo. Ainda assim, apesar das divergências, outra característica que os uni era o dever público de promover a reforma política em voga. Além de inaugurar avenidas, prédios e monumentos, ao lado de Medeiros e Albuquerque – apesar de nos bastidores suprir a verba destinada à Educação – Pereira Passos também inaugurava escolas, como é possível ver nas duas fotografias a seguir:

Figura 16- Na fotografia, vê-se Medeiros e Albuquerque ao lado direito de Pereira Passos, juntamente com Nascimento e Silva, com Coronel Souza Aguiar e a professora Joana Palhares, em ocasião da inauguração da Escola Rodrigues Alves, situada ao lado do Palácio do Catete.



Fonte do arquivo Iconográfico da Brasileira.

Figura 17 - Inauguração da Escola Tiradentes em 25 de novembro de 1905. No centro estão, respectivamente, Medeiros e Albuquerque e Pereira Passos.



Fonte: Iconografia Brasileira

Embora unidos pelo progresso da cidade, a relação política destes sujeitos era oscilante, com desentendimentos e acordos, em um dos momentos mais transformadores da história da cidade do Rio de Janeiro e do país, enquanto recente república. Estava em jogo ali um projeto de nação, que tinha como um dos cenários principais a capital federal. Por seu turno, Pereira Passos colocava em prática seu conhecimento de engenheiro modificando por completo o centro da cidade: abriu a Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco, onde novos prédios foram construídos inspirados na cidade de Paris, como a Escola Nacional de Belas Artes, a Biblioteca Nacional, o Supremo Tribunal Federal, o Palácio Monroe, e o Teatro Municipal; a demolição dos cortiços e o alargamento das ruas modernizavam a cidade deixando-a adequada para o trânsito dos automóveis. No campo da saúde, Oswaldo Cruz<sup>56</sup>,

<sup>56</sup> “Oswaldo Cruz (Oswaldo Gonçalves Cruz), médico, higienista e cientista, nasceu em São Luís de Paraitinga, SP, em 5 de agosto de 1872, e faleceu, aos 44 anos de idade, em Petrópolis, RJ, em 11 de fevereiro de 1917. Era o único filho homem de um médico, Dr. Bento Gonçalves Cruz, casado com a prima-irmã, D. Amélia Taborda Bulhões Cruz, ambos cariocas, tendo nascido no Vale do Paraíba paulista por lá ter ido clinicar seu pai. Aos cinco anos de idade acompanhou a família em seu retorno ao Rio de Janeiro, onde fez todos os seus estudos, recebendo o grau de Doutor pela Faculdade de Medicina em 1892, com vinte anos. Sua tese, *A veiculação microbiana pela água*, foi aprovada com distinção. Em 1893, casou-se com D. Emília Fonseca, de tradicional família fluminense, com quem teve seis filhos. Iniciou-se na carreira médica como preparador de laboratório de higiene e, mais tarde, auxiliar no Laboratório Nacional de Higiene. Esteve em Paris, em 1896, e trabalhou três anos no Instituto Pasteur, ao lado de Roux, Nihert, Metchnikoff e outros. Passou a colaborar em jornais e revistas médicas nacionais e estrangeiras. De volta ao Rio de Janeiro em 1899, Oswaldo Cruz dirigia o laboratório da Policlínica quando foi chamado para estudar a peste que assolava o porto de Santos. Com Vital Brasil e Adolfo Lutz, confirmou clínica e bacteriologicamente que se tratava da peste bubônica. Diante da grave situação, as autoridades criaram o Instituto Butantã, em São Paulo, dirigido por Vital Brasil, e o Instituto Soroterápico Municipal, no Rio de Janeiro, que se instalou numa fazenda em Manguinhos e que depois se transformou no Instituto Oswaldo Cruz. Era diretor do Instituto Soroterápico o Barão de Pedro Afonso, substituído em 1902 por Oswaldo Cruz. Entre seus auxiliares estavam Adolfo Lutz,

nomeado Diretor Geral da Saúde Pública, em 1903 colocava em prática o pensamento higienista dos médicos de sua época, ideais aclamadas pela elite e classe média da capital. E, por seu turno, a frente da Educação da Capital Federal, Medeiros e Albuquerque dava sequência, a partir de 1902, quando retoma seu cargo, ao seu projeto republicano de instruir e civilizar a população. Nas próximas linhas apresento e interpreto a Reforma da Instrução de 1897 e a sequência desta reforma, retomada em 1902.

## 2.1 Práticas reformadoras, conflitos e disputas

Em *Recordações de Medeiros e Albuquerque*, de 1959, Carlos Sussekind de Mendonça<sup>57</sup> ressalta um pouco do trabalho realizado por este intelectual a frente da Instrução Pública do Distrito Federal. Fala sobre sua determinação incansável para realizar a reforma da instrução pública no município do Rio de Janeiro, na época capital Federal. A respeito disto, diz: “Enfrentou adversários terríveis e sustentou lutas prolongadas por não permitir o sacrifício do seu plano de ação, que executou com perseverança e tenacidade. Porque tinha consciência de seu valor [...] A projeção de seu espírito em nosso problema educacional é fértil em resultados positivos”<sup>58</sup>. Quem eram seus inimigos implacáveis? Quais lutas foram travadas por este sujeito? Qual era o seu “plano de ação”? A partir destas questões, busco compreender as práticas reformadoras de Medeiros e Albuquerque.

Contando, com espaças passagens das memórias de Medeiros e Albuquerque e de seus biógrafos, dediquei-me ao estudo dos documentos da Instrução Pública do Distrito Federal e às páginas de periódicos que circulavam na época em que o presente intelectual dirigiu o cargo. Nomeado em 1896 a diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, Medeiros e Albuquerque, assume o cargo nos primeiros dias do ano de 1897<sup>59</sup>. Em pouco tempo, já

---

Artur Neiva, Emílio Ribas e Carlos Chagas. Em março de 1903 assumiu a direção do serviço da Saúde Pública do Rio de Janeiro, a convite do Presidente Rodrigues Alves, através do Ministro J. J. Seabra. [...] Fonte: <http://www.academia.org.br/academicos/osvaldo-cruz/biografia>

<sup>57</sup> Carlos Sussekind de Mendonça Filho (Rio de Janeiro RJ 1933). Escritor e tradutor, neto do também escritor e co-fundador da Academia Brasileira de Letras - ABL, Lúcio de Mendonça (1854 - 1909), e filho do biógrafo e ensaísta Carlos Sussekind de Mendonça (1899 - 1968). Após concluir seus estudos iniciais, ingressa na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil - atual Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, em 1952, onde permanece por apenas dois anos. Seguindo a importante tradição de intelectuais na família, em 1960 lança seu primeiro romance, *Os Ombros Altos*, que, com o título *Ombros Altos*, desde as reedições de 1997 e 2003, passa a incluir trechos inéditos e ilustrações do próprio autor. Quinze anos separam este do segundo livro, *Armadilha para Lamartine*, baseado em diários redigidos pelo pai durante 30 anos, e por isso assinado por Carlos & Carlos Sussekind. Sua obra mescla ficção e autobiografia, e seus personagens misturam-se entre as histórias, inclusive nas obras posteriores. *Que Pensam Vocês que Ele Fez* surge depois de outro longo intervalo, em 1994, e retoma a personagem Lamartine M., do livro anterior. Entre suas traduções, que faz até o ano de 2004, constam principalmente textos de literatura infantil e juvenil. A partir de então, dedica-se exclusivamente à transcrição dos 30 anos de diários de seu pai. [...] ver em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa519622/carlos-sussekind>

<sup>58</sup> MEDONÇA (1959). Recordações de Medeiros e Albuquerque

<sup>59</sup> Funcionários. Diretoria Geral, pessoal administrativo e do magistério 1896- 1900, Acervo do AGCRJ

lançava sua reforma junto ao Conselho da Instrução Pública<sup>60</sup>, no qual era presidente. Em 18 e março de 1897, o Jornal *O Paiz* divulga, na íntegra, as principais mudanças estabelecidas pela reforma de 1897. Por tratar-se de uma longa matéria, organizei em um quadro para tornar mais explicativo e resumido estas mudanças, que abrangem, de maneira geral, diversos aspectos no ensino da municipalidade:

Quadro 5- Reforma da Instrução Pública do Distrito Federal em 1897

<b>REFORMA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL -1897</b>	
<b>Escola Normal</b>	<p>“A reforma da Escola Normal formulada junto a sua congregação. Atenderá com um plano de ensino onde termina a escola primária, tendo em consideração que as escolas de 2º com a reforma, seriam extintas”.</p> <p>“A cadeira de sociologia será substituída pela de pedagogia”.</p> <p>“Abertura dos cursos noturnos na Escola Normal destinado aos adjuntos já matriculados que precisem. Todos os alunos passarão a pagar uma taxa anual de matrícula não excedente de 50\$. Essa matrícula não terá limite”.</p>
<b>Escolas primárias</b>	<p>“O ensino nas escolas primárias será dado em três cursos, dos quais apenas o primeiro será subdividido em duas classes”.</p>
<b>Funcionários, matrículas e vencimentos</b>	<p>“Os adjuntos serão tirados de entre os normalistas diplomados, por merecimento, á medida que foram sendo necessários”.</p> <p>“Quando não existirem diplomados, atender-se-há ao maior numero de exames e ás melhores aprovações”.</p> <p>“Os catedráticos serão tirados de entre os adjuntos diplomados, preferindo-se os que tiverem regido escolas subvencionadas. Os adjuntos que serviram interinamente nas escolas suburbanas até o termo do ultimo anno lectivo, passarão a effectivos para servirem nessas escolas”.</p> <p>“Ficarão elevados a 3:000 annuaes os vencimentos dos adjuntos”.</p> <p>“Respeitados os direitos dos actuaes normalistas, dos diplomados do sexo masculino e bem assim dos alumnos que tiverem de se matricular na Escola Normal, por força da presente lei, será vedada aos alumnos a matricula nessa escola, passando gradualmente a instrucção primaria exclusivamente para o sexo feminino”.</p> <p>“Serão desde já creadas 10 escolas primarias para serem distribuídas pelas zonas onde a estatística accusar maior densidade de população escolar. Para provimento destas escolas, que serão diurnas, haverá concurso, limitada a inscripção ás diplomadas pelo regulamento de 1881 e ás normalistas que tenham mais de 11 exames pelo 1893. Ficam em tudo garantidos os direitos dos actuaes professores subvencionados e subsidiados”.</p>
<b>Inspetoria e Conselho da Instrução</b>	<p>“A inspecção do ensino caberá ao conselho de instrucção e a 12 inspectores escolares, nomeados pelo director geral. Esse conselho terá organização especial, de modo a ser um verdadeiro tribunal, onde sejam discutidos e julgados todos os factos de relevância, com referencias ao ensino municipal”.</p>
<b>Escolas profissionais</b>	
<b>Escolas de segundo grau</b>	<p>“Com a reforma ficam extintas as Escolas de 2º grau, a verba assim como os prédios e materiais seriam destinados à criação de um asilo para meninos desvalidos”.</p>
<b>Pedagogium</b>	<p>“O pedagogium será mantido, e nelle serão creadas cadeiras de mathematica elementar. Physica e chimica, historia natural, agronomia e pedagogia será obrigatória para o magistério municipal. Os alumnos das escolas primarias visitarão o Pedagogium, acompanhados pelos respectivos professores o maior numero de vezes que fôr possível. Seu regulamento será revisto sendo conservada tanto quanto possível, a sua feição característica de centro impulsor do ensino”.</p>

<sup>60</sup> Através do Conselho da Instrução, os temas relacionados ao ensino e seus funcionários eram debatidos e solucionados. Os membros do Conselho eram escolhidos pelo próprio Diretor Geral da Instrução Pública, como estabelecido no ano de 1897. Ver em relatórios da Instrução Pública de 1893 á 1909, disponível no Acervo do AGCRJ.

Na busca por mais informações que me ajudassem a problematizar estas mudanças, encontro no livro da municipalidade intitulado: “Livro de Apreciações de Medeiros e Albuquerque sobre vários assumptos de 1903”. Nele encontro algumas respostas a respeito da Escola Normal e da organização do ensino primário. O livro trata de ser um relatório em resposta aos questionamentos do, então, prefeito Pereira Passos. O intelectual deixa claro seu posicionamento quanto à exclusividade ao professorado feminino nas escolas primárias que seriam criadas. Para preenchimento das vagas, seria aberto o concurso às normalistas que tivessem até 20 anos, voltando ao regulamento de 1893<sup>61</sup>. Medeiros e Albuquerque também estava disposto a modificar velhas práticas, que, a seu ver, prejudicavam o funcionamento do ensino na Escola Normal, como destaca o trecho abaixo:

Na escola normal não havia substitutas. Quando os professores faltavam, não se dava aula e o ensino soffria com isso. De mais, havia vantagem em que fossem preparando algumas normalistas para, de futuro, poderem concorrer ás vagas do magistério normal e assim não succeder o que ahi succede: que um grande número e professores, preparando o pessoal do magistério primário, nunca o exerceu. Foi para atender a isso que se crearam as substitutas. (ALBUQUERQUE, 1903, p.3)

O intelectual mostrava-se determinado a fiscalizar e organizar o ensino. Pontuava alguns problemas que debilitavam o funcionamento da Escola Normal, como a falta de professoras substitutas. Não há no livro o documento enviado pelo prefeito, mas o intelectual deixa claro que se tratava de notas; a primeira, a respeito do *Pedagogium*, sobre a viagem à Europa, realizada pelo diretor Manoel Bomfim<sup>62</sup>, e, a segunda, sobre a revisão de gratificações adicionais. Assim, fica mais claro que a grande preocupação do prefeito não era sobre o ensino, mas sobre os custos da Instrução Pública. Medeiros e Albuquerque comenta sobre este problema, abaixo:

Servi o meu cargo com dedicação absoluta e verdadeiro entusiasmo. Esse cargo e o que mais tarde também tive, de diretor de uma secção da Exposição Internacional de 1922, me deram a noção de como se pode ter paixão por certos empregos administrativos. Há neles a superioridade em lidar com realidades: Homens e cousas. Tratando da instrução, há mesmo a beleza de influir nas gerações futuras. A imaginação dá um grande prazer, mas a ação dá outros muito maiores. O que havia de mau no cargo de Diretor da Instrução eram as limitações de dinheiro e a incompreensão de certos prefeitos, alguns dos quais muito competentes em vários ramos do saber humano, mas não conseguindo divisar nos assuntos pedagógicos a sua verdadeira importância. (ALBUQUERQUE, 1981, p. 239)

Preparar professoras substitutas era um gasto ao qual o prefeito não parecia disposto a promover, mas com autonomia do que estava fazendo o intelectual respondeu de forma

<sup>61</sup> A tese de MARQUES (2015) sobre a escolarização primária abarca esta mudança.

<sup>62</sup> A viagem de Manoel Bomfim em comissão á Europa, organizada por Medeiros e Albuquerque será aqui interpretada no terceiro capítulo, capitulo referente ás práticas de viagens.



objetiva as notas. Sobre os gastos com as professoras da escola normal, ele responde: “o lente de cada cadeira escolhe todos os annos entre as normalistas diplomadas a que tenha sido sua alumna mais distinta e a toma para substituta. Ella fica exactamente com o mesmo vencimento que teria fora da escola, sem o acréscimo de um só real.”

O relatório, além de tratar destas questões revela, nas palavras do intelectual, seu posicionamento firme diante dos questionamentos do prefeito. Medeiros e Albuquerque estava disposto a manter-se no cargo e seguir com sua reforma. Talvez, seja por conta de momentos como este, em que se destaca sua firmeza, a defesa de suas práticas e a de seus pares que, Carlos Sussekind de Mendonça, se refere. Visto em sua trajetória, que já havia sido exonerado do cargo em 1898, por oposição à Prudente Moraes, tendo até mesmo que pedir asilo na embaixada do Chile, Medeiros e Albuquerque enfrentou um longo processo judicial, retornando durante o mandato do prefeito Xavier da Silveira. Parecia, portanto, não estar disposto a ceder ou abrir mão de seu “plano de ação”.

Outro documento que permite um olhar sobre as práticas pedagógicas do intelectual é o relatório da Instrução Pública do Distrito Federal do ano de 1909<sup>63</sup>, escrito pelo, então, diretor e educador Leôncio Correia<sup>64</sup>. No relatório, o diretor destaca as consequências positivas e negativas, a seu ver, da reforma de 1897, como ela afetou a escolarização primária e a formação do professorado. Abaixo está um trecho no qual ele fala, claramente, destas questões:

O ensino primário é feito, no Districto Federal, de Conformidade com o Plano de organização voltada pelo Conselho Municipal em março de 1897, apenas modificado em pequenos detalhes por leis posteriores. A principal vantagem dessa organização foi, sem dúvida, a de ter tornado, por um lado mais prático o ensino na Escola Normal, de modo a dar ás novas professoras conhecimento completo das matérias que lhes compete transmittir ás creanças; por outra evitar, tanto quanto possível, o regimen das subverções a escolas particulares, de cujos professores, absolutamente não era exigida nenhuma prova de competência profissional . Esse regime de seleção alliado a uma fiscalização effectiva as escolas por parte desta directoria geral e dos Inspectores Escolares, não podia deixar de dar Melhores resultados. Em todas as casas de ensino a frequência crescia. Os pais de alumnos, que entr’ora os entregava aos cuidados de professores particulares, pela pouca confiança que lhes inspiravam as escolas officiaes foram pouco a pouco preferindo estas últimas. Na Escola Normal, que até então formava anualmente um número reduzidíssimo de professores, a matrícula começou a ser disputada como um prêmio.

<sup>63</sup> Relatórios da Instrução de 1893 á 1909. Arquivo do AGCRJ.

<sup>64</sup> “Após a proclamação da República em 15 de novembro de 1889, foi eleito deputado estadual no Paraná em duas legislaturas, exercendo o mandato de 1892 a 1897. Ainda em 1897 foi eleito deputado federal pelo Paraná e ocupou uma cadeira na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, agora Distrito Federal, até 1899. Após deixar a Câmara continuou vivendo no Rio de Janeiro, onde se dedicou ao jornalismo, ao magistério e à produção literária. Fundou o periódico Folha Popular e colaborou com os jornais Cidade do Rio, Vida Moderna e O País. Em 1910, apoiou a candidatura à presidência da República do marechal Hermes da Fonseca. Foi ainda diretor do Ginásio Fluminense em Petrópolis (RJ), diretor do Ginásio Nacional e diretor da Instrução Pública na capital federal, professor de história da Escola Normal do Rio de Janeiro e diretor da Imprensa Nacional e do Diário Oficial”... Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIA,%20Leôncio.pdf>



Foram estas as consequências imediatas da reforma de ensino de 1897( relatório da instrução pública de (CORREIA, 1909, p. 2)

O relatório de Leôncio Correia traz um balanço da Instrução Pública desde os primeiros anos da república. Ao falar da reforma de 1897, ele também aponta as questões que considerava problemáticas. Um dos pontos de destaque positivo à reforma no relatório é que ele atribui a ela, o crescimento das matrículas antes nunca visto. A expansão do ensino público, sobretudo, o primário é uma das grandes lutas travadas pelos republicanos na virada do século. Além da campanha em combate ao analfabetismo, os intelectuais da época também buscavam promover a escola pública, rejeitada pela sociedade mais abastada, que culturalmente, no Brasil, tinha o receio de enviar seus filhos à escola. Os primeiros livros infantis, por exemplo, escritos por Coelho Netto, Olavo Bilac e Manoel Bomfim, a partir dos ideais de unidade, civismo e patriotismo tinham o propósito de educar não somente as crianças, mas também os seus pais, mostrando a moderna escola pública republicana. Sendo assim, expandir o ensino público era uma das “utopias republicanas”, como descreve (HANSEN, 2009). Mas se, por um lado, o ensino na capital federal começava a funcionar de forma organizada e prática, aumentando assim as matrículas, por outro, as questões estruturais das escolas deixavam a desejar e não acompanhavam este crescimento, como fica claro neste trecho:

Como é fácil de imaginar-se, a população escolar tem crescido extraordinária e progressivamente de 1901 até hoje. Há escola modelo cuja a matrícula é anualmente superior a 800 e 1000 alunos. Quando, pois, a população escolar cresce desse modo, torna-se preciso que o pessoal e o material de ensino aumentem na mesma proporção. E’ entretanto, isso que não se dá. Quanto o pessoal, do ensino, tem sido realmente argumentado. Basta, porém, confrontar as estatísticas da frequência escolar nos annos anteriores para ver que o augmento do pessoal docente não tem sido feito de modo proporcional á frequência. Basta apontar esse exemplo, para que se verifique a impossibilidade de realizar o ensino primário nas condições em que elle podia e devia ser ministrado ás creanças. Não é possível obter-se ensino perfeito, desde que se confia turmas maiores de 30 alunos a cada adjunta. (CORREIA, 1909, p. 5)

Nas palavras de Leôncio Correia, pode-se verificar que a reforma pensada por Medeiros e Albuquerque e estruturada junto ao Conselho da Instrução tem como base uma ampliação das escolas primárias e a supressão das escolas do segundo grau, que contavam com um baixíssimo número de alunos matriculados, investindo este dinheiro para a ampliação do ensino profissional na capital. Leôncio, destaca também que a utilização das escolas primárias para as aulas noturnas, havia sido uma medida polêmica, principalmente entre os higiênistas. Eles alegavam como visto no relatório, que não era oportuno que, por exemplo, as crianças utilizassem as mesmas cadeiras que os alunos adultos. Contudo, as medidas tomadas

por Medeiros e Albuquerque foram eficazes na inclusão de mais pessoas nas escolas, ampliando a educação pública na capital, mas, em longo prazo, o dinheiro necessário não foi investido. Assim, as adjuntas se viam em salas lotadas que inviabilizavam a qualidade do ensino público.

Já o Instituto Profissional Masculino, que possuiu diversos nomes<sup>65</sup>, teve sua origem como Asilo de Meninos Desvalidos, durante o império, sendo criado para atender uma lógica moralista e religiosa de assistência, com o objetivo de retirar essas crianças órfãs que viviam na mendicância pelas ruas da corte imperial. A criação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e o volume de estudos médicos que começavam a surgir sobre a higiene, também favoreceram para criação dos Asilos.<sup>66</sup> Após a instauração da república, deixa de ser um Asilo para adquirir um caráter, prioritariamente, profissionalizante, atendendo assim a questões pedagógicas do início da república, como salienta (RIZINNI e GONDRA, 2014, p. 24): “Somente em 1894, quando o Asilo torna-se o Instituto Profissional, o ensino integral é previsto em novo regulamento (decreto n. 31, de dezembro de 1894, *apud* Fonseca, 1897). O regulamento passa, então, a reconhecer legalmente uma concepção educativa que já orientava as práticas pedagógicas da instituição há duas décadas”. Durante a direção de Medeiros e Albuquerque, não observei nos documentos, mudanças significativas sobre este espaço educacional que pudessem aqui ser interpretadas.

## 2.2 A municipalização do *Pedagogium*

Outra medida que chama atenção é manter o funcionamento do *Pedagogium*, como ocorria antes de sua municipalização, inclusive, dando continuidade a circulação de *Revista Pedagógica*, que passou a chamar-se *Revista Educação e Ensino*<sup>67</sup>. Criado em 1890, por Benjamin Constant, o *Pedagogium* surge como um grande centro promovedor da educação republicana, abrigando um museu escolar, cursos e a produção da *Revista Pedagógica*. Pouco se sabe sobre o funcionamento desta instituição, são poucos os estudos existentes na historiografia. Mais recentemente é lançado o único livro sobre o *Pedagogium*: *O Pedagogium Símbolo da Educação Republicana*, organizado por Mignot (2013), revela mais

<sup>65</sup> O nome da instituição foi sendo modificado ao longo dos anos, de acordo com as propostas educativas de cada governo vigente. Asilo de Meninos Desvalidos (1875-1984); Instituto Profissional (1894-1898); Instituto Profissional Masculino (1898-1910); Instituto Profissional João Alfredo (1910-1933); Escola Secundária Técnica João Alfredo, 1933-1934; Escola Técnica Secundária João Alfredo (1934-1956) e Colégio Estadual João Alfredo(1957 – atual). Ver em: <http://www.educacao.ufrj.br/portal/laboratorios/proedes/asylo.pdf>

<sup>66</sup> GONDRA (2004) faz um estudo aprofundado das teses médicas defendidas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, durante o século XIX. Interpreta a intervenção que esses médicos fizeram nos espaços escolares e asilos.

<sup>67</sup> A revista está sob a guarda do acervo da FBN.

sobre os motivos do seu fechamento, em 1919 e das práticas realizadas por sujeitos que transitaram neste espaço. O artigo *O Veículo de Circulação da Pedagogia Oficial da República: a Revista Pedagógica*, por Gondra (1997), interpreta a revista produzida pelo *Pedagogium* como um material publicado para promover a educação república no país, tratando de assuntos diversos e trazendo o que havia de mais moderno sobre a Educação. O livro, lançado por Bastos (2002) *Pro Patria Laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)* abarca a partir dos estudos biográficos, a trajetória do educador Menezes Vieira – o primeiro diretor do *Pedagogium*.

*A priori*, Medeiros e Albuquerque busca em sua reforma manter o lugar de destaque do *Pedagogium* como um modelo para a instrução na capital federal. Mesmo com a municipalização, o intelectual procura preservar ao máximo suas características iniciais, como a continuação de um ano letivo e de disciplinas ministradas neste espaço, mantendo o Museu Pedagógico e a Biblioteca, ambos, a serviço da escola primária, Escola Normal e da população em geral. Porém, as exigências do município, suprimiram certas características primordiais do *Pedagogium*. Na primeira edição da nova *Revista Educação e Ensino*, Tomo I-julho/1897, desde sua municipalização, a “sessão de actos officiaes” foi reservada para informar ao leitor às mudanças que ocorreriam no *Pedagogium*:

Por acto do Congresso Nacional, do anno passado, foi transferido o *Pedagogium* para o Governo do Distrito Federal e, em fevereiro do corrente anno, effectuou-se a passagem. Semelhante facto, como era natural, trouxe uma profunda alteração á vida deste Instituto. Foi preciso modificá-lo de acordo com o regimen municipal dando-lhe uma feicção mais pratica de alcance immediato e mais intimamente ligada aos institutos de Instrucção Publica a cargo do Distrito Federal. Foi mister um novo regulamento e novos serviços foram creados. Com isto suspendeu-se, por algum tempo, o funcinamento regular d’este instituto, inclusive o serviço da Revista Pedagógica, cujo o utimo número foi publicado em janeiro do corrente. (*Revista Educação e Ensino*, 1897, p. 5)

Como é possível ver no comunicado, com objetivo de esclarecer os leitores da *Revista Pedagógica*, mudanças que afetariam a instituição precisariam ser feitas para atender as regras municipais. “Uma feicção mais prática e de alcance imediato” é o que sugere o texto, no entanto, o que se passou ao longo dos anos, até o fechamento do *Pedagogium*, foi um gradativo abandono da instituição que, desde sua criação, viveu períodos de altos e baixos. É de se supor, ao ler as próprias reclamações de Medeiros e Albuquerque a respeito da verba destinada à instrução pública, que o município já vivia sufocado pelas demandas financeiras das suas escolas primárias, da Escola Normal e dos demais institutos. No que diz respeito à *Revista Pedagógica*, consta a transcrição do decreto de N. 58 de 15 de maio de 1897:

Art 33. O *Pedagogium* publicará uma revista do ensino, onde serão inserto os actos officiaes relativos à instrucção pública e mais artigos e trabalhos. A immediata direcção dessa revista caberá ao Director Geral da Instrucção, auxiliado pelo do *Pedagogium*. A este estabelecimento incubirá não só a inspecção da parte material, como a distribuição e remessa.<sup>68</sup>

O fato novo na época sobre a *Revista Educação e Ensino* – substituta da *Revista Pedagógica* – é que esta seria dirigida pelo diretor da Instrução Pública, auxiliado pelo do *Pedagogium*, no caso, respectivamente, uma parceria entre Medeiros e Albuquerque e Manoel Bomfim. Isto, diz um pouco das práticas deste objeto de estudo a frente da instrução. Talvez por ter sido um homem de Letras, jornalista e literato, tenha assumido esta responsabilidade, que está além das atribuições de caráter administrativo de seu cargo. No que tange o ensino e as disciplinas, são mantidas as aulas regulares do *Pedagogium*, incluindo os horários noturnos, assim como são instituídas as aulas às camadas populares em cursos destinados a extensão escolar e universitária. Segue os respectivos artigos:

Capitulo III. Das aulas, Conferências e laboratórios Art. 10. O *pedagogium* manterá aulas regulares de Physica, História Natural e Agronomia, Mathematicas elementares, Pedagogia, História, Instrucção moral e cívica e trabalhos manuaes. Art 11. Haverá duas épocas de aula: 15 de novembro a 31 de março e de 15 de maio a 30 de setembro. Art. 12 As aulas serão diárias. Effetuar-se-hão entre 6 e as 9 horas da noite. A assistencia a elas é gratuita e independente de inscripção. Art. 13 As Conferências organizadas em serie sob o plano de chamada “ extensão universitaria” e “extensão escolar”, realizar-se-hao de preferéncia fora do estabelecimento, onde convenha melhor para a difusão do ensino nas classes inferiores da população. Parágrafo único. Para tal ensino designará o Director Geral os respectivos conferentes, que , antes de as encetarem, sujeitarão á sua approvação os syllabus dos respectivos cursos, para serem impressos na revista pedagógica e tirados em avulso. Os conferentes serão pagos á razão de conferencia realizada. Art. 14. O director Geral póde incumbir qualquer professor, já de reger por tempo certo qualquer aula do curso regular, ou das existentes, ou das disciplinas outras, cujo ensino convenha propagar, já de fazer uma serie de Conferências . Em ambos os casos, dispensando o professor da regência de sua aula ou escola, não perceberá gratificação alguma suplementar. Ao substituto, tirado sempre do magistério, abonar-se –há além dos seus vencimentos, a diferença entre elles e os do professor substituto. (*Revista Educação e Ensino*, 1897, p. 101)

O intelectual tenta manter as funções originais, que acabam sendo prejudicadas pela mudança da instituição para a municipalidade, além disso, promove as conferências pedagógicas, ampliando as funções do *Pedagogium* – fazendo dele uma extensão do ensino. O Museu Pedagógico, mesmo tendo perdido seu caráter internacional, o que caracteriza uma perda significativa de um dos objetivos principais do espaço, acaba ganhando uma solução “prática”, assim como a biblioteca que fica a disponibilidade dos alunos das escolas primárias e os demais institutos, como descrevem os artigos. Sobre a atuação de Medeiros e Albuquerque, destaca também (PENNA, 1980, p. 8):

<sup>68</sup> Actos do Poder Executivo. Decreto N. 58- de 15 de maio de 1897. Capitulo VII Das Publicações do *Pedagogium*.

O *Pedagogium* funcionou, a princípio, como museu pedagógico, organizado por uma instituição particular, com o material que havia figurado na exposição pedagógica realizada pela Corte, em 1883. Passou depois à jurisdição do governo municipal do Distrito Federal, com programa mais restrito. De qualquer forma, precisamente em 1897, José Joaquim Medeiros e Albuquerque (1867-1933) foi nomeado Diretor da Instrução Pública, no Distrito Federal. Interessado no *Pedagogium*, Medeiros e Albuquerque logo o transforma de um simples museu em um centro de cultura superior aberto ao público.

Já, da continuidade da *Revista Educação e Ensino*, pouco se sabe. Sobre as publicações anteriores à municipalização, ainda como *Revista Pedagógica*, salienta (MIGNOT, 2013, p. 13): “Publicou relatório de viagens de educadores em missões oficiais ao exterior, Conferências e palestras, aquisição de inúmeros objetos, a compra de livro para uma biblioteca especializada, a formatura das normalistas que frequentavam a instituição, as visitas recebidas e os intercâmbios estabelecidos no próprio país e no exterior”. Será que estas características teriam continuado nas novas edições? A circulação da revista tinha um caráter além do institucional, como destaca (GONDRA, 1997), era um impresso que tinha como principal objetivo ser um “veículo de circulação” do discurso republicano. Porém, a falta dos exemplares seguintes impossibilita a continuidade dos estudos sobre a revista. Conquanto, vejo nas práticas de Medeiros e Albuquerque, enquanto diretor da Instrução Pública, um caminho para interpretar esses primeiros anos após a mudança. Identifico que, embora o intelectual tenha empregado esforços para manter a ideia inicial de Benjamim Constant, a municipalização da instituição foi um dos principais fatos que deflagraram a sua contínua depredação, culminando em seu fechamento em 1919. Mas também é evidente que outros diretores da Instrução Pública e prefeitos tomaram posse, deixando suas marcas na trajetória do *Pedagogium*.

### 2.3 O Magistério Feminino

Quando Medeiros e Albuquerque, aos 30 anos de idade, foi nomeado Diretor da Instrução Pública Municipal, além de transformar completamente os métodos de ensino, três grandes reformas promoveu em favor da mulher brasileira. Nomeou para a sua Secretaria a primeira funcionária pública municipal-abrindo assim uma carreira nova para a mulher. Restringiu às moças a matrícula no curso da Escola Normal, conferindo assim à mulher o monopólio do magistério primário no Distrito Federal. Obteve, finalmente, do então Conselho Municipal uma

lei autorizando o Prefeito, que era então o Dr. Ubaldino do Amaral, a criar este Instituto Profissional feminino.

*MEDEIROS, Mauricio, 1964, p. 120*

Em seu livro “Homens Notáveis”, Mauricio de Medeiros<sup>69</sup> destina um capítulo para a biografia de seu irmão, Medeiros e Albuquerque, sob o título de *Medeiros e Albuquerque o Feminista*. Consiste em um estudo baseado em sua própria relação com o irmão a partir de suas memórias e de documentos do espólio do intelectual. Dedicou, algumas páginas desta biografia sobre o trabalho realizado por Medeiros e Albuquerque em prol das mulheres, no período em que foi diretor da Instrução Pública. Como é possível perceber na epigrafe acima, que elucida bem os motivos que levaram o autor a fazer tal atribuição. Os mesmos motivos me levaram ao questionamento. Teria sido Medeiros e Albuquerque um feminista? O que seria um feminista no final do século XIX e início do século XX? Seria esta apenas a visão de Mauricio de Medeiros ou o intelectual era assim conhecido também por seus pares? Estas práticas citadas seriam o suficiente para o tornar reconhecido como um feminista? Essas foram algumas perguntas que me levaram a investigar mais sobre a temática em sua trajetória.

O monopólio do magistério às mulheres, através da restrição masculina à matrícula da Escola Normal, foi uma das partes mais polêmicas da reforma da Instrução Pública, assim como a extinção das escolas de segundo grau. Entendendo que o que ocorria na capital federal reverberava para o país, esta característica modificou culturalmente, por completo, a estrutura do magistério que vinha, desde o fim do império, abrigando cada vez mais as mulheres. Visto que: “as mulheres foram ingressando no magistério aos poucos, conforme a própria evolução da profissão docente nas diferentes épocas, que remete a consolidação de um sistema de educação pública em fins do século XIX”<sup>70</sup>. Mas este “monopólio”, como caracteriza

---

<sup>69</sup> Maurício Campos de Medeiros nasceu no Rio de Janeiro, então capital do Império, em 14 de julho de 1885, filho de Joaquim José de Campos da Costa de Medeiros e Maria Carolina Ribeiro de Medeiros. Diplomou-se em farmácia em 1903, e em 1907 concluiu o curso de medicina. Depois de formado substituiu seu irmão Medeiros e Albuquerque em uma seção diária da *Gazeta de Notícias*, iniciando sua longa militância na imprensa. Em 1914 tornou-se livre-docente das cadeiras de patologia geral na Faculdade de Medicina, e de psicologia na Escola Normal do Distrito Federal, hoje Instituto de Educação. Em 1915 foi nomeado diretor-geral de Higiene do estado do Rio de Janeiro e, no ano seguinte, foi eleito para a Câmara estadual fluminense na legenda do Partido Republicano. Deixando a Câmara estadual em 1920, foi eleito no ano seguinte deputado federal pelo estado do Rio. Em janeiro de 1922, contudo, desincompatibilizou-se do novo mandato a fim de prestar concurso para da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo integrado nessa função em setembro deste ano. Associando a experiência jornalística à área médica, em 1924 foi redator-chefe do *Diário de Medicina*. Em 1927, durante o governo de Washington Luís, foi novamente eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro. Reeleito em março de 1930, teve seu mandato interrompido pela revolução que, em outubro desse ano, depôs Washington Luís e levou à formação do Governo Provisório chefiado por Getúlio Vargas.[...] ver em: [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Mauricio\\_de\\_Medeiros](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Mauricio_de_Medeiros)

<sup>70</sup>( VASCONCELOS, Maria Celi. FELIX, Ignez, 2013, p. 278)

Mauricio de Medeiros, não se dava apenas com relação à formação do professorado, como definido na reforma de 1897. A nomeação de mulheres para cargos de destaque na Instrução Pública pode ser interpretada como uma característica da gestão do intelectual.

Ao longo deste capítulo, tratarei de visibilizar essas mulheres em sua rede de sociabilidades. Ao investigar os documentos que tive acesso nas instituições de guarda, pude ver que as mulheres tiveram grande representatividade na trajetória deste intelectual e tornaram-se grandes aliadas em suas práticas. É possível destacar em seu tempo de serviço, a nomeação de uma mulher para o cargo de Inspectora de um dos distritos escolares e diversas outras mulheres para o Conselho de Instrução Pública. Cargos que eram de confiança e que davam autonomia na deliberação de assuntos importantes sobre a organização do ensino nas escolas primárias e asilos, sobre assuntos financeiros, nomeações de professores e outros funcionários.

### 2.3.1 As mulheres no Conselho da Instrução Pública

Há diversas possibilidades para interpretar a reforma do ensino de 1897 e a de 1902, realizada por Medeiros e Albuquerque. Por sua face cívica e republicana percebemos a preocupação em ampliar as matrículas das escolas primárias; por seu caráter legitimador, abordado também no primeiro capítulo, em que o intelectual luta em manter-se na vida pública, apesar das perseguições políticas de seus opositores. E, por outra perspectiva, talvez a que mais tenha marcado o período em que geriu a instrução da capital da república, a de suas práticas junto às mulheres educadoras.

Salienta Joan Scott (1991)<sup>71</sup> que o campo da história das mulheres surge a partir das décadas de 60 e 70, de forma expressiva nos Estados Unidos, Grã Bretanha e, posteriormente, na França. Através do movimento feminista, as mulheres começaram a reivindicar seu espaço nas ruas e na universidade. Assim, no decorrer das últimas décadas, cada vez mais, a atuação das mulheres vêm sendo visibilizada no campo da História, da Sociologia e da Educação, seja através das escritas biográficas ou do estudo das mulheres no coletivo. Antes disso, quando não totalmente esquecidas, possuíam apenas um espaço determinado pelo homem, restrito ao lar, à vida religiosa ou como cortesãs. A respeito disso, escreve (PIERROT, 2007, p.18): “o relato da história construído pelos historiadores gregos e romanos diz respeito ao espaço

---

<sup>71</sup> Em A Escrita da História novas perspectivas, no capítulo “A história das Mulheres” Joan Scott problematiza o espaço que surge dentro da historiografia e os diferentes olhares para o estudo da História das Mulheres.

público: as Guerras, os reinados, os homens ‘ilustres’, ou então os ‘homens públicos’. [...] As mulheres preservam sua virgindade e rezam. rainhas merovíngias, tão cruéis, as damas galantes do Renascimento, as cortesãs de todas as épocas fazem sonhar. É preciso ser piedosa ou escandalosa para existir”.

A respeito da história das mulheres no Brasil, na perspectiva colonial de cunho religioso e moralizador dos viajantes europeus, a mulher indígena foi descrita através do “pragmatismo teológico e do princípio de que os brancos eram eleitos de Deus” (RAMINELLI, 2004). Aos olhos desses sujeitos os povos indígenas eram seres primitivos e diabólicos, o que acabava legitimando a ação catequizadora dos representantes da Igreja Católica, no período colonial. Posteriormente, as mulheres negras escravizadas eram também vistas perante o mesmo discurso que objetivava seus corpos. Ao longo do período colonial, a mulher quer fosse indígena, negra ou branca acabava de diferentes formas sendo subjulgada à dominação do homem branco e cristão, como também ocorreu com as prostitutas:

Em virtude das enormes distâncias entre os discursos e as práticas sobre o uso dos corpos, e estando articuladas com a sexualidade não domesticada e com a luta das autoridades civis e eclesiásticas para transformar o “tálamo conjugal, na única forma de sexo lícito, as prostitutas do Brasil colonial foram úteis para a construção e valorização do seu oposto: a mulher pura, identificada com a Virgem Maria e distante da sexualidade transgressora. Pacificadoras da violência sexual contra as donzelas casadouras e do desejo que pudesse em risco a fidelidade às esposas, as prostitutas, aos olhos da Igreja, eram a salvaguarda do casamento moderno. (PRIORI, 1994, p. 21-22)

Na história da Educação, diversos estudos começaram a visibilizar a trajetória de mulheres apresentando possibilidades de atuação como a das viajantes, por exemplo, mulheres que representavam em outras terras a Igreja Católica, (Orlando, 2015), em expansão. Educadoras que viajavam para ensinar em cidades, estados distantes ou em outros países, como narra, por exemplo, Vasconcelos (2005), ao interpretar a história das mulheres que vinham de países europeus para ensinar as crianças e jovens da elite brasileira, no século XIX. O mais recente estudo feito por Vieira (2012) visibiliza outra realidade distinta, a educação das mulheres princesas durante o período monárquico no Brasil, estas por seu turno, embora vivessem sob o julgo dos homens, assim como as demais, tinham na condição de realeza ser instruídas e preparadas para governar.

Com a reforma de 1897, o Conselho da Instrução Pública do Distrito Federal tinha como principal objetivo, descrito no decreto de número 62, de 22 de novembro de 1897, ser um verdadeiro “tribunal” da Instrução Pública, presidido pelo Diretor Geral da Instrução, cuja incumbência era selecionar os membros do conselho e dirigir as sessões que ocorriam uma vez ao mês. Eram discutidos assuntos referentes às normas da instrução, nas respectivas



instituições de ensino municipal, disciplinas, adoção de material escolar, assuntos referentes aos professores – como designações, afastamentos, licenças, nomeações e vencimentos. Faço a opção de focalizar o conselho a partir da representatividade das mulheres que se inicia na gestão de Medeiros e Albuquerque, uma das múltiplas possibilidades, a qual ele pode ser interpretado. Saltou-me à vista, ao organizar os documentos, o número expressivo e crescente da presença das mulheres do magistério, que chegavam, finalmente, a assumir um cargo de representatividade nas decisões referentes ao ensino municipal. A partir do cruzamento dos respectivos documentos: livros de funcionários da Instrução Pública do Distrito Federal (1895 a 1917); livro do Conselho de Ensino (1880 a 1900); o livro dos professores do *Pedagogium* (1897 a 1911) e das publicações dos anuários do Almanack Laemert, nos anos de (1897 a 1906):

Quadro 6 - Membros do Conselho da Instrução Pública de 1897 a 1906

Membros do Conselho	Período	Atuação
Joaquim da Silva Gomes	1897	Não encontrei maiores informações
Francisco Carlos da Silva Cabrita	1897	Foi diretor da Escola Normal.
Manoel Curvello de Mendonça	1897	Escritor, professor, Diretor do Instituto Comercial do Distrito Federal.
Eugenio Guimarães Rebello	1897	Professor
José Rodrigues de Azevedo Pinheiro	1897	Diretor escolar
Servulo José de Siqueira Lima	1897 á 1904	Diretor escolar
Candido Batista Antunes	1897	Não encontrei maiores informações
Alfredo Rodrigues Barcellos	1904	Diretor escolar
Manoel Bomfim	1904 á 1906	Diretor do <i>Pedagogium</i>
Servulo Lima	1904 á 1906	Diretor Escolar
Luiz Cirne Lima	1904	Inspetor Escolar
Torquato vieira de Mesquita	1904 á 1906	Diretor Escolar
Olavo Bilac	1902 á 1906	Além de membro do Conselho Olavo Bilac também atuava como inspetor escolar do 10º distrito, foi em 1904 nomeado professor de Poesia do <i>Pedagogium</i> e em 1912 assumi a inspetoria do 5º
João Baptista da Silva Pereira	1904 á 1906	Inspetor Escolar
Eduardo Salamonde	1904	Inspetor Escolar
Luiz Carlos Zamith	1904 á 1906	Diretor escolar
Hemeterio José dos Santos professor	1902 á 1906	Professor da Escola Normal e Congregado
Luiz de Araujo	1904	Diretor escolar
Olavo Freire	1904	Não encontrei maiores informações.
Manoel Luiz de Moura	1904 á 1906	Diretor escolar
Virgilio Varzea	1904 á 1906	Inspetor Escolar
Alfredo Antonio da Costa	1904 á 1906	Não encontrei maiores informações
Paulo Tavares	1904	Não encontrei maiores informações
Frederico Carlos da Costa Brito	1904	Diretor Escolar
Raymundo Monteiro da Silva	1904	Inspetor Escolar
Evangelina Monteiro de Barros . Diretora	1903 á 1906	Diretora e professora do Instituto Profissional Feminino
Esther Pedreira de Mello	1903	Em 1903 Esther Pedreira de Mello torna-se membro do Conselho da Instrução. Em 1904 ela sai do Conselho e torna-se inspetora das escolas primárias do 14º distrito, posteriormente, no ano de 1912

		assume o 2º distrito.
Maria J. e Paiva Palhares	1904 á 1906	Diretora escolar
Thadéa Fidelina da Silva	1904	Diretora Escolar
Maria Anglada	1904	Diretora Escolar
Alina Oliveira Fortunato de Brito Diretora	1903 á 1906	Diretora Escolar
Maria Nascimento Reis Santos	1904	Diretora Escolar
Adelina Chagas Baracho	1904	Diretora Escolar
Zelia de Oliveira	1904 á 1906	Diretora Escolar
Eliza Rizzo	1904	Adjunta estagiaria e professora da 9ª Escola para sexo feminino do segundo distrito.
Porcina de Carvalho	1904	Professora do <i>Pedagogium</i>
Olympia do Conto Diretora e prof	1902 e 1903	Professora e diretora de Escola Modelo Gonçalves Dias
Stella Cardoso Diretora e adjunta	1902 e 1903	Adjunta e diretora de Escola
Virgínia Pinto Cidade Diretora e professora	1902 e 1903	Professora e Diretora de Escola
Jayme Pombo Brício Filho	1902	Professor e membro da Congregação da Escola Normal.
Olga Maggioli Diretora e Adjunta	1902	Foi adjunta e diretora de escola
Amelia Riedel . Diretora e professora	1902	Professora e diretora de Escola
Hortencia de Miranda Rodrigues . Diretora e professora	1902 e 1903	Professora e diretora de escola.
Castorina de Oliveira Fontenelle	1902 e 1903	Diretora de escola
Eulalia Cruz Santos Filha. Diretora e Professora	1902 e 1903	Professora e diretora de Escola
Zilpa de Oliveira Diretora e Adjunta	1902 e 1903	Foi adjunta e diretora de escolar
América Xavier	1906	Professora
Zulmira Augusta de Miranda	1906	Diretora da Escola Benjamin Constant
Sylvia Guedes Naylor	1906	Diretora Escolar
Alice Matoso Maia	1906	Diretora escolar

Os homens da Instrução Pública aparecem como membros fixos do Conselho. Olavo Bilac (inspetor da instrução e professor), Manoel Bomfim (diretor do *Pedagogium*), José Veríssimo (professor do *Pedagogium* e congregado da Escola Normal), assim como, Jayme Brício Filho, que também foi congregado da Escola Normal. Sobre os sujeitos que faziam parte da Congregação da Escola Normal<sup>72</sup>, salienta (SANTOS, 2010, p. 78): “era comum que congregados, independente do regime adotado pelo país, face à sua posição, ocupassem cargos políticos na Câmara, no *Pedagogium*, na Instrução Pública, nos jornais, e nos Conselhos Superiores de Instrução, pela legitimidade deste grupo e pela rede de solidariedade que construíam”. Sendo assim, esses sujeitos possuíam, já naquela época, uma grande visibilidade na sociedade. Eram, assim como Medeiros e Albuquerque, intelectuais que intervinham na sociedade como homens de Letras, educadores, jornalistas e políticos. Depois,

<sup>72</sup> A congregação da Escola Normal surge a principio, no regulamento da Escola Normal de 1880. Era um grupo constituído por intelectuais educadores que atuavam na Escola Normal, e representavam o magistério primário. Em 1888 ela é extinta voltando a reunir-se 1890 por intermédio de Benjamin Constant, que havia sido um dos membros da Congregação. Ver: SANTOS (2010)

ao longo dos anos, tornaram-se fonte para diversos estudos no campo da História, da História da Educação, Literatura, entre outros.

As mulheres, por seu turno, em sua maioria, ao contrário dos homens, seguem (in) visibilizadas, com seus nomes guardados nas páginas amareladas dos documentos oficiais da Instrução Pública. A participação das mulheres em cargos como o Conselho da Instrução ou inspetorias da instrução no município do Rio de Janeiro, ainda possui pouca visibilidade dentro dos estudos da trajetória da mulher na Educação. Nos últimos anos, apenas encontrei uma destas mulheres como fonte de estudo, no caso, Esther Pedreira de Mello (Inspetora das escolas primárias e membro do Conselho), que tem sua trajetória estudada por Santos (2014). Sobre a notória trajetória de Esther Pedreira de Mello, destaca:

O discurso que proferiu era “uma obra séria, ponderada, diferente de tudo quanto se faz, comumente, nesses discursos de despedidas, nas escolas” (ibidem), como comentou com Medeiros de Albuquerque, ao lado na mesa principal. Dois dias depois, o Prefeito Pedreira Passos nomeava “sem que para isso interferisse o mínimo empenho” (ibidem) a oradora Esther Pedreira de Mello como inspetora escolar. A moça, que já substituíra o professor Valentim de Magalhães, como docente de Pedagogia, antes de receber a habilitação dos exames práticos com o que se concretizaria formalmente seu curso com “rara competência” (ibidem), não seguiria o trajeto profissional comum às formandas da Escola Normal do Distrito Federal: continuar nas salas de aula, passando de adjunta à professora primária. Esther substituiu o professor Valentim na vigência do Decreto 844/DF/1901, de autoria do Dr. Medeiros e Albuquerque, Diretor da Instrução Pública. Tal Decreto tinha o objetivo de cortar gastos da Prefeitura na Instrução Pública e alçava professoras adjuntas, como Esther, a vagas abertas por professores na Escola Normal. (SANTOS, 2014, p. 96)

Seguindo os indícios, como define Guinsburg (1989), pude mapear o perfil destas mulheres – não de todas, pois seria necessário um estudo focado apenas nessa temática – pude compreender melhor como essas nomeações ocorriam, além de perceber o perfil dessas mulheres, através dos livros da municipalidade. Ao verificar o cargo que assumiam no magistério, observo que o perfil desta representatividade era amplo. Em sua maioria, diretoras das escolas primárias e professoras adjuntas e, no caso da senhora Evangelina de Barros, diretora do Instituto Profissional Feminino; Dona Olympia, professora e posteriormente diretora da Escola Modelo Gonçalves Dias; mas também havia apenas professoras adjuntas, como no caso de dona Porcina de Carvalho, que também foi professora do *Pedagogium*<sup>73</sup>.

Na perspectiva dos estudos sobre o magistério e sobre as mulheres na História da Educação, a partir do século XIX e início do século XX, a inserção das mulheres no trabalho docente possui, a princípio, uma relação que era estabelecida a partir da concepção religiosa de Educação e da formação das famílias. Em uma conjuntura internacional, esta lógica

<sup>73</sup> O livro dos “professores do *Pedagogium*” traz as nomeações, exonerações, licenças dos professores que atuaram no *Pedagogium* durante dos anos de 1897 á 1911.

começava a modificar-se, principalmente, pela luta das mulheres ligadas ao movimento feminista, que surgiu na Inglaterra e se espalhou por todo o mundo. Através deste movimento, as mulheres começaram a sair da restrição do lar e começaram a interagir mais na vida urbana, atuando no magistério ou, no caso das mulheres de classes menos abastadas, no trabalho em fábricas, por exemplo. Lentamente, a mulher foi sendo inserida nos espaços escolares e assumindo a profissão docente, ainda que a educação destinada a sua formação fosse completamente distinta da educação masculina, elas conseguiram transcender à vida privada do lar. Sobre este retrospecto histórico tece (ALMEIDA, 1996, p. 72-73):

Enquanto os homens faziam a guerra e disputavam os poderes no espaço público, mantinham-se as mulheres na penumbra doméstica e domesticadora, confinadas em um espaço restrito que lhes tolhia a liberdade e a expansão de sua inteligência e de seu talento. Distanciadas dos olhares públicos e resguardadas pelo recato e pela ignorância, eram a metade invisível do mundo social urbano, ausentes da política, do campo científico e da produção. Reprodutoras por natureza, delas se esperava apenas a continuidade da geração masculina pela perpetuação da raça. A negação do poder para as mulheres no mundo público possuía uma “sólida” argumentação sociológica: “elas não pagavam à guerra o tributo de sangue”. No entanto, o recrutamento da mão-de-obra feminina para preencher as necessidades da indústria e do comércio, entre outras, retirou, meio à força, as mulheres dos lares, já que os homens estavam nos campos de batalha. Com isso mudaram-se os costumes, as mentalidades e se redistribuiu parcialmente o poder. As necessidades dos tempos de guerra trouxeram finalmente as mulheres ao espaço público e conseguiram, nessa inserção, superar alguns hábitos arraigados do último século.

A profissão docente abre para mulher uma possibilidade de trabalho ainda nos moldes do pensamento de dominação do homem e dos conceitos morais enraizados pelo catolicismo. Educar as crianças nas casas e espaços escolares acabou sendo aceito, pois fazia parte da instrução destinada às mulheres, preparar-se para cuidar dos filhos. Nesse sentido, quando este espaço começa a ser aberto, o olhar ainda era estabelecido culturalmente por este pensamento (ALMEIDA, 1998). A proclamação da República também foi um fator de transformação da docência entre a virada do século. O discurso mais progressista de políticos e intelectuais (abarco Medeiros e Albuquerque entre esses sujeitos) modificou os espaços sociais, incluindo a Instrução Pública.

Medeiros e Albuquerque, enquanto intelectual e republicano, ao assumir a Instrução Pública do Distrito Federal busca atuar no sentido de ampliar o espaço da mulher na educação, como já vinha acontecendo. Junto às mulheres educadoras, busca definir o destino do ensino público, abrindo espaço no Conselho da Instrução Pública e na Inspetoria – como aconteceu no caso de Esther Pedreira de Mello, que assumiu os dois cargos. O perfil destas mulheres, que aqui citei, mostra uma trajetória de contínuo êxito dentro do magistério. Elas demonstraram, através dos exames prestados ainda na Escola Normal, um destaque enquanto

estudantes. Atuaram também como adjuntas estagiárias nas escolas primarias e assumiram a diretoria de escolas.

### 2.3.2 O Instituto Profissional Feminino

Figura 18 – Fotografia retirada em um evento realizado no Instituto profissional feminino durante o ano de 1902<sup>74</sup>.



Fonte: Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional

O Instituto Profissional Feminino é criado no ano de 1897 e estava previsto no regulamento da reforma da Instrução Pública, de mesmo ano. Visto que a cidade já contava com um Instituto profissional Masculino, antiga Casa de Meninos desvalidos, Medeiros e Albuquerque cria, com as mesmas características, um espaço de ensino voltado para atender o público feminino do Distrito Federal. Mauricio de Medeiros, biógrafo de Medeiros e Albuquerque, por seu turno, considerava que a criação deste instituto havia sido uma prática em benefício das mulheres. Busquei, através da documentação da Instrução Pública e dos

<sup>74</sup> Além de contar com a presença da diretora Evangelina Monteiro de Barros, participa, também, da festividade o então diretor da Instrução Pública, durante período de afastamento de Medeiros e Albuquerque, Dr. Manoel Bomfim. Há também a participação de Helena de Medeiros e Albuquerque, irmã de Medeiros e Albuquerque que se formou professora na turma da Escola Normal de 1903, como consta em documento das normalistas formadas no ano de 1903. Posteriormente torna-se sub diretora do Instituto Profissional Feminino. Não encontrei bibliografia sobre esta educadora, Medeiros e Albuquerque também não cita nada a respeito de sua irmã, as poucas informações foram encontradas através do cruzamento de documentos.

periódicos em circulação, compreender as características deste lugar, assim como, comparar a distinção do currículo entre ele o Instituto Profissional Masculino.

Ambos os institutos profissionalizantes possuíam um caráter de educação voltado para preparar as crianças e jovens – visto que as matrículas estavam abertas para os meninos de 12 a 15 anos, no Instituto Profissional Masculino e de 8 a 15 anos, no Instituto Profissional Feminino – para atender as demandas do mercado de trabalho da época. Salienta (CIAVATTA, 2008) que a Educação integrada sempre esteve no plano de disputas e discussões na história da educação, atendendo as demandas econômicas e sociais diferentes, de acordo com o tempo histórico:

A formação integrada sugere tornar íntegro, inteiro, o ser humano dividido pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar. Trata-se de superar a redução da preparação para o trabalho ao seu aspecto operacional, simplificado, escoimado dos conhecimentos que estão na sua gênese científico-tecnológica e na sua apropriação histórico-social. Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política. Formação que, neste sentido, supõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos. (CIAVATTA, 2008, p. 2)

No Brasil, a Educação Profissionalizante surge ainda durante o regime monárquico:

A história da educação profissional no Brasil tem várias experiências registradas nos anos de 1800 com a adoção do modelo de aprendizagem dos ofícios manufatureiros que se destinava ao “amparo” da camada menos privilegiada da sociedade brasileira. As crianças e os jovens eram encaminhados para casas onde, além da instrução primária, aprendiam ofícios de tipografia, encadernação, alfaiataria, tornearia, carpintaria, sapataria, entre outros.<sup>75</sup>

Estas aulas citadas acima eram destinadas ao público masculino. Esse sistema continuou em voga, mesmo com a instauração da república. Os meninos contavam com uma instrução primária básica, para que soubessem ler, escrever e contar. Logo depois, aprendiam algum ofício, como os citados. Nas primeiras décadas da república, estas características continuavam as mesmas, como é possível ver no decreto de número 281, de 27 de fevereiro de 1902, que organiza o ensino no município. Sobre a abrangência do Instituto Profissional Masculino, ressalva: “Art 3º O instituto Profissional masculino é um estabelecimento que tem por fim dar aos respectivos alumnos a educação physica, intelectual, moral e prática para o bom desempenho das profissões de que trata o presente regulamento”. Sobre o Instituto Profissional Feminino, destaca: “Art 4º O Instituto profissional feminino é um internato que tem por fim proporcionar às alunas a educação physica, intelectual, moral e prática para o

<sup>75</sup> Ministério da Educação Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico\\_educacao\\_profissional.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf).

bom desempenho das profissões de que se trata o presente regulamento, como também para tornar menos difíceis os encargos do lar”. Ao ler estes dois artigos do decreto, que definem finalidades de ambos os institutos, nota-se que são parecidas às funções, exceto pela última frase do art. 4º. Vejamos abaixo o quadro das atividades de ambos:

**Quadro 7 - Cursos do Instituto Profissional Masculino**

Cursos de artes	Curso profissional
Desenho a mão livre	Alfaiate
Desenho geométrico aplicado as industrias	Carpinteiro
Desenho de ornato	Encadernador
Desenho de Figura	Entalhador
Desenho de machinas	Ferreiro e serralheiro
Decoração	Latoeiro
Modelagem e escultura de ornatos	Marcineiro e empalhador
Música	Sapateiro
Música Instrumental	Torneiro
Gynastica, exercícios militares e esgrima	Typografo

**Quadro 8- Cursos do Instituto Profissional Feminino**

O Ensino de Artes	O Ensino Profissional
Desenho a mão livre	De costura
Desenho geométrico aplicado as artes	De bordado branco, Matiz e ouro
Desenho de ornato aplicado as industrias	De Flores
Musica vocal e notação escripta, gynastica	De trabalhos domésticos

Ao comparar os dois quadros, percebemos o quão distinto era a educação voltada para homens e mulheres. No que tange o Instituto Profissional Masculino, percebemos o caráter de rigor físico das atividades do curso de Artes e no ensino profissionalizante. Aulas que preparavam para profissões destinadas às camadas mais pobres, enquanto os rapazes mais abastados eram preparados para ingressar nos estabelecimentos superiores, como a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a Academia de Belas- Artes e o Conservatório de Música. No Instituto Profissional Feminino, o caráter moralizante do intelecto e do corpo da mulher é um traço marcante, pois, além de ter um cronograma menor que dos homens, o ensino estava restrito às funções voltadas aos afazeres domésticos. Outra diferença é que o Instituto Profissional Feminino possuía o caráter de internato; já o masculino, deixara de ser após a mudança de Asilo de Meninos Desvalidos para Instituto Profissional Masculino, como aqui já foi problematizado.

O cenário desenhado na primeira metade do século XIX, sob o impacto das primeiras leis de Instrução Pública, demarcou a expansão da educação feminina em quase todos os países do mundo. Não obstante, o percurso para a incorporação das mulheres à rede educativa e aos diferentes níveis de ensino foi lento e problemático. Ademais, esse percurso exigiu confrontar o viés masculino e de classe do sistema

educacional. Por conta disso, a educação inicial das meninas de classes mais favorecidas priorizava formar boas donas-de-casa e futuras esposas e mães, ofertando às das camadas pobres competências limitadas para atuar como mão de obra barata na unidade doméstica e fora dela. Outro ponto a considerar é o fato do estudo das meninas diferenciar, sobremaneira, daquele oferecido aos meninos. Enquanto a educação inicial para elas era dirigida às prendas do lar, em um segundo momento o currículo escolar definia conteúdos próprios para cada sexo. Elas aprendiam a ler, depois a escrever e a contar (operações matemáticas). Logo recebiam noções de cozinha, costura e bordado, sendo esta a última etapa do aprendizado feminino, que as preparava para as tarefas do lar e a ocupação do espaço doméstico. Os meninos seguiam sua formação com aulas de geometria, história, geografia, retórica e filosofia, entre outras. (PRÁ, R. e CEGATTI, 2016, p. 220)

Nesse sentido, interpreto que ambos atendiam à infância menos abastada e identifico a criação do Instituto Profissional Feminino como uma iniciativa tardia comparada ao Instituto Profissional Masculino, que já existia desde o império, no entanto, com um caráter de asilo. Ao contrário do olhar de Mauricio de Medeiros, a criação deste instituto não tinha nada de Feminista, pelo contrário, trazia uma representação ainda nos modelos de cunho moralizante e religioso, com funções que impediam um maior desenvolvimento intelectual, comparado aos homens. Assim como, a participação na sociedade, restringindo às mulheres as funções subalternas em fabricas, no lar ou ao trabalho como domésticas em outros domicílios.

Embora o olhar de Mauricio de Medeiros identifique seu irmão enquanto um sujeito feminista – é, realmente, possível que entre seus pares tenha até sido visto desta forma –, percebo que há aí algumas contradições. Quando debruço meu olhar para compreender o tipo de educação voltada às mulheres, dentro do Instituto Profissional Feminino, idealizado por Medeiros e Albuquerque, percebo um retrocesso, até mesmo para um sujeito, que através dos signos republicanos, buscava a formação de uma identidade nacional e de uma educação moderna, deixando para trás o passado vivido no antigo regime como salienta Schueler e Magaldi (2009). Mas, não retira o trabalho expressivo enquanto diretor da Instrução, no sentido de ampliar o magistério feminino e igualar as mulheres aos cargos mais altos da Educação no Distrito Federal. A seguir, apresento sua faceta como intelectual viajante. A partir dela, compreendo melhor seu pensamento, assim como os limites de sua atuação na cena republicana da virada do século XIX e início do século XX.



### 3 UM INTELLECTUAL VIAJANTE

Outra faceta deste sujeito foi a de viajante. Assim como muitos dos Imortais da Academia e intelectuais de sua época, Medeiros e Albuquerque empreendeu viagens e deixou algumas registradas em *Por Alheias Terras*<sup>76</sup> e, também, em *Quando era vivo*. Para (VIÑAO, 2007, p.15): “Todos los viajes educan, aunque sólo sea por abrir al viajero a uma realidade diferente a la suya”. A partir deste olhar, levanto questões a cerca das viagens e das escritas de viagem deste sujeito: Quais foram às viagens realizadas por Medeiros e Albuquerque? Quais os motivos de realizar tais viagens? O que os itinerários revelam? Por que escreveu sobre elas? O que ocultou? Ao longo deste capítulo problematizarei as viagens como uma prática importante em sua trajetória intelectual.

A *priori*, Medeiros e Albuquerque, desde criança, viveu em constante trânsito, realizando desde viagens de curtas distâncias à viagens para outros continentes – como fez quando cruzou o oceano para estudar em Lisboa, em 1880. Junto ao pai, Conselheiro do Império, viajou à Europa após terminar seus estudos no Imperial Colégio Pedro II; por lá passa uma temporada, vivendo em Portugal, estudando na Escola Acadêmica de Lisboa, durante os anos de 1880 á 1884.

Os fragmentos do período em que estudou em Lisboa deixam claro que este sujeito foi educado dentro de uma lógica tradicional e católica, com tarefas diárias que respeitavam os dogmas da Igreja. Mas nos tempos vagos com os companheiros de estudo eram os assuntos do movimento republicano e os impressos desse gênero que entravam na pauta das conversas. Olhando para a trajetória deste intelectual, foi de fato está última vivência que pesou mais em suas práticas. De volta ao Brasil, em 1884, posiciona-se a favor da abolição e a ela atribuía à luta dos negros e dos grupos abolicionistas espalhados por todo país e, logo em seguida, é arrebatado pelo movimento republicano no Brasil – seguindo a vertente conhecida na historiografia como “Jacobina”, como aqui já foi problematizado no primeiro capítulo. Sendo assim, interpretando este intelectual enquanto um sujeito em constante trânsito visibilizarei sua faceta de viajante, pondo foco nos documentos de viagem que intercruzados me ajudam a compor mais um elemento de sua trajetória.

---

<sup>76</sup> Por Alheias Terras foi lançado e 1931, alguns anos antes do falecimento de Medeiros e Albuquerque.

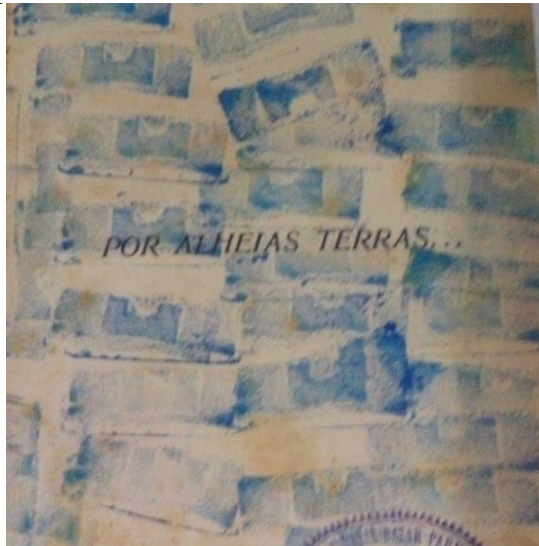
### 3.1 Escritas de Viagem

Paris era então uma cidade triste. Nas noites em que eu passava sozinho, comecei a escrever estas memórias para que me fizessem companhia. “ Como para ser dois” morei-me neste espelho de cousas velhas”.

*Albuquerque, 1981, p. 13*

Os itinerários revelam mais sobre as práticas de viagens. Para conhecê-los, é preciso lançar mão das escritas de si<sup>77</sup> produzidas pelos sujeitos viajantes no decorrer de suas trajetórias. Os livros de viagens, memórias, autobiografias, diários de bordo e diários de viagens, cada vez mais, são utilizados no campo dos estudos da História e História da Educação, para documentar o olhar e visibilizar as práticas de viagens de homens e mulheres em variados recortes temporais.

Figura- 19 Contra capa do livro de viagens por Alheias Terras



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

No campo da História, Moreira (1997) abarca em seu estudo as diferentes características dos viajantes e as motivações que levavam às viagens desses sujeitos no século XIX. Nos estudos da História da Educação Mignot e Gondra (2007) tratam acerca das viagens pedagógicas, que com o advento da república no Brasil, tornaram-se uma prática comum à educadores e reformadores em busca do que havia de mais moderno na Educação.

<sup>77</sup> Em *Escritas de si* Escritas da História Ângela de Castro Gomes faz um estudo acerca deste tipo de “produção do eu” cada vez mais utilizada em pesquisas no campo de história e história da educação. Produzidas tanto por sujeitos públicos como no caso de Medeiros Albuquerque á sujeitos comuns na sociedade.

Também na História da Educação, Silva (2015) tece acerca dos livros e diários de viagens de intelectuais, como o historiador e escritor de livros de História Rocha Pombo, de Domingo Faustino Sarmiento, Florencio Varela e Juan Alberdi e dos chilenos José Abelardo Nuñez e Hugo Lea-Plaza. Acerca de intelectuais, viajantes define:

A viagem empreendida por um intelectual pode ser uma ação reveladora de suas redes de sociabilidade, apoio e prestígio, ou, ainda, uma estratégia na luta pela legitimação em meio a elas, em seus microclimas, tensões e clivagens no interior dos grupos. Com respeito ao entendimento da noção de legitimação, penso que se deve considerar os processos e modos de obtenção de uma legitimidade ou aprovação entre os membros de uma coletividade. (SILVA, 2015, p.7)

Dentre as características deste sujeito, fazer parte deste grupo social – dos intelectuais da virada do século XIX para o XX – dá as suas viagens sentidos mais específicos, pois incorpora ao bojo das motivações, além das questões pessoais, ações políticas, literárias e pedagógicas. Levando em consideração essa premissa, busco visibilizar Medeiros e Albuquerque, enquanto um intelectual viajante. Um intelectual viajante que usava das práticas de viagens para estabelecer estratégias políticas, culturais e educativas.

Inspirado nas viagens de Éça de Queiros, Olavo Bilac, e do Jornalista Frances Jules Huret, a quem ele define como “grande viajante”, o intelectual tece as linhas de *Alheias Terras* – já consagrado no campo intelectual. Nele relata diversas viagens ao longo de sua vida, como as realizadas à França, Itália, Peru e Estados Unidos. Revela ao leitor que o livro foi escrito enquanto vivia em exílio em Paris. Durante esse tempo que se refugiou, sobreviveu como correspondente de alguns jornais brasileiros. Em o *A Notícia*, por exemplo, escreve suas crônicas de viagens – que serão aqui problematizadas. Outro fato aqui tratado, marcante em sua trajetória e que possui relação com as práticas de viagens pedagógicas, é a sua participação na criação do Laboratório de Psicologia do *Pedagogium*, junto a Manoel Bomfim, diretor da instituição que, ao viajar à Paris, obteve apoio de Alfred Binet.

Tomo também, aqui, as epistolas trocadas, enquanto empreendia a viagem de exílio voluntário à Paris como parte também da escrita de viagens. Elas ajudam a compor a cena na qual esta viagem foi realizada e como o intelectual passou parte de sua estadia por lá. A correspondência enviada para Ruy Barbosa que explica as condições políticas que levaram a exilar-se em Paris e uma carta, a José Veríssimo, falando sobre o exemplar de uma revista científica francesa, serão interpretadas a seguir, igualmente.

### 3.2 Exílio Político

Desde que retorna ao Brasil, em 1888, a vida política do intelectual, assim como a própria história do Brasil na virada do século XIX para o século XX, é bastante conturbada, chegando a afetar até mesmo a sua vida pessoal e de seus familiares. No primeiro capítulo, estes conflitos, aqui problematizados, mostram uma das características mais marcantes da trajetória deste sujeito, que é o comprometimento com os ideais republicanos de liberdade, igualdade e fraternidade. Um dos primeiros grandes conflitos foi à oposição a prudente de Moraes, em que precisou pedir asilo político na embaixada do Chile para poder fugir do julgamento do Supremo Tribunal da época. Visto que, anteriormente, um de seus irmãos havia sido julgado e recorria a um habeas corpus, não restavam dúvidas à Medeiros e Albuquerque de que o mesmo ocorreria com ele, como descrito em carta a Lucio de Mendonça. Mas para este asilo não foi preciso realizar uma viagem, o intelectual sequer saiu do Distrito Federal. Porém, em 1910, foi bem diferente. Havia uma atmosfera política insustentável. O intelectual se via pressionado por seus correligionários de Pernambuco a apoiar Hermes da Fonseca, mas Medeiros e Albuquerque apoiava, mesmo, a campanha civilista<sup>78</sup> de Ruy Barbosa.

Paris, 2 de maio de 1912 Avenue Marceau 26 – Nosso comum amigo, Dr. Alvaro Alvim, me comunicou que V. Exe. Tinha Tomado junto ao Dr. Irineu Machado a iniciativa de defender minha candidatura a deputado pelo Distrito Federal. Aqui vão meus sinceros agradecimentos pela intervenção de V. Exe. Não creio que a eleição seja fácil. No momento das eleições gerais, a atenção do Governo é obrigada a subdividir-se. Torna-se, portanto, mais fácil o triunfo a alguns candidatos da oposição. Quando, porém, se trate de uma só eleição, contra a qual o governo federal e o governo municipal possam unir os seus esforços, a situação será diferente. Em todo o caso não se entra em combate só com a certeza da vitória. Si eu saí d'aí em 1910, foi porque me achava em uma situação muito estranha. É certo que o Dr. Rosa e Silva por duas vezes se recusou a aceitar a minha ? de mandato, mas nunca me pareceu razoável que, sem nenhum prestígio político em Pernambuco, eleito exclusivamente por um chefe amigo, eu o hostilizasse. E a situação era tão estranha que pior seria ainda, si eu o defendesse, não abandonando o meu ponto de vista civilista, porque, neste caso, a bancada de Pernambuco que continuava a acreditar nas promessas do Marechal, estaria na obrigação de exajerar seu afastamento. Si o Marechal desse força ao D.r Rosa e Silva, nunca teria dito que seria por influencia de meu trabalho de imprensa ou de Camara. E então os meus companheiros seriam os primeiros a proclamar que eu fora um mau amigo. E estivera quase a comprometê-los. Si o Marechal tivesse feito o que fez, talvez alegasse que para isso concorrera a imitação pela minha atitude. E, assim, de todos os modos os meus amigos teriam queixas! – A solução era afastar-me. Pesou para isso nenhuma ideia de medo. Certo eu não tenho a ? de dizer que não conheço esse sentimento; mas tenho a certeza de que ele não influiu em nada na minha determinação de vir para a Europa. A fase perigosa aí foi a da candidatura. Em todo caso, se for eleito, irei prestar os serviços que possa a causa civilista, na imprensa e na camara. Renovo, pois, a V, Exe. Os meus agradecimentos e peço – lhe que me considere. De V. Exe, Admirador e correligionário. Medeiros e Albuquerque

<sup>78</sup> “Expressão criada para designar a campanha de Rui Barbosa nas eleições presidenciais de 1910. Mais do que lembrar o fato de que Rui era um jurista, a expressão deixava claro que Rui representava a opção civil à candidatura militar do marechal Hermes da Fonseca”. Ver em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CAMPANHA%20CIVILISTA.pdf>

Na carta acima, escrita em sua residência temporária, na França, ele fala com detalhes do ocorrido e finaliza dando seu apoio à campanha civilista. Não seria estranho, tendo conhecimento da trajetória política de Medeiros e Albuquerque, saber que ele apoiaria a campanha civilista. Mas a relação que existia entre ele e Ruy Barbosa não era nada amistosa. Ampliar o olhar à relação estabelecida entre Medeiros e Albuquerque e Ruy Barbosa<sup>79</sup> permite compreender melhor algumas questões mais profundas da cena política da década de 1910, no Brasil. A própria relação entre esses dois sujeitos, ora de animosidade e ora de união de forças, diz muito das mudanças e estratégias de poder existentes no início da república. O intelectual destina um capítulo de suas memórias póstumas para falar de Ruy Barbosa. Boa parte das críticas negativas se iniciou durante a propaganda republicana no final do século XIX. Medeiros e Albuquerque, sempre inflexível no que dizia ao posicionamento político, acusava Ruy Barbosa de se manter indeciso até o último momento em apoiar os republicanos, e somente acabou o fazendo quando, de fato, a república já era algo certo de ocorrer.

A correspondência mostra um Medeiros e Albuquerque bem mais solícito e amigável, quando se tratava de seus interesses políticos, bem diferente da forma como se referia a Ruy Barbosa, em *Quando era Vivo*, desprestigiando, por completo, a trajetória política do seu contemporâneo. Esta carta aqui transcrita elucida melhor as circunstâncias que levaram o intelectual a fugir do país para viver durante os anos de 1910 a 1916, na França.

### 3.2.1 “Dê Lonje” CRÔNICAS DE VIAGENS

A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina literatura feita de grandes cronistas, que lhe sessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece

<sup>79</sup> Rui Barbosa (Rui Barbosa de Oliveira), advogado, jornalista, jurista, político, diplomata, ensaísta e orador, nasceu em Salvador, BA, em 5 de novembro de 1849, e faleceu em Petrópolis, RJ, em 10 de março de 1923. Membro fundador, escolheu Evaristo da Veiga como patrono da cadeira nº. 10 da Academia Brasileira de Letras. [...] Em 1913, fundou o Partido Liberal, sendo mais uma vez indicado para a presidência da República, candidatura de que desistiu. No ano seguinte, combateu o estado de sítio, numa série de discursos no Senado. Durante a I Guerra Mundial, tomou o partido dos aliados e produziu discursos lapidários de execração à tirania e ao imperialismo. Nomeado embaixador especial para as festas centenárias da Independência argentina (1916), pronunciou notável conferência sobre as “Modernas concepções do Direito Internacional”, definindo os deveres dos países neutros. Em 1918, o Brasil comemorou o jubileu cívico de Rui Barbosa e quase o mundo inteiro associou-se a essa consagração. Convidado pelo Presidente Rodrigues Alves para representar o Brasil na Conferência da Paz de Versalhes, recusou a embaixada, expondo em famosa carta, dirigida ao chefe da Nação, as razões da incompatibilidade. Em 1919, foi novamente levantada sua candidatura à presidência da República, e ele percorreu vários Estados, em campanha contra a decadência dos nossos costumes políticos. A vitória da campanha foi anulada pela intervenção militar. Por divergências, daí resultantes, com o Governo Epitácio Pessoa, em 1920, recusou a representação do Brasil na Liga das Nações. Dentro das comemorações do seu jubileu jurídico, como paraninfo dos bacharelados de São Paulo, escreveu e proferiu a “Oração aos moços”. Em 1921, foi eleito juiz da Corte Internacional de Justiça, como o mais votado, recebendo as mais significativas homenagens do Brasil e de todo o mundo. Em 1922, proferiu o último discurso no Senado, concedendo o estado de sítio ao governo para dominar o movimento revolucionário. A notícia do seu falecimento, em 10 de março de 1923, foi comentada no mundo inteiro. O *Times*, de Londres, dedicou-lhe um espaço nunca antes concedido a qualquer estrangeiro... Ver em: <http://www.academia.org.br/academicos/rui-barbosa>

mesmo que a crônica é um gênero menor. “Graças a Deus”, - seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. E para muitos pode servir de caminho não apenas para vida, que ela serve de perto, mas para a literatura [...] Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos cadentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas.

*A vida ao rés do chão. Crônica de Antonio Candido, 1980.*

Foi em sua viagem de exílio voluntário, em Paris, que Medeiros e Albuquerque escreveu suas crônicas de viagens para o jornal *A Notícia*. Intituladas de “De Lonje”, as crônicas eram lançadas em um fluxo semanal pelo jornal, permitindo que o leitor acompanhasse, quase que simultaneamente, as aventuras do intelectual, não só por Paris, mas por todos os lugares da Europa em que pode circular durante esta longa estadia. As crônicas surgem associadas à escrita jornalística que proporcionava o relato de fatos cotidianos apresentados, semanalmente, ao leitor, como descreve (SALVADOR, 2012). Ironicamente, fugia do país com o propósito de proteger-se de seus opositores políticos, mas seguia correndo risco de vida, refugiando-se no centro de um dos maiores conflitos já vividos pela humanidade: Primeira Guerra Mundial Sem saber o que lhe aguardava, já mandava notícias de sua viagem, deste o Vapor “Koing Friedrich”:

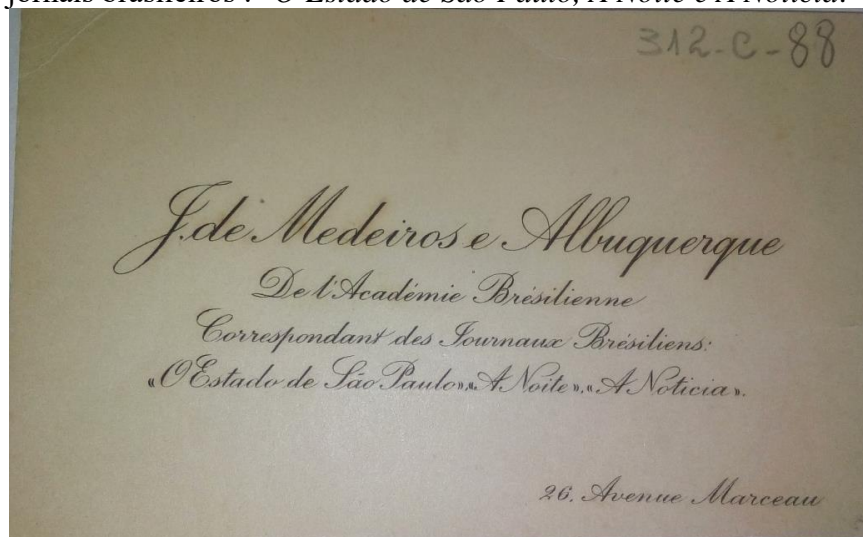
Embora eu esteja no quinto andar do vapor (assim se pode dizer) ocupando a cabine do quarto oficial, ainda assim tenho alguma coisa acima de mim sem ser Deus: é o posto do telegrafo. De vez em quando, ouço o telegrafista manipular o aparelho. Há uma formidável bobina de Rumkhorff e, cada vez que o empregado faz passar a corrente, uma faísca se acende entre dois carvões, fazendo um ruído que parece o de banha a frijir. Crepitam com estalos característicos as pequenas faíscas. O que me acode a lembrança em tais momentos é o consultório admirável do Dr. Alvaro Alvim, espécie de dique elétrico para onde entram, quando precisam concerto, os nervos estragados de quase todos os intelectuais do Rio de Janeiro. E’ aí que Ruy Barbosa, que Alcindo Guanabara, que Coelho Netto, que tantos outros vão de tempos em tempos reparar as forças. Aí me acostumei á vista as enormes bobinas Rhumokorff: o meu ouvido se afez a esse estalido crepitante. 16.09.1910

Através do telegrafo enviava suas crônicas e mantinha-se informado do que ocorria no Brasil. Não havia um determinado assunto específico em sua escrita, cada semana uma novidade sobre assuntos variados. Ao mapear as crônicas, encontrei escritos referentes à educação, que revelam mais sobre este sujeito e demonstram seu estranhamento enquanto um estrangeiro em Paris, assim como, também o estranhamento ao seu próprio país de origem,

fruto do distanciamento inerente à própria viagem. Talvez o barulho das bobinas Rhumokorff, utilizadas na máquina do telegrafo, passasse despercebido em outra ocasião que não fora essa causada pelo distanciamento de seus pares.

Um dos motivos de escrever este livro de viagens é revelado pelo próprio autor, que se refugiava da solidão através da escrita de suas vivências. “Paris era então uma cidade triste. Nas noites em que eu passava sozinho, comecei a escrever estas memórias para que me fizessem companhia. ‘Como para ser dois’ morei-me neste espelho de cousas velhas.”<sup>80</sup> Ao longo do livro é possível sentir em suas palavras uma certa tristeza por ter que exilar-se de seu país, ainda que, de maneira voluntária, como o mesmo explica, lhe causou profunda comoção. É irônico, ter que abandonar a república que ele mesmo promoveu e ajudou a fundar junto aos seus companheiros republicanos, ainda que, gostasse muito de Paris. Além da escrita de viagens, seu trabalho de jornalista correspondente também lhe ocupava o tempo e lhe ajudava no sustento durante os quatro anos em que esteve fora:

Figura 20- Cartão de apresentação do Intelectual Medeiros e Albuquerque na época em que viveu em Paris. No cartão, escrito em francês, apresenta-se como membro da Academia Brasileira de Letras e correspondente dos jornais brasileiros: “*O Estado de São Paulo, A Noite e A Notícia*.”



Fonte: Arquivo da Academia Brasileira de Letras

Os respectivos jornais em que colaborou noticiaram a viagem. Outro jornal que também pude encontrar algo a respeito foi *O Malho*, que cobriu sua partida, ao que o próprio jornal afirmou ser um “exílio voluntário”. Junto à foto do embarque de Medeiros e Albuquerque, na imagem é possível ver o intelectual rodeado de uma quantidade expressiva de pessoas que formam se despedir. Dentre eles familiares e amigos. De maneira sutilmente irônica, característica conhecida do jornal, e que da origem ao seu próprio nome, noticia ao leitor o acontecido, como é possível ver abaixo:

<sup>80</sup> (ALBUQUERQUE, 1981, p. 13)

Figura 21 - Imagem do embarque de Medeiros e Albuquerque em 1910.



Fonte: *O Malho*, 1910. Arquivo da hemeroteca digital da FBN

Encontrei crônicas a respeito do cinematógrafo em Paris. No ano de 1912, ele destaca a iniciativa de um político francês, que queria levar o cinematógrafo às escolas francesas, para passar filmes que contribuíssem para o aprendizado das disciplinas de história, geografia e ciências naturais. Fez algumas ressalvas e, comparando ao Brasil, Medeiros e Albuquerque chegou a imaginar como organizaria essa proposta, se estivesse na gestão da Instrução Pública:

Minha comissão – se fosse eu que a tivesse de nomear – compor-se-ia de Roberto Gomes, Coelho Netto e Oscar Lopes, autores dramáticos; de Capristano de Abreu, João Ribeiro e Vieira Fazenda, Historiadores; de Olavo Bilac e algum outro professor, conhecedores do ponto de vista pedagógico. Aliaz Roberto Gomes é como Olavo Bilac inspetor escolar e sabe portanto, muito bem as exigencias do ensino primário. Vieira Fazenda devia ser precioso para certas minúcias, que escapariam aos outros. 81

Sugeriu, por fim, que a instrução municipal adotasse a ideia de levar o cinema para as escolas públicas do Distrito Federal. Escreve também sobre a visita às escolas francesas, dando destaque às instalações. Para Medeiros e Albuquerque, as instalações escolares francesas eram mais estruturadas, porém, revela que a higiene das escolas do Rio de Janeiro era superior do que as de lá. Dá ênfase, deixando claro ao leitor o quanto chegava a ser difícil para ele circular pelos prédios, como o da Biblioteca Nacional Francesa, por da falta de asseio. Abaixo destacou um pouco de seu ponto de vista:

<sup>81</sup> Esta crônica saiu na edição do Jornal em 13 de março de 1912.



“ Aí no Rio o mal é que as escolas não sejam pintadas com frequência. São lavadas; mas isso não basta. Elas como a Benjamin Constant e a Normal, por onde passam todos os anos centenas e centenas de alunos precisavam ser pintadas anualmente. Isso não devia constituir uma obra, especialmente solicitada e encomendada, de tempos a tempos, como um fato extraordinário: devia ser um serviço, de periodicidade certa e que, todos os anos começasse em uma data certa, por assim dizer: automaticamente”.[...] Dir-se-a que podemos consolar, pensando que as escolas d’aquí de França, nem são lavadas? Melhor era que ninguém se consolasse com a sujeira alheia... Aliás é bom não esquecer que a mortalidade pela tuberculose é maior aí do que aqui.” 82

Em outra crônica, ele faz algumas comparações entre o ensino do Brasil, Inglaterra, Suíça e destaca o ensino francês e alemão como um dos melhores em “cultura intelectual”. Como o próprio pondera:

Evidentemente, aqui, como em toda a parte, o ensino não é perfeito; mas, segundo parece os dois grandes países da Europa onde a instrução secundária é boa são precisamente a França e a Alemanha. Na Inglaterra, Ella é, em regra detestável. Um diplomata brasileiro me rezumia a experiência que adquiria a esse respeito, dizendo que la o Sport é obrigatório e os estudos facultativos. A frase, no seu exajero, não está muito longe da verdade. A’ força de prestarem atenção á educação física, os ingleses acabaram por deixar a intelectual em plano muito inferior. Há países, como por exemplo a Suíça, em que a instrução esta tendendo a ser um simples ramo do que lá mesmo se chama a industria dos estrangeiros. Não faltam colejos admiravelmente instalados, onde o que mais se aproveita é o clima. Faz-se muito Sport e estuda-se muito pouco. Evidencialmente, em todos esses países é possível achar bons colejos, que satisfaçam as exigencias pedagógicas. Mas de um modo geral, em conjunto, para quem queira boa cultura intelectual, os dois países a procurar são a França e a Alemanha. E ainda uma vez: Oxalá tivéssemos aí, como um altíssimo progresso, o que se chama aqui crize da cultura.- M.A.”83

Quando foi deflagrada a primeira Guerra Mundial, por exemplo, Medeiros e Albuquerque contribui ao jornalismo informando, em primeira mão, como era viver em meio a toda aquela comoção. O jornal *A Notícia* faz uma edição especial sobre o conflito “Boletim da Guerra” e coloca, na primeira página, junto a outras informações, a coluna “de Lonje”. Nela, o intelectual fala do estado de tristeza e preocupação que abalava os franceses e os descreve, em suas próprias palavras, como se existisse, uma “atmosfera de abafamento dos espíritos”.

Figura 22- Página do Jornal a Notícia edição especial sobre a deflagração da primeira guerra mundial. 16/08/1914.

<sup>82</sup> Edição de 31 de julho de 1911, *A Notícia*

<sup>83</sup> Edição 23 de agosto de 1911 do *A Notícia*

A NOTICIA

PLENUM DA GUERRA

A CONFLAGRAÇÃO EUROPEA

Um radio-telegramma do Chanceller Alemão, dizendo que a lucta com a Russia é de vida e de morte e pedindo a sympathia dos Americanos para a Alemanha, em nome da civilização

Um ataque nocturno ao forte de Pontiss, em Liège — Os alemães retiram-se, varridos a metralha

O general French, commandante em chefe do exercito inglez no continente, esperado em Paris

UMA DAMA DA ALTA SOCIEDADE PRESA POR ESPIONAGEM EM ROMA

UM COMBATE EM SARREBOURG

A primeira bandeira alemã tomada pelos francezes — Ha um premio de 5.000 francos para o que tomasse a primeira bandeira

A RETIRADA DO EMBAXADOR AUSTRIACO DE LONDRES Os combates em Liège

A APREENHÃO DE UM VAPOR AUSTRIACO DE LONJE...

Paris, 16, ás 10,20 — As autoridades superiores do exercito pediram a Santos Dumont a ceder a uma porção de sua propriedade que se destinava a ser utilizada para o construido avião brasileiro...

Telegrammas de Roma COMO FOI RECEBIDO O "LIVRO AZUL" EM ROMA ROMA, 16 — Tem sido muito comentado o "Livro Azul" que acaba de ser publicado pelo governo italiano...

UMA DAMA DA ALTA SOCIEDADE PRESA EM ROMA COMO ESPIA ROMA, 16 — A policia prendeu uma senhora estrangeira, muito relacionada na alta sociedade e que é accusada de espionagem...

Telegrammas de Bruxellas UM ATaque nocturno ao forte de Pontiss, em Liège. — OS ALLEMAES RETIRAM-SE VARRIDOS A METRALHA BRUXELLAS, 16 — Os allemaes que sitiavam Liège, convocados afim de intensificar seus combates contra os fortes...

Diversos telegrammas PORTUGAL EMITTE MAIS PAPEL LISBOA, 16 — A circulação fidejaria de Portugal vai ser elevada a cento e vinte mil cópias...

OS CORONELIS ROÇADAS E MARIANO PORTUGUEZAS DE ANGOLA E MOÇAMBIQUE LISBOA, 16, ás 10,35 — Os coronéis Alvaro Roçadas e Mariano Amorim foram nomeados para commandar respectivamente as expedições militares que vão ser enviadas para Angola e Moçambique...

OS COMBATES EM LIÈGE BRUXELLAS, 16 — As forças allemas tentaram, novamente, apoderar-se do forte de Pontiss, Liège, recorrendo a repellidos assaltos...

OS COMBATES EM LIÈGE BRUXELLAS, 16 — As forças allemas tentaram, novamente, apoderar-se do forte de Pontiss, Liège, recorrendo a repellidos assaltos...

OS COMBATES EM LIÈGE BRUXELLAS, 16 — As forças allemas tentaram, novamente, apoderar-se do forte de Pontiss, Liège, recorrendo a repellidos assaltos...

OS COMBATES EM LIÈGE BRUXELLAS, 16 — As forças allemas tentaram, novamente, apoderar-se do forte de Pontiss, Liège, recorrendo a repellidos assaltos...

OS COMBATES EM LIÈGE BRUXELLAS, 16 — As forças allemas tentaram, novamente, apoderar-se do forte de Pontiss, Liège, recorrendo a repellidos assaltos...

OS COMBATES EM LIÈGE BRUXELLAS, 16 — As forças allemas tentaram, novamente, apoderar-se do forte de Pontiss, Liège, recorrendo a repellidos assaltos...

OS COMBATES EM LIÈGE BRUXELLAS, 16 — As forças allemas tentaram, novamente, apoderar-se do forte de Pontiss, Liège, recorrendo a repellidos assaltos...

OS COMBATES EM LIÈGE BRUXELLAS, 16 — As forças allemas tentaram, novamente, apoderar-se do forte de Pontiss, Liège, recorrendo a repellidos assaltos...

OS COMBATES EM LIÈGE BRUXELLAS, 16 — As forças allemas tentaram, novamente, apoderar-se do forte de Pontiss, Liège, recorrendo a repellidos assaltos...

OS COMBATES EM LIÈGE BRUXELLAS, 16 — As forças allemas tentaram, novamente, apoderar-se do forte de Pontiss, Liège, recorrendo a repellidos assaltos...

OS COMBATES EM LIÈGE BRUXELLAS, 16 — As forças allemas tentaram, novamente, apoderar-se do forte de Pontiss, Liège, recorrendo a repellidos assaltos...

OS COMBATES EM LIÈGE BRUXELLAS, 16 — As forças allemas tentaram, novamente, apoderar-se do forte de Pontiss, Liège, recorrendo a repellidos assaltos...

Fonte: Acervo da Hemeroteca digital da F.B.N

um livro qualquer e em especial de um romance de Julia Lopes que elle é bom. Menos do que isso ela não sabe fazer. [...] Todos conhecem o estilo de Julia Lopes, simples e fluente, mas por isso mesmo, empolgante”.

A coluna “de lonje”, que neste estudo interpreto como crônicas de viagens, escrita por Medeiros e Albuquerque, no jornal *A Notícia*, permitiu que pudesse conhecer mais sua trajetória. Conhecer melhor seu pensamento sobre diferentes assuntos da sociedade, na segunda década do século XX. É interessante que, mesmo distante, o intelectual fez-se presente na vida dos brasileiros, contribuindo para que cada leitor pudesse, através de seu olhar, embarcar junto nesta viagem.

### 3.3 A comissão à europa e o laboratório de psicologia do *Pedagogium*

Medeiros e Albuquerque possuía um interesse pelos assuntos de psicologia e psicanálise que floresciam e entravam na pauta das discussões de médicos, educadores e homens de Letras, nas primeiras décadas do século XX. Ampliou suas redes de sociabilidade com estudiosos destas áreas do conhecimento, com destaque a Antonio Austregésilo, Manoel Bonfim, Carneiro Leão e, seu próprio irmão, outro intelectual de destaque e médico, Mauricio de Medeiros. Além de estabelecer parcerias no país, também busca inteirar-se da produção científica de Piéron, Alfred Binet e Claparède. É possível encontrar na história da psicologia do Brasil referências ao pioneirismo do intelectual nesta área. O educador Lourenço Filho, por exemplo, destaca o trabalho de Medeiros e Albuquerque nos estudos da psicologia, em seu livro *A psicologia no Brasil*:

Não obstante, no Rio de Janeiro deveria surgir a primeira tentativa de renovação experimental, com a instalação de um laboratório de psicologia pedagógica, na instituição que se chamou Pedagogium. Criada em 1890, teve ela, até 1897, a forma de museu pedagógico. Nesse ano, nomeado diretor da instrução pública, no Distrito Federal, José Joaquim de Medeiros e Albuquerque (1867-1933) tratou de imprimir-lhe caráter de centro de cultura superior ao público. Embora não fosse médico, Medeiros e Albuquerque sempre se mostrou apaixonado pelas questões de medicina e, em particular, as de psicoterapia, através das quais veio a dedicar-se á psicologia. Foi o primeiro a divulgar, entre nós, a teoria periférica das emoções de William James e Lang: dos primeiros a escrever sobre psicanálise e o primeiro também a publicar um livro sobre testes; editou um volume sobre hipnotismo, cujos fundamentos estudou seriamente, e em cujas técnicas se tornou consumado; produziu vários estudos sobre questões gerais de psicologia, acolhidos no *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, de Paris e citados em tratados sobre a matéria. No Pedagogium fez Medeiros realizar um curso de Conferências sobre o sistema nervoso, entregue a Antônio Austrégésilo, então recentemente doutorado em medicina; e providenciou para a montagem do laboratório de psicologia, o primeiro a instalar-se no País, entregando-o a outro jovem médico, Manuel Bomfim (1868-1932); esse laboratório funcionou por mais de 15 anos, produzindo pesquisas, algumas das quais publicadas na revista *Educação e Pediatria*. Em 1911, teve

Bomfim a colaboração de Plínio Olinto, na cátedra da Escola Normal, onde ambos influíram por cursos e livros.( FILHO, LOURENÇO.1971, p. 123)

Na gestão da diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal, durante os anos de 1897 a 1906, Medeiros e Albuquerque já demonstrava interesse na área de psicologia tornando-se um grande entusiasta, junto ao educador Manoel Bomfim. O intelectual tenta angariar recursos para a criação do Laboratório de Psicologia do *Pedagogium* no ano de 1897. Esta primeira tentativa acabou sendo frustrada, como retrata o próprio autor<sup>84</sup>, mas posteriormente, Manoel Bomfim, finalmente, consegue dar sequencia ao projeto do primeiro laboratório de psicologia do Brasil. A criação do laboratório tem, em sua origem, a parceria entre esses dois sujeitos que buscavam no exterior o que havia de mais moderno em educação.

Primeiramente, o Laboratório foi planejado em Paris, sob a orientação do próprio Binet. Sob a liderança de Medeiros de Albuquerque, a proposta foi levada a Paris diretamente a Binet por Manoel Bomfim, que o dirigiu posteriormente (Antunes, 2007, p. 69). Em segundo lugar, chama atenção a contemporaneidade deste acontecimento. Fazia apenas um ano (1905) que Binet-Simon tinha dado a conhecer a primeira versão da Escala e que havia inaugurado com Simon seu próprio Laboratório de Pedagógico de Psicologia Experimental, na rua Grange-aux-Belles. No mesmo ano de 1906, Lewis Terman (1877-1956) propunha a revisão da Escala métrica (Stanford-Binet). Outro marco importante é a criação do Instituto de Psicologia de Pernambuco, por Ulysses Pernambucano, em 1925, Este Instituto seria transferido, em 1929, para o setor educacional, vindo a se chamar Instituto de Seleção e Orientação Profissional”. (ZAZZO, 2010, p. 33)

A Viagem realizada por Manoel Bomfim era referente a uma comissão, como salienta (GONTIJO, 2010, p. 151): “Em comissão pedagógica nomeada pela prefeitura, segue para a Europa, em agosto para estudar psicologia. Em Paris, é aluno de Alfred Binet e Georges Dumas, cujo laboratório – também frequentado pelo jovem Piaget – funcionava anexo à Clínica de Jouffroy, em Saint’Anne”. A viagem realizada em 1902 durou cerca de um ano. Medeiros e Albuquerque, enquanto diretor da Instrução Pública do Distrito Federal organizou esta viagem que, ao contrário do que se possa supor, não teve nenhum apoio do, então, prefeito da cidade, Sr. Pereira Passos. Em relatório ao prefeito, Medeiros e Albuquerque justifica a ausência de Bomfim e os custos da viagem:

Quanto á cessação das comissões na Europa a pesar do plural em que esta formulada é um caso interamente meo. O meo funcionário que se acha na Europa é o Dr, Manoel Bomfim, diretor do *Pedagogium*. Fez a viagem a sua custa. Obteve do professor hemeterio que o substituiu gratuitamente, não custa, portanto, um só vintém a mais á municipalidade. Si aqui estivesse, ganharia tanto como está ganhando lá. Só, portanto, alguma coisa de pessoal contra esse funcionário

<sup>84</sup> Nas memórias póstumas *Quando era vivo* o intelectual desabafa sua frustração diante da dificuldade de manter aberto o Laboratório de psicologia do *Pedagogium*, que para muitos parecia ser uma “grande extravagância” como relata o próprio intelectual. Mesmo enfrentando oposição, posteriormente, em 1906, último ano de sua gestão á frente da instrução pública, o laboratório consegue ser implantado no *Pedagogium*, como relata os estudos de Lourenço Filho e de René Zazzo aqui citados.

justificaria tal acto que, de outro modo, me parece que iníquo, porque elle fez a viagem a sua custa. Conto de que lhe seria dado o tempo bastante- que deve acabar em julho para poder estudar na Europa. Lá pagou a matricula em diversos custos que está frequentando. E basicamente ver-se-ia forçado a esse prejuizo. Afinal por muito que vem mandando os prefeitos, parece que há vantagem em manter uma certa continuidade nos actos da administração. O caso do Dr. Bomfim não abrirá precedentes de que haja a ressarcir. Em primeiro lugar poucos empregados poderão ir para Europa apenas com os seus vencimentos; em segundo lugar, raríssimos alcançarão substitutos gratuitos. E em todos os casos, o prefeito se pode oppôr. (ALBUQUERQUE, 1903, p. 1)

Este documento ajuda a compreender melhor em quais circunstâncias essa comissão foi realizada. Mostra as dificuldades enfrentadas para trazer tais novidades pedagógicas ao ensino público do Brasil. Medeiros e Albuquerque e Manoel Bomfim, por conta e riscos próprios, empreenderam este feito com a ajuda também de outro companheiro de instrução, o professor Hemetério José dos Santos. Assim, a participação de Medeiros e Albuquerque na promoção de uma viagem pedagógica ajuda a compor outra característica de sua atuação que vai além das suas próprias práticas de viagem. Além de Gontijo (2010), Antonio Gomes Filho, em seu artigo “Acerca dos psicólogos-educadores na cidade do Rio de Janeiro: Manoel Bomfim, Mauricio Campos de Medeiros, Plínio Olinto e Lourenço Filho”, apresenta a trajetória médica e educativa desses sujeitos no campo da psicologia e educação, tecendo, assim, sobre o trabalho de Manoel Bomfim na criação do laboratório:

Organizou, em 1906 (no *Pedagogium*), o que provavelmente terá sido o primeiro laboratório de psicologia experimental do Brasil. Sua preocupação em dominar as técnicas da psicologia experimental levou-o a Paris (em 1902), onde estudou com George Dumas, cujo laboratório funcionava anexo à Clínica de Joffroy, em Saint'Anne. Foi durante sua permanência em Paris que escreveu sua notável obra intitulada *A América Latina*. (PENNA, 1980, p. 11)

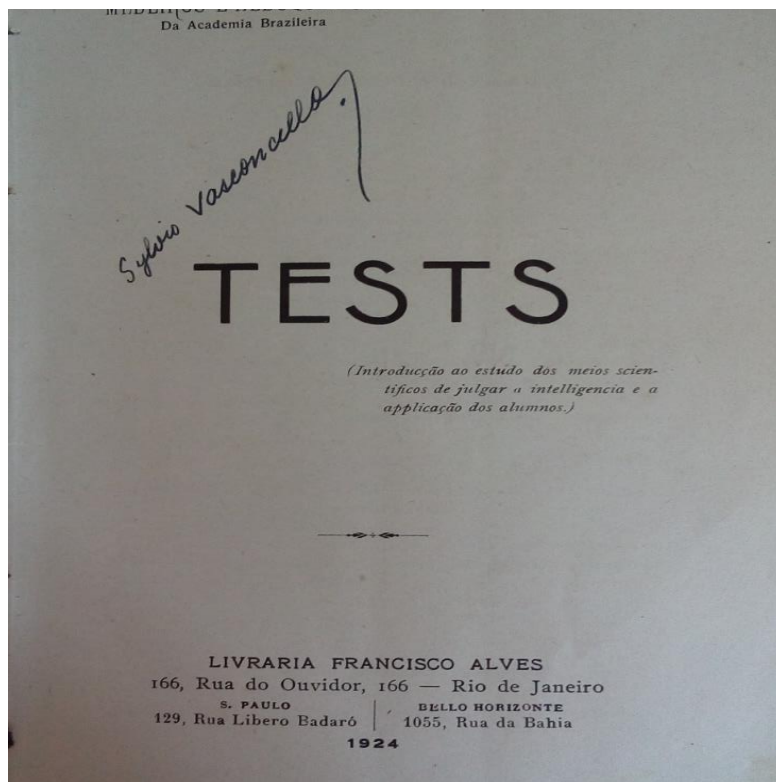
Ambos os estudos abordam sobre esta viagem e a criação do laboratório de Psicologia do *Pedagogium*, Através de um olhar sobre a trajetória do médico e educador, Manoel Bomfim, citam a comissão realizada à Paris, em 1902, mas acabam (in) visibilizando a participação de Medeiros e Albuquerque na criação da própria comissão, enquanto Diretor Geral da Instrução Pública. Talvez – interpreto – que por não assumir um cargo de caráter administrativo, os interesses e trabalhos de cunho pedagógico, principalmente, realizados no *Pedagogium* – como já foi abordado no segundo capítulo – acabam sendo pouco problematizados dentro do campo da História da Educação.

Desta forma, ao longo das primeiras décadas, as práticas educativas de sujeitos como Medeiros e Albuquerque e Manoel Bomfim fizeram parte de um período de amplas transformações na educação brasileira. Na trajetória de Medeiros e Albuquerque, interessa aqui ressaltar, que uma das suas propostas, enquanto diretor da Instrução Pública do Distrito

Federal, era a de modernizar o ensino nas escolas primárias, da escola normal e do *Pedagogium*, o que fica claro com a criação do Laboratório de Psicologia, do *Pedagogium*. Revelando, assim, o interesse deste sujeito nas ideias modernas de educação oriundas de países europeus.

Após o cargo, ele segue, no decorrer dos anos, aprofundando-se nos estudos de Binet e Piéron e de uma vasta literatura americana sobre testes avaliativos e psicológicos, voltando a contribuir na área com o lançamento, em 1924, do livro *Testes – introdução ao estudo dos meios científicos de julgar a inteligência e a aplicação dos alunos –*, o primeiro livro, no Brasil, sobre avaliação psicológica e educação. Os estudiosos brasileiros, nesta época viviam um grande debate e um período de grande empolgação com as novas ideias pedagógicas que estavam em circulação. No mesmo ano, por exemplo, a Associação Brasileira de Educação é criada, tornando-se um espaço de circulação de ideias modernas através de “conferências, palestras e cursos, editou revista, manteve correspondência com educadores de diferentes nacionalidades.” Como ressalta (MIGNOT E GONDRA, 2007, p. 8)

Figura 22 - Primeira edição de *Testes* ( Introdução ao estudo dos meios científicos de julgar a inteligência e a aplicação dos alunos)



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Ao cruzar estas distintas fontes aos estudos que focalizam Manoel Bomfim na historiografia da educação, com destaque ao material produzido por Gontijo (2010), é possível interpretar que havia se estabelecido uma parceria entre os dois sujeitos. Em a “Intervenção da União”, Manoel Bomfim fala sobre os conflitos políticos e alternâncias de governo no início da república que interferiram em seu trabalho, como aconteceu com a obra *A América Latina*. Abaixo, destaca a influência de Medeiros e Albuquerque e também a de Olavo Bilac, neste momento:

Foi assim que os resultados do esforço, se não me desanimaram, trouxeram, pelo menos, uma sorte de desilusões, quanto à propaganda pela imprensa, ou pelo livro, se bem que, então, eu fosse companheiro de Olavo Bilac e de Medeiros e Albuquerque, que sempre foram vozes em favor da instrução popular. Nesses dias de que falo, porém, não havia espaço para a propaganda que o caso exigia. Foi a fase do governo Rodrigues Alves, que contou com a atividade boa dos seus grandes auxiliares. Foi a hora feliz, em que se entregou o serviço de higiene carioca a Oswaldo Cruz. A turma de auxiliares votados ao programa com que se apresentava fez uma obra que agitou a opinião e se impôs às atenções. Foi um período mais cheio na vida normal da República, pois que não lhe faltaram nem os motins de soldadesca. (BOMFIM, 1932, p.69-85Apud GONTIJO, 2010, p.131)

Os documentos da Instrução Pública e as biografias tecidas sobre ambos os sujeitos, mostram uma parceria a favor da educação pública. Por seu turno, Manoel Bonfim assume, em definitivo, o cargo de diretor do *Pedagogium*, nomeado assim que a reforma entra em vigor, em março de 1897. Quando Medeiros e Albuquerque é afastado do cargo é Manoel Bomfim que assume a direção da Instrução Pública, em 1898. E, por fim, com a saída

definitiva de Medeiros e Albuquerque da Instrução Pública, em 1905, o educador volta a assumir este posto, deixando, temporariamente, a vaga de diretor do *Pedagogium*<sup>85</sup>.

### 3.4 Breves impressões sobre a Educação nos Estados Unidos

O intelectual considerava os Estados Unidos o expoente de estudos modernos sobre métodos avaliativos e, posteriormente, teve a oportunidade de viajar, mais precisamente em 1926, para passar vinte e oito dias no país, em ocasião de um congresso de jornalistas. Em trânsito pelo país, por um pouco mais de um mês, narra aos brasileiros, em uma conferência à Academia Brasileira de Letras<sup>86</sup>, sobre seu estranhamento à cultura norte americana. Faz sua interpretação do sistema jurídico americano, da imprensa, através de suas leituras do jornal, que circulava na cidade – o *Times* – sobre a igreja presbiteriana e também sobre a educação de nível superior, como narra a seguir:

A educação só se póde aludir com extasiada admiração. Ver por exemplo a Escola Normal, o Teachers College, da Universidade de Columbia, não pode deixar de infundir um imenso respeito pela obra daquele núcleo de grandes educadores entre os quais sobressai o ilustre professor Thornndyke, cujo nome é respeitado em todo o mundo. Há coisas grandiosas em matéria de educação, que só ali se ousam e só ali se levam a cabo. (Albuquerque, 1931, p. 59)

Lamentavelmente, finaliza nesse parágrafo as questões de ensino. No livro, Medeiros e Albuquerque não adentra mais sobre os assuntos da Educação, apenas deixa escapar que tinha interesses desse gênero, mas não diz quais interesses eram esses: “Em Nova York eu tinha que estudar certas coisas de instrução consegui todas as facilidades, graças á amabilidade do Decano Russell, da Columbia University”( Albuquerque,1931, p. 41). Talvez ele tenha deixado essas questões escritas em outros documentos, porém até o momento, não consegui localizar nada além destas breves impressões. Mas, de qualquer forma, para aqueles que ouviram sua conferência ou que a leram através de seu livro de viagens, conseguiram, ao menos, obter uma interpretação educativa dos Estados Unidos dos anos 20.

### CONSIDERAÇÕES ANTES DE SEGUIR POR NOVOS INDÍCIOS

Entre fragmentos, vestígios e rastros presentes nas folhas amareladas que documentam um tempo pretérito, o mosaico da trajetória de Medeiros e Albuquerque foi apresentado. Os livros escritos por este intelectual, os relatórios da Instrução Pública, os registros impressos

<sup>85</sup> Vale ressaltar, que nos últimos anos de funcionamento do *Pedagogium*, Manoel Bomfim voltava a sua direção. Ver em MIGNOT( 2013).

<sup>86</sup> Essa conferência está transcrita na íntegra no capítulo “ trinta e oito dias nos Estados Unidos” de seu livro de viagens “ Por Alheias Terras”.



nos jornais e as cartas depositadas nos arquivos e nas instituições de guarda ajudaram a compor a minha interpretação, focalizando nos assuntos da Educação na primeira república. As instituições, a partir de suas práticas reformadoras, tomaram uma forma singular, quando aqui problematizadas. Medeiros e Albuquerque deixou nelas sua marca, suas ideias cívicas e republicanas.

No primeiro capítulo, suas estratégias de legitimação e consagração, enquanto político e homem de Letras ajudam a compreender seu pensamento, assim como os fios que compõem sua complexa rede de sociabilidades. Ainda jovem, apoia o movimento abolicionista e integra o grupo dos republicanos, participando ativamente dos comícios clandestinos de Silva Jardim. Feita república, cresce rapidamente como político, através do apoio de Benjamim Constant. Sofre retaliações por posicionar-se a favor da campanha de Floriano Peixoto, por conta disto é perseguido e fica asilado na embaixada do Chile. Como deputado, atua expressivamente a favor dos homens de Letras, criando a lei “Medeiros e Albuquerque”, primeira lei de direitos autorais do Brasil.

No mesmo ano em que assumia o cargo de Diretor da Instrução Pública, criava junto ao seletivo grupo dos homens de Letras, liderado por Machado de Assis, a primeira Academia Brasileira de Letras do Brasil. Assim legitimava-se também no campo da Educação e das Letras. Buscava criar uma unidade nacional. Em todos os espaços em que atuou, sempre punha em prática o ideal republicano. Apresentei nestas páginas, caro leitor, sua figura à frente da diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal como uma representatividade intelectual que contribuiu para disseminar a propaganda política e moldar o povo dentro de uma lógica cívica e patriótica, através da Educação. Tomo a capital federal, em plena Belle Époque carioca, como uma “mise- en -scène” de uma cidade moderna que queria deixar para trás todo o passado de doenças, analfabetismo e desordem urbana. A reforma que empreendeu a frente da Instrução pública do Distrito Federal, a partir de 1897, modificou quase todo o sistema pedagógico, extinguindo as escolas de Segundo Grau e usando a verba para ampliar o ensino primário. Ao *Pedagogium*, debruçou boa parte de seus esforços dando uma cara nova e buscando minimizar o efeito da municipalização e da pouca verba destinada a esta instituição.

As mulheres tornaram-se protagonistas do ensino na capital federal. Atuou junto a elas, as vendo, assim, como iguais em direitos e companheiras na mesma luta republicana. Na sua gestão, uma quantidade expressiva de mulheres assume cargos de destaque na Instrução Pública do Distrito Federal, como o Conselho de Instrução ou, no caso mais específico, o da educadora Esther Pedreira de Mello, que assume também a inspetoria de um dos distritos

escolares. Contudo, sua atuação se mostrou limitada ao criar um Instituto Profissional Feminino, com uma educação voltada para antigos princípios de moralidade e restrição da atuação da mulher na sociedade. Apesar das contradições era visto por seus pares como um feminista. Chegou a ser ironizado pela imprensa e por aqueles que não aceitavam o protagonismo feminino na sociedade. Visibilizar a mulher no magistério através da trajetória de Medeiros e Albuquerque abre espaço para realizar, futuramente, um estudo mais aprofundado sobre as práticas destas mulheres na instrução pública, por exemplo.

No terceiro capítulo, procurei fazer uma leitura da trajetória de Medeiros e Albuquerque a partir de uma de suas, múltiplas, facetas – a de viajante. A partir de um estudo das escritas de si, deste sujeito, pude mapear os itinerários de viagem, dispersos em seu livro de memórias póstumas *Quando era vivo* e em seu livro de viagens *Por alheias terras*. Os periódicos, enquanto “espaços de memória”, tornaram-se também uma fonte importante e reveladora de suas práticas de viagens. Realizou viagens de estudos, viagens para participar de eventos, exilou-se em Paris por oposição política a Hermes da Fonseca, a favor da campanha civilista realizada por Ruy Barbosa. De lá colaborou para diferentes jornais, trazendo notícias e atuando, ainda que distante, na cena política, literária e educativa da capital federal, durante os anos de 1910 a 1916. Lançou mão, portanto, das viagens ao longo de sua trajetória de forma a legitimar-se e intervir no campo intelectual, como fizeram alguns de seus pares.

Promoveu uma comissão à Europa, junto a Manoel Bomfim, enquanto diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, colaborando para tornar possível a instauração de um laboratório de psicologia no *Pedagogium* – o primeiro do Brasil –, segundo estudiosos do campo da psicologia, como o educador Lourenço Filho. Viajou a França, Portugal, Estados Unidos, entre outros países da Europa e América Latina, como cita em “Alheias Terras” – algumas dessas viagens foram aqui tratadas. Considero que as práticas de viagens de Medeiros e Albuquerque se tornaram reveladoras. Interpreta-lo enquanto um intelectual viajante permitiu por evidência uma parte de sua trajetória que seguia, ainda, pouco explorada, ou até mesmo, (in) visibilizada no campo da história da educação.

Ainda há muitas questões a serem problematizadas que abrem um caminho para estudos futuros dentro do campo da História da Educação, seja sobre a reforma da Instrução Pública, sobre o magistério feminino ou sobre as viagens. Pensar Medeiros e Albuquerque como viajante foi o ponto inicial para a pesquisa das práticas de viagem sobre este sujeito. A dispersão documental e pouco relevo dado às questões educacionais pelo intelectual em suas memórias, como também no caso da viagem aos Estados Unidos, seguem sendo pistas a

serem investigadas e problematizadas. Saliento, aqui, que focalizar na trajetória deste sujeito foi uma estratégia que me permitiu ampliar as possibilidades de estudo sobre o caráter educacional de suas práticas. Portanto, esta é uma das múltiplas possibilidades que este sujeito pode ser interpretado, compreendendo que nenhuma biografia é linear, assim como, nenhuma temática encontra-se esgotada. Desta forma, como “se eu fosse Sherlock Holmes” prometo ao caro leitor continuar a seguir os rastros e a lançar-me em novos estudos.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996.
- ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando era vivo*. Rio de Janeiro: Leite & Maurillo, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Por Alheias Terras*. Rio de Janeiro: editora Americana, 1931.
- \_\_\_\_\_. *Testes*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1924.
- \_\_\_\_\_. *Em voz alta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.
- \_\_\_\_\_. *Minha vida*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934.
- \_\_\_\_\_. *Se eu fosse Sherlock Holmes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.
- \_\_\_\_\_. *Parlamentarismo e presidencialismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editor Calvino Filho, 1932.
- \_\_\_\_\_. *Poesias*. Rio e Janeiro: Garnier, 1904.
- ALMEIDA, A, Ana Maria. Um “mestiço irrecusável: Tito Lívio de Castro e o pensamento cientificista no Brasil do século XIX. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2008.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulheres na escola: Algumas reflexões sobre o magistério feminino*. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.96, 71-78, fev, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*, Editora da Unesp, 1998
- AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Mulheres educadas para governar: o cotidiano das “lições” nas cartas das Princesas Isabel e Leopoldina*. Petrópolis, RJ, Universidade Católica de Petrópolis, 2012. Dissertação de Mestrado em Educação
- AZEVEDO, André Nunes de. *A reforma Pereira Passos: Uma tentativa de integração conservadora: Tempos Históricos, Paraná, n. 2, p. 151-183, Set. 2015.*
- BASTOS, Maria Helena Câmara Bastos. *Pro Patria Laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897)*. Editora EDUSF: Bragança Paulista/SP, 2002
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de. Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990
- BILAC, Olavo. *A Defesa Nacional (discursos)*. Rio de Janeiro: Liga da Defesa Nacional, 1917.
- CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1984. v. 5, Prefácio

CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. Os Bestializados: O Rio de Janeiro e República que não foi, São. Paulo Ed. Companhia das Letras, 1987.

CASTELLO, José Aderaldo. A literatura brasileira origem e unidade (1500-1960). Vol. II. São Paulo: EDUSP, 1990.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. "De la tipografía al manuscrito. Culturas epistolares en la España del siglo XVIII". Culturas del escrito en el mundo occidental. Del Renacimiento a la contemporaneidad Madrid: CASA DE VELAZQUEZ. 2015, p. 77-93.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CIAVATTA, Maria. A Formação Integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. 2008 Disponível em <<http://www.uff.br/trabalhonecessario/TN3%20CIAVATTA,%20M..pdf>>

CUNHA, M. T. S. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013. Editora UFPR.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre Práticas e Representações. Lisboa: DIFEL, 1990

DEL PRIORE, Mary (org.). História das Mulheres no Brasil, 2 ed, São Paulo: Contexto, 1997

DAOU, Ana Maria. A belle époque *amazônica*. Rio de Janeiro, RJ. Jorge Zahar Editor, 2000.  
EDMUNDO, Luiz (1880-1961). O Rio de Janeiro do meu tempo. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003

EL FAR, A. A formação de um grupo de imortais nos primeiros anos da república. Cadernos de Campo, São Paulo, V. 7, p. 53- 67, 1998

\_\_\_\_\_. A presença dos ausentes: a tarefa acadêmica de criar e perpetuar vultos literários. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.25, p.119-134, 2000

\_\_\_\_\_. O livro e a leitura no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. GINZBURG, Carlo; tradução Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-180.

GOMES, Angela de Castro. Essa Gente do Rio... Modernismo e Nacionalismo. Rio de Janeiro: FGV, 1993

\_\_\_\_\_. (org). Escrita de si, *escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.489 p.

GONDRA, José G. Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004

\_\_\_\_\_. O veículo de circulação da Pedagogia Oficial da República: a revista pedagógica. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 78, n. 188/189/190, p. 374-395, 1997.

GONTIJO, Rebeca. Manoel Bomfim. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010

HALLEWELL, Lourence. O livro no Brasil: sua história. (Tradução Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005

HANSEN, Patrícia Santos. Os primeiros livros infantis brasileiros: análise da literatura cívico-pedagógica de ficção. Rio de Janeiro: Programa Nacional de Apoio à Pesquisa - FBN/MinC, 2009.

JARDIM, Antônio da Silva. Memórias e Viagens: Campanha de um propagandista (1887-1889). Lisboa: Tip. da Companhia Nacional Editora, 1891.

LEITE, Mirian Lifchitz Moreira. Livros de viagem(1803-1900). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997

LOURENÇO FILHO, M.B. A psicologia no Brasil. In Azevedo, F. (org.), As ciências no Brasil. Melhoramentos, SP, 1955. (Reeditado em Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada, vol. 23, set.1971).

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. A Semana. Rio de Janeiro: A Gazeta de Notícias, Agosto 1893.

MARQUES, Jucinato de Sequeira. O fio e os rastros da escolarização do distrito federal (1890-1906) Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. Do Império à República. Palestra realizada no ciclo "E assim se proclamou a República", organizado pela Biblioteca Nacional em 8 de junho de 1989. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 4, 1989, p.163 - 171.

MIGNOT, A. C. V.. Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Alvaro Alberto. 1ª. ed. Bragança Paulista: Editora da Universidade de São Francisco, 2002.

\_\_\_\_\_. O carteiro e o educador: práticas políticas na escrita epistolar. Revista Brasileira de História da Educação, São Paulo, n. 10, jul./dez. 2005

\_\_\_\_\_. Pedagogium símbolo da Modernidade Educacional Republicana. Rio de Janeiro: Quartet, FAPERJ, 2013.

MIGNOT, Ana Chrystina; GONDRA, José G. (orgs). Viagens Pedagógicas. São Paulo: Cortez, 2007.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; VARELLA, Jacqueline de Albuquerque. Entre (auto)biografias: Medeiros e Albuquerque na construção da educação republicana. In: (org.). Pedagogium: símbolo da modernidade educacional republicana. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

MIZUKAMI, Jorge Nicoletti. Função social da propriedade intelectual: Compartilhamento de arquivos e direitos autorais na CF/88. Dissertação (mestrado em direito), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007

NAGLE, Jorge. Educação e Sociedade na Primeira República. São Paulo: EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. (trad. Yara Aun Khoury). Proj. História, São Paulo. n. 10, dez, 1993, p. 7-2

OCTAVIO, R. Minhas memórias dos outros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1934

ORLANDO, E . A. Quando o mundo cabe na bagagem às experiências de formação e distinção de Maria Junqueira Schimidt no cenário educacional brasileiro. In: SILVA, Alexandra; ORLANDO, Evelyn. A; DANTAS. Maria José. (orgs). Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas. Curitiba: CRV, 2015

\_\_\_\_\_. Educar-se para Educar: o projeto pedagógico do Monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964). 2013. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação

PENNA, A.G. Formação de psicólogos no Brasil. Arquivos Brasileiros de Psicologia. n. 32 (1); 545-548, RJ, 1980.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. Tradução de Ângela M.S. Corrêa, São Paulo: Contexto, 2007.

POLLAK, M. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PRÁ, Reis. Jussara; CEGATTI. Amanda. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 10, n. 18, p. 215-228, jan./jun. 2016.

RAMINELLI, Ronald. "Eva Tupinambá". In: DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto e Ed. da UNESP, 1997

RIZZINI, Irma; GONDRA, José G. Higiene, tipologia da infância e institucionalização da criança pobre no Brasil (1875-1899). Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 19 n. 58 jul.-set. 2014

SALVADOR, Vitor. A "crônica literária" de Medeiros e Albuquerque: resenhas e notícias literárias publicadas no vespertino A Notícia de 1897 a 1908. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012

SALGADO, Marcus Rogério Tavares Sampaio. A vida vertiginosa dos signos: a recepção do idioleto decadista na belle époque tropical. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

SANTOS, Heloisa Helena Meirelles dos. A Congregação da Escola Normal: da legitimidade outorgada à legitimidade (re) conquistada (1880-1910). 2011.155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. Esther Pedreira de Mello: múltiplas faces de uma mulher (in) visível (1880-1923). Tese (Doutoramento em Educação). Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (org.) A Escrita da História: novas perspectivas. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 75.

SILVA, Alexandra Lima da. Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. Intelectuais viajantes: caminhos para uma história da educação na América Latina. *Intellèctus*, ano XIV, n. 1, 2015, p. 1-16.

SILVA, Shayenne Schneider. Mestre das palavras: missão educativa de Coelho Netto na política, na imprensa e nas escolas. 2017. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

SIRINELLI, Jean-François (1996). Os intelectuais. In: RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, pp.231-270.

SODRÉ, N. W. (1966 -1999). História da imprensa no Brasil. 4a edição com capítulo inédito. Rio de Janeiro: Mauad, 1966.

SCHWARCZ, Lilia. M. Contos Completos de Lima Barreto. Rio de Janeiro. Companhia das Letras, 2010.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello Educação escolar na primeira república: memória, história e perspectivas de pesquisa. *Tempo*, 2009, vol.13, n.26, p.32-55.

VARELLA, Jacqueline de Albuquerque. Instrução Pública e Instituições Educacionais na trajetória intelectual de Medeiros e Albuquerque. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. A casa e os seus mestres. A educação no Brasil de Oitocentos. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

VASCONCELOS, Maria Celi; FELIX, Ignez. Histórias de vida: mulheres professoras e a escolha do magistério: *Indagatio Didacta*, Aveiro. N.2, 2013, pp. 274- 288



VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. n. 28, 2001, p. 23-47

VIÑAO FRAGO, Antonio. Viajes que educan. In: MIGNOT, Ana Chrystina e GONDRA, José G. (orgs). *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007, pp.15-38.

ZANON, Maria Cecilia. A sociedade carioca da Belle Époque nas páginas do nas páginas do Fon-Fon!. *Patrimônio e Memória*, v. 4, n. 2, p. 217-235, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/108024>.

ZAZZO, René. *Alfred Binet*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.

Documentação consultada:

Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa:  
Série Correspondências, Dossiê Medeiros e Albuquerque

Arquivo da cidade do Rio de Janeiro:  
Sessão de Escrita e Documentação Especial –  
Relatório da Instrução 1893 – 1894 – 1901 – 1909.  
Livro dos Funcionários da Diretoria Geral da Instrução Publica 1898-1917.  
Funcionários. Diretoria Geral, pessoal administrativo e do magistério 1896- 1900.  
Livro de Apreciações de Medeiros e Albuquerque sobre vários assumptos, 1903.  
Instrução Pública Conselho de Ensino (1880- 1900)

Biblioteca da Academia Brasileira de letras:  
ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Em voz alta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909.  
ALBUQUERQUE, Medeiros e . *Minha vida*. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1934.  
*Academia Brasileira de Letras 100 anos*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1997  
*Discursos proferidos na solemnidade de integra e diplomas ás normalistas, no anno escolar de 1903*. Typografia do Instituto Profissional, 1904  
MEDEIROS, Mauricio de. *Homens Notáveis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964

Arquivo da Academia Brasileira de Letras:  
Correspondências de Medeiros e Albuquerque 1894 a 1934

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin:  
*Revista Kosmos*

Brasília Iconografia:  
Acervo Francisco Pereira Passos

Fundação Biblioteca Nacional  
*Revista Educação e Ensino*, Tomo I, 1897.

Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional:  
*Jornal O Malho*  
*Jornal A Notícia*  
*Jornal A Noite*  
*Jornal A gazeta de Notícias*  
*Almanack Laemert*, 1897 á 1906

## Sites:

<https://www.bbm.usp.br>

<http://www.brasilianaiconografica.art.br/>

<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-496-1-agosto-1898-540039-publicacaooriginal-39820-pl.html>

[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico\\_educacao\\_profissional.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf)

## Biografias

Biografia Afrânio Peixoto. Disponível em : <http://www.academia.org.br/academicos/afranio-peixoto/biografia> [ consulta em 20 de outubro de 2017]

Biografia Coelho Netto. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/coelho-neto/biografia> [ consulta em 20 de outubro de 2017]

Biografia Viriato Correia. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/viriato-correia/biografia> [ consulta em 20 de outubro de 2017]

Biografia Alaor Prata. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PRATA,%20Alaor.pdf> [ Consultada em 20 de outubro de 2017]

Biografia Olavo Bilac. Disponível em:

<http://www.academia.org.br/academicos/olavobilac/biografia>

Silva Jardim. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/JARDIM,%20Silva.pdf>

Biografia Alcindo Guanabara. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/GUANABARA,%20Alcindo.pdf>

Luis Edmundo. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/luis-edmundo/biografia>

Benjamin Constant. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/CONSTANT,%20Benjamin.pdf>

Rodrigo Octavio. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/rodrigo-octavio/biografia>

José Cesário Alvim. Disponível em:

<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/ALVIM,%20Cesário.pdf>

Biografia Machado de Assis. Disponível em:

<http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>

Biografia José Veríssimo. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia>

Oswaldo Cruz. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/osvaldo-cruz/biografia>

Carlos Sussekind de Mendonça Filho. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa519622/carlos-sussekind>

Leôncio Correia. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIA,%20Leôncio.pdf>

Mauricio de Medeiro. Disponível em: ver em:  
[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Mauricio\\_de\\_Medeiros](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/Mauricio_de_Medeiros)

Biografia Rui Barbosa. Disponível em:  
<http://www.academia.org.br/academicos/ruibarbosa/biografia>